

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

EDUARDO HENRIQUE GRUEN FURLANETTO

FRITZ PLAUMANN:

**UM ESTUDO DAS RELAÇÕES CULTURAIS E SOCIAIS DO IMIGRANTE ALEMÃO
EM NOVA TEUTÔNIA (1924-1994)**

CHAPECÓ

2025

EDUARDO HENRIQUE GRUEN FURLANETTO

FRITZ PLAUMANN:

UM ESTUDO DAS RELAÇÕES CULTURAIS E SOCIAIS DO IMIGRANTE ALEMÃO
EM NOVA TEUTÔNIA (1924-1994)

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Radin

CHAPECÓ

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Furlanetto, Eduardo Henrique Gruen
Fritz Plaumann: Um estudo das relações culturais e
sociais do imigrante alemão em Nova Teutônia (1924-1994)
/ Eduardo Henrique Gruen Furlanetto. -- 2025.
116 f.:il.

Orientador: Doutor José Carlos Radin

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História,
Chapecó, SC, 2025.

1. Imigração Alemã. 2. Identidade Cultural. 3.
Transformações Sociais. 4. História Regional. 5.
Entomologia. I. Radin, José Carlos, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

EDUARDO HENRIQUE GRUEN FURLANETTO

FRITZ PLAUMANN:

**UM ESTUDO DAS RELAÇÕES CULTURAIS E SOCIAIS DO IMIGRANTE ALEMÃO
EM NOVA TEUTÔNIA (1924-1994)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como
requisito para obtenção do título de mestre.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 24/11/2025.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

JOSE CARLOS RADIN

Data: 08/02/2026 16:03:11-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a José Carlos Radin – UFFS
Orientador



Documento assinado digitalmente

ANTONIO MARCOS MYSKIW

Data: 13/02/2026 10:23:04-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Antonio Marcos Myskiw – UFFS
Avaliador



Documento assinado digitalmente

EDUARDO RELLY

Data: 13/02/2026 10:06:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Relly – UFSC
Avaliador

À minha família, que sempre acreditou em mim e me ensinou o valor da persistência e do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e ao Programa de Pós-Graduação em História pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa, pela estrutura disponibilizada e pelo ambiente acadêmico que estimula o pensamento crítico e o diálogo entre diferentes perspectivas da História.

Ao Professor Dr. Antonio Marcos Myskiw, coordenador do Programa, pela dedicação e pelo trabalho constante em prol do fortalecimento da pós-graduação e da pesquisa histórica na instituição.

Expresso meu sincero agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio concedido por meio da bolsa de pesquisa, que possibilitou o avanço desta investigação.

Ao meu orientador, Professor Dr. José Carlos Radin, manifesto profunda gratidão pela orientação atenta, pelas leituras criteriosas e pelas valiosas contribuições teóricas e metodológicas. Sua escuta paciente e suas intervenções precisas foram fundamentais para o amadurecimento deste trabalho e para o desenvolvimento do olhar historiográfico que o sustenta.

À minha família, pelo amor incondicional e pelo apoio constante em todas as etapas desta caminhada. Sem a compreensão e o incentivo familiar, esta pesquisa não teria sido possível.

Estendo meus agradecimentos ao Museu Entomológico Fritz Plaumann, por abrir suas portas e disponibilizar documentos, fontes e espaços de memória essenciais para a construção desta dissertação. Agradeço também à pastora Angela Hardke, da IECLB – Paróquia de Seara, pela gentileza e pelo auxílio na disponibilização das atas da igreja redigidas por Fritz Plaumann, fontes de grande relevância para o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, registro minha gratidão à comunidade de Nova Teutônia, cuja história, identidade e compromisso com a preservação da memória local inspiraram e deram sentido a este estudo. Este trabalho é também uma homenagem às pessoas que mantêm viva a herança cultural e científica do lugar.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (Le Goff, 1993, p. 476)

RESUMO

Esta pesquisa investiga as relações culturais e sociais em Nova Teutônia (SC) entre 1924 e 1994, a partir da trajetória de Fritz Plaumann, imigrante alemão que se destacou como entomólogo, professor e figura central na formação da identidade local. O objetivo do estudo é compreender como Plaumann, ao interagir com comunidades indígenas, caboclas e demais grupos migrantes, contribuiu para a construção de uma dinâmica intercultural marcada por trocas de saberes, práticas científicas e transformações sociais. A pesquisa analisa como sua atuação científica, especialmente por meio da correspondência com pesquisadores, da documentação fotográfica e da organização do acervo entomológico, articulou-se com o processo de colonização, com os impactos do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial e com a consolidação do Museu Entomológico Fritz Plaumann. A partir de uma abordagem da História Social e Cultural, combinando análise documental, correspondências inéditas, fotografias e registros pessoais, demonstra-se que Plaumann produziu ciência em meio à escassez de recursos e contribuiu para a formação de uma identidade regional baseada no diálogo entre ciência, natureza e diversidade cultural. Ao evidenciar essas dinâmicas, o trabalho destaca a relevância de questões como migração, interculturalidade e preservação da memória no contexto do Alto Uruguai catarinense.

Palavras-chave: Imigração Alemã; Identidade Cultural; Transformações Sociais; História Regional; Entomologia.

ABSTRACT

This research investigates the cultural and social relations in Nova Teutonia (SC) between 1924 and 1994, through the trajectory of German immigrant Fritz Plaumann who distinguished himself as an entomologist, teacher, and central figure in the formation of local identity. The purpose of this study is to understand how Plaumann, by interacting with Indigenous peoples, *caboclos*, and other migrant groups, contributed to the construction of an intercultural dynamic through the exchange of knowledge, scientific practices, and social transformations. This research analyzes his scientific action, especially through correspondence with researchers, photographic documentation, and organization of the entomological collection, articulated with the regional colonization process, the impacts of the Estado Novo and the Second World War, and the consolidation of the Fritz Plaumann Entomological Museum. Within the framework of Social and Cultural History, and in combination with document analysis, unpublished correspondence, photographs, and personal records, this study demonstrates that Plaumann generated scientific knowledge despite limited resources and contributed to the formation of a regional identity based on the dialogue among science, nature, and cultural diversity. By highlighting these dynamics, the research accentuates the relevance of issues such as migration, interculturality and preservation of memory in the context of the Alto Uruguai region in Santa Catarina.

Keywords: German Immigration; Cultural Identity; Social Transformation; Regional History; Entomology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Nova Teutônia - Ano de 1938.....	13
Figura 2 - Mapa das áreas de colonização da Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia.....	26
Figura 3 - Família de Pedro Klein em dia de pesca, 1929.....	34
Figura 4 - Casa comercial alugada por Fritz Plaumann em Nova Teutônia, 1929.....	39
Figura 5 - Indígenas da região do Rio Irani, fotografados por Fritz Plaumann, 1925.....	44
Figura 6 - Igreja/Escola construída pela comunidade e inaugurada em 20/03/1927, foto registrada por Plaumann em 1941.....	61
Figura 7 – Fritz Plaumann e sua esposa Clarissa no jardim de sua residência, abril de 1965..	75
Figura 8 – Casa onde Fritz Plaumann viveu até o fim de sua vida.....	80
Figura 9 - Museu Fritz Plaumann no ano de sua inauguração – 1988.....	85
Figura 10 - Borboleta fêmea <i>Morpho anaxibia</i> (Nymphalidae), presente como símbolo em frente ao Museu Fritz Plaumann.....	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI	Área Indígena
CEOM	Centro de Memória/Estudos do Oeste Catarinense
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
CRV	Editora CRV.
DP&A	Editora DP&A.
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz.
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
SC	Santa Catarina.
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul.
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina.
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas.
UNOESC	Universidade do Oeste de Santa Catarina.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DE NOVA TEUTÔNIA ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1930	21
2.1	O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO EM NOVA TEUTÔNIA	21
2.2	FRITZ PLAUMANN E A INSERÇÃO DO NOVO IMIGRANTE NO OESTE CATARINENSE	27
2.3	A RELAÇÃO DE PLAUMANN COM OS DIFERENTES GRUPOS ÉTNICO-SOCIAIS QUE COMPUNHAM A COMUNIDADE DE NOVA TEUTÔNIA ...	39
2.3.1	Os povos indígenas	40
2.3.2	A cultura e identidade cabocla.....	45
3	CULTURA, RELIGIÃO E CIÊNCIA EM NOVA TEUTÔNIA	52
3.1	AS MUDANÇAS DAS DINÂMICAS SOCIAIS DE NOVA TEUTÔNIA DURANTE O ESTADO NOVO E A INFLUÊNCIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	52
3.2	O LUTERANISMO EM NOVA TEUTÔNIA E A VISÃO DE PLAUMANN SOBRE A RELIGIÃO	58
4	O LEGADO DE FRITZ PLAUMANN: CORRESPONDÊNCIAS E IDENTIDADE EM NOVA TEUTÔNIA.....	73
4.1	A REPRESENTAÇÃO DE NOVA TEUTÔNIA NAS CORRESPONDÊNCIAS DE FRITZ PLAUMANN	73
4.2	CAMINHOS DE REFLEXÃO A PARTIR DO IMPACTO CULTURAL DO MUSEU ENTOMOLÓGICO FRITZ PLAUMANN NO MUNICÍPIO DE SEARA	81
4.3	AS REPRESENTAÇÕES DE FRITZ PLAUMANN SOB O OLHAR DA COMUNIDADE E DA IMPRENSA	88
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
6	REFERÊNCIAS	102
6.1	BIBLIOGRAFIAS	102
6.2	FONTES.....	105
7	ANEXOS.....	108

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação analisa as relações culturais e sociais em Nova Teutônia com a chegada dos imigrantes e migrantes alemães, no período de 1924 a 1994, a partir do olhar de Fritz Plaumann. Busca compreender o pensamento de Plaumann acerca da natureza, do meio ambiente e da sociedade em que se inseriu, sobretudo nas relações que estabeleceu com os diferentes grupos étnicos, estabelecendo paralelos e distinções entre suas concepções e o pensamento da comunidade local.

O início do século XX representa um período de significativa modificação cultural no oeste de Santa Catarina, marcado pela chegada de migrantes de origem italiana e alemã, principalmente oriundos do Rio Grande do Sul. Além desses grupos, houve a chegada de imigrantes alemães da Europa, motivada em grande parte pela grave crise econômica que atingiu a Alemanha ao final da Primeira Guerra Mundial. Esses fluxos migratórios contribuíram para a diversificação social e cultural da região, influenciando a construção de novas identidades e comunidades, porém com um discurso difundido pelo governo brasileiro no período. José Carlos Radin aponta sobre a colonização no sul do Brasil:

As ideias de progresso e de civilização ou de sua ausência, difundidas principalmente no final do século XIX e primeira metade do seguinte, perpassaram o processo de colonização da fronteira sul. Recorria-se a elas para explicar situações tanto indesejadas quanto desejadas. A região, em geral ocupada por indígenas e caboclos, era representada de forma a se evidenciar a falta de progresso e de civilização. (Radin, 2016, p. 160)

Segundo Radin (2016), o processo de colonização foi o fator crucial para a espoliação dos indígenas e caboclos, em detrimento a outros grupos que estavam se inserindo na região da fronteira sul. Fritz Plaumann é também um novo personagem neste processo. Nascido em 1902 na Prússia Oriental, território correspondente ao extremo-leste do Império Alemão, especificamente na cidade de Preussisch-Eylau (atual Kaliningrado, na Rússia), chegou ao Brasil em 1924 em decorrência dos graves problemas econômicos enfrentados pela Alemanha. A escolha de Nova Teutônia como seu novo lar foi influenciada pela colonizadora Luce & Rosa que possuía escritório na Alemanha.

É importante salientarmos que o trabalho das companhias colonizadoras que atuavam no Oeste de Santa Catarina não se resumiu ao Rio Grande do Sul; estendeu-se para outras áreas do Brasil e mesmo de outros países, principalmente a Alemanha. Os agentes das colonizadoras agiam nos locais de entrada de imigrantes alemães, como os portos do Rio de Janeiro e de Santos (Nodari, 2009, p. 51)

Plaumann desempenhou ao longo de sua trajetória no Brasil um papel importante como entomólogo. Além da área da entomologia, sua trajetória abrangeu também outras áreas de atuação, como a agricultura e o ensino neste sertão que se encontrava o oeste de Santa Catarina. Diversos autores retratam o termo sertão de diferentes formas, entendemos nessa ocasião, como uma “região imensa e desabitada, uma fronteira aberta” (Radin, 2016, p. 159).

Localizada no atual município de Seara, no Oeste de Santa Catarina, Nova Teutônia formou-se como uma pequena comunidade agrícola em território anteriormente habitado por populações indígenas e caboclas, que mantinham formas próprias de organização social e de uso da terra. Após, esse espaço passou a ser ocupado por famílias de origem alemã, atraídas pela Colonizadora Luce & Rosa & Cia., responsável pelo loteamento da área e pela estruturação dos primeiros núcleos de colonização. À semelhança de outras colônias particulares do Oeste catarinense (Radin, 2018), o núcleo se desenvolveu distante dos grandes centros e manteve por décadas uma economia de base autossuficiente, onde o trabalho agrícola e o aproveitamento direto dos recursos naturais definiram a dinâmica local. Esse isolamento relativo permitiu a formação de um espaço singular, um território híbrido entre o sertão e a colônia, em que a vida comunitária, o contato com a natureza e a diversidade cultural entre migrantes e populações caboclas moldaram um ambiente peculiar no contexto da fronteira sul.

Figura 1: Nova Teutônia - Ano de 1938



Fonte: Acervo Casa da Memória Viúva Nute.

As migrações das antigas colônias para as novas em outro estado, ocorreram por diversas razões. Para essa situação, Radin aponta dois fatores:

No início do século XX aquelas colônias eram vistas como prósperos centros econômicos, no entanto enfrentavam dificuldades provocadas pelo crescimento demográfico, tendo em vista a alta taxa de natalidade e a constante entrada de novos imigrantes, que somada à escassez de oferta de lotes aumentava a demanda por terras em novas fronteiras agrícolas. Também o esgotamento dos solos e a falta de técnicas adequadas para recuperá-los dificultava a subsistência nas antigas colônias. O próprio modelo de colonização adotado nelas encontrou rapidamente seu limite e fez com que muitos dos filhos dos imigrantes necessitassem migrar para outras áreas. (Radin, 2018, p. 162)

O recorte temporal desta pesquisa abrange um período significativo na vida de Fritz Plaumann, compreendendo os anos de 1924 a 1994. Essas datas são marcantes e delimitam eventos importantes tanto na história mundial e regional quanto na vida pessoal do pesquisador. O ano de 1924 marca a chegada de diversas famílias alemãs a Nova Teutônia, como a família de Plaumann. É importante mencionar ainda que a chegada destes imigrantes passou por diversas peculiaridades, destacando a família Plaumann que realizou a viagem ao Brasil a bordo do navio cargueiro de vapor “Madeira”, que foi provisoriamente reformado para levar passageiros imigrantes. O trajeto foi iniciado em 1º de outubro de 1924, com a chegada ao porto de Rio Grande no Rio Grande do Sul em 4 de novembro do mesmo ano. Algumas complicações como doenças e enjôos foram relatadas por Fritz Plaumann em seu diário: Minha mãe teve que ficar de cama e o mesmo meu pai sentia-se mal. Também eu, passageiramente, ficava um tanto indisposto. Ao anoitecer, o mar acalmava-se (Spessatto, 2001, p. 37).

A imigração da família Plaumann para o Brasil representa um ponto de virada na vida de Fritz Plaumann. A partir desse momento, ele se estabelece em Nova Teutônia. A adaptação à nova realidade, as experiências vividas e os desafios enfrentados durante esse período são elementos importantes a serem explorados. Inicialmente o sustento das famílias são baseadas na agricultura, como aponta a historiadora Aline Lubenow:

Entre as décadas de 1920 e 1930, a principal atividade presente no cotidiano da família Plaumann era a agricultura. Eles concentravam-se na criação de galinhas e porcos; na plantação de milho, cana-de-açúcar, feijão, de mudas frutíferas e tabaco (Lubenow, 2015, p. 27).

Ademais, Nova Teutônia também sofreu mudanças durante o Estado Novo e teve influências relacionadas à Segunda Guerra Mundial, quando foram determinadas regras sobre as práticas culturais, educacionais e linguísticas dos imigrantes na região. Diversas mudanças

educacionais ocorreram nesse período, incluindo a substituição de professores, transformações nas práticas religiosas e a restrição do uso da língua alemã, sendo esta uma mudança social e cultural significativa para toda a região, onde a língua nativa destes grupos era ainda a principal a ser utilizada na comunicação.

Alguns historiadores e antropólogos têm-se interessado pelo estudo dos processos de mudanças sociais e culturais que se, por um lado, fizeram com que os imigrantes deixassem de ser "estrangeiros", de outro, não os transformaram naquele ideal de brasileiro desejado, especialmente durante o Estado Novo, pelas elites intelectuais e pelo governo. [...] Os imigrantes alemães e italianos, em sua maioria, vinham para o Brasil com a idéia de permanecerem, de se estabelecerem em uma nova pátria. (Nodari, 2009, p. 107)

Ao longo do século XX, Plaumann se dedica ativamente no campo da entomologia, ciência esta que estuda os insetos. Aline Lubenow (2015), destaca que nem sempre os insetos foram alvos de estudos científicos e não eram considerados objetos colecionáveis. Durante séculos eles foram considerados animais inferiores, sem valor científico e comercial. Já ao final do século XIX este parâmetro muda, com diversos estudos sobre o desenvolvimento da entomologia no Brasil, com estudos desenvolvidos no Instituto Oswaldo Cruz na década de XX, pelos pesquisadores Ângelo Moreira de Costa Lima e Adolpho Lutz, fundamentais segundo Lubenow (2015) para a consolidação desta ciência no Brasil.

Para a dedicação a entomologia, Plaumann possui uma grande troca de correspondências com diversos pesquisadores. Estas cartas são essenciais para a sua comunicação em uma região considerada remota. Na segunda metade do século XX, também podemos encontrar as principais análises de Plaumann do distrito de Nova Teutônia, sua cultura e sociedade. Em particular, também se corresponde com sua esposa Clarissa, contextualizando diversas dinâmicas sociais, o surgimento de novas instalações na comunidade e mudanças no cenário político durante esse período, fundamentadas na noção de “progresso”. Sobre o conceito de progresso, diversos autores trabalham acerca deste tema. Paulo Zarth no livro História da Fronteira Sul, faz uma contextualização do assunto:

Os textos tradicionais sobre a história dos municípios originados do processo de colonização produziram a ideia de que tudo começou com a fundação das colônias, numa espécie de mito fundador. As histórias locais, geralmente, se dividem entre antes e depois da colonização. Ainda que os povos indígenas e caboclos sejam mencionados, a fundação das colônias sempre aparece como ponto de inflexão na história e associada à ideologia do progresso e do pioneirismo. (Zarth, 2016, p. 14)

Ainda sobre Clarissa, esta possui um papel importante na vida de Plaumann. Segundo Spessatto (2001), após um período em correspondência, intermediado por um amigo de Plauman, a alemã Klara Anamaria Lincks chega ao Brasil para casar-se com Plaumann em 21 de agosto de 1954. Apelidada de Clarissa, ela o acompanhou por diversas excursões e auxiliava nas coletas. No entanto, retorna à Alemanha no ano de 1966. Não se sabe o exato motivo de sua volta ao país de origem, o que consta é que Plaumann e Klara ainda continuavam casados e em correspondência, até a morte de sua esposa em 1990.

Neste período de trocas, em Nova Teutônia também ocorreram novidades. Em 1988 é criado o Museu Entomológico Fritz Plaumann no município de Seara da lei municipal nº 452/84, onde Plaumann guardava uma cópia em seu gabinete. O museu traz efeitos culturais e educacionais na região, contribuindo para a identidade local através dos símbolos criados a partir da borboleta, dentre a educação ambiental e o turismo científico. Assim, “o museu é um importante auxiliador nos processos de ensino, apresentando o papel de unir ciência, história e seus visitantes a partir de inúmeras experiências interativas e outras tantas formas de comunicação” (Bitencourt, Gevehr, 2021, p. 125). O recorte da pesquisa se estende até 1994, com a morte de Plaumann, observando alguns detalhes em seus últimos anos de vida.

A motivação pessoal para pesquisar este tema é profundamente enraizada em minha própria trajetória acadêmica e nas conexões com a região e sua história. Desde o início da minha formação, sempre tive um interesse particular pela interseção entre cultura, sociedade e natureza. Nova Teutônia, através da história de migração e influência cultural alemã, apresenta um cenário perfeito para explorar essas interações. Fritz Plaumann, como figura central deste estudo, oferece uma perspectiva que até hoje não foi amplamente investigada, especialmente no que diz respeito à sua visão pessoal sobre a cultura e sociedade de Nova Teutônia.

A dedicação a dissertação também é impulsionada pela falta de pesquisas que abordam o olhar de Plaumann sob essa ótica específica. Enquanto sua contribuição para a entomologia é amplamente reconhecida, sua perspectiva sobre as mudanças culturais e sociais que ocorreram em Nova Teutônia, bem como sua interação com as diferentes etnias da região, permanece subexplorada. Este aspecto do estudo é vital, pois Plaumann não era apenas um observador externo, mas um participante ativo na construção e transformação daquela sociedade.

Outro aspecto é a relevância contemporânea desse estudo. A integração de diversas culturas e o impacto das migrações são temas centrais no mundo globalizado de hoje. O papel de Plaumann na região, especialmente através do Museu Entomológico, continua a influenciar gerações e moldar a identidade local. Minhas visitas a Nova Teutônia e interações com a comunidade local me permitiram perceber a profundidade das mudanças sociais e culturais que

ocorreram ao longo das décadas, positivamente e negativamente. Este estudo é uma oportunidade para preencher lacunas na historiografia de Nova Teutônia e homenagear a memória de Plaumann, mostrando uma nova dimensão a sua trajetória.

A importância do trabalho reside na compreensão da história cultural e social de Nova Teutônia e, de forma mais ampla, do oeste de Santa Catarina. Este estudo é crucial porque aborda uma lacuna significativa na historiografia da região: a visão pessoal de Fritz Plaumann sobre a sociedade e a cultura locais durante um período de intensas transformações. A história das migrações é frequentemente contada de uma perspectiva macro, focando em movimentos populacionais e políticas governamentais. No entanto, ao centrar-se na experiência individual de Plaumann, podemos explorar como esses grandes processos históricos se desenrolaram no nível micro, influenciando vidas individuais e comunidades.

Também, as mudanças culturais e educacionais impostas pelo Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial tiveram um impacto profundo na vida dos (i)migrantes e suas comunidades, afetando suas práticas culturais, educacionais e linguísticas. Ao documentar e analisar a história cultural e social da região, a pesquisa contribui para a preservação da memória coletiva e fortalece a identidade local. O Museu Entomológico Fritz Plaumann, por exemplo, é uma instituição que contribui para a história e a cultura da comunidade. Além disso, a pesquisa destaca a relevância de figuras individuais na compreensão dos processos históricos. Plaumann, embora conhecido por seu trabalho na entomologia, foi também um participante ativo e observador da vida cultural e social de Nova Teutônia.

Como fontes para a pesquisa, foram utilizadas fotografias, publicações em jornais, correspondências e o diário de Fritz Plaumann. No que diz respeito às correspondências em alemão utilizadas neste estudo, é fundamental ressaltar que ambas passaram por um processo de tradução, sendo inéditas até o momento em trabalhos científicos. Para isso, foi realizada uma seleção preliminar das correspondências arquivadas no Museu Fritz Plaumann, totalizando cerca de 200 cartas. Após essa seleção, as correspondências foram reduzidas a 30 cartas, que foram utilizadas neste trabalho e divididas entre correspondências em português e em alemão.

Sobre as fotografias, estas também são uma fonte visual crucial que ajuda a documentar e contextualizar o ambiente, as pessoas e os eventos significativos da época. Plaumann como fotógrafo, registra diversas mudanças culturais, sociais e ambientais que ocorreram em Nova Teutônia ao longo do tempo. Além disso, as imagens podem capturar aspectos do cotidiano que não são facilmente descritos em textos escritos, principalmente sobre a vida na comunidade.

Sobre as publicações em jornais, estas servem como uma fonte importante para compreender o discurso público e oficial da época, bem como as notícias e eventos que

impactaram a comunidade de Nova Teutônia. Para isso foi utilizado a Hemeroteca Digital, focando nos principais acontecimentos da região durante a segunda metade do século XX. Eles também ajudam a rastrear a presença e influência de Fritz Plaumann na região, através de menções a suas atividades e contribuições juntamente com a criação do Museu Entomológico Fritz Plaumann.

Traduzido ao português e lançado em livro em 2001 por Mary Bortolanza Spessatto, "O Diário de Fritz Plaumann" é uma obra fundamental para a compreensão da vida e das experiências do próprio protagonista. O diário, escrito por Plaumann ao longo de sua vida, mostra uma visão detalhada de suas jornadas de coleta de insetos, suas descobertas científicas, seus desafios e suas reflexões pessoais. A publicação deste diário é de extrema importância e uma fonte rica para as pesquisas sobre o oeste catarinense no século XX. Ao combinar a análise das correspondências com outras fontes primárias e estudos acadêmicos, este projeto busca proporcionar uma visão aprofundada sobre a vida de Fritz Plaumann. Espera-se que essa pesquisa contribua para a compreensão da história do pesquisador principalmente no contexto social e cultural da comunidade de Nova Teutônia e da região oeste de Santa Catarina.

Para as bibliografias, serão utilizadas produções primárias e secundárias. Como bibliografia primária, serão abordados detalhes do livro "A Origem da Vida" por Fritz Plaumann, uma obra de grande importância para o entomólogo. O livro aborda o processo de origem e evolução da vida, assim como suas interações com o mundo natural. Através de uma análise do pensamento de Plaumann em relação à religião, é possível compreender como suas visões e crenças influenciaram sua abordagem científica. Explorar algumas ideias e conceitos presentes no livro permitirá uma compreensão mais profunda do pensamento de Fritz Plaumann e sua perspectiva sobre a relação entre ciência e religião.

A dissertação de mestrado de Aline Maisa Lubenow, intitulada "Fritz Plaumann: Um entomólogo em construção no sertão catarinense (1924-1945)" também foi abordada nesta pesquisa. Defendida em 2015, representa um estudo aprofundado sobre a vida e o trabalho de Plaumann, na qual é realizada uma análise acadêmica abrangente e detalhada. Sua pesquisa, tem por objetivo compreender como se dá o processo de pesquisa desenvolvido por Fritz Plaumann no Alto Uruguai Catarinense e traz elementos importantes, em que alguns serão aprofundados neste trabalho.

Outros autores relevantes também serão incorporados à pesquisa para fornecer uma base sólida de contexto histórico, cultural e social de Nova Teutônia e das dinâmicas de migração e imigração na região. Entre eles, destaca-se José Carlos Radin, pois suas obras são essenciais para entender o processo de colonização no sul do Brasil, especialmente no contexto de

migrações internas e externas. Paulo Zarth também é abordado no projeto através de uma contextualização ampla sobre o conceito de progresso e colonização, abordando como esses conceitos foram utilizados para justificar a expansão e ocupação de novas fronteiras agrícolas. Nodari em suas publicações, como “Etnicidades Renegociadas” explora o papel das colonizadoras, bem como as influências do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial nas práticas culturais, educacionais e linguísticas dos imigrantes em Nova Teutônia.

A dissertação está estruturada em três capítulos, cada um explorando um aspecto da história de Nova Teutônia. O primeiro capítulo examina o contexto histórico e social da região, focalizando a colonizadora Luce, Rosa & Cia e seu papel na atração de imigrantes para o oeste de Santa Catarina, particularmente em Nova Teutônia. Serão analisadas as estratégias de propaganda usadas no Brasil e na Alemanha para incentivar a migração, além da influência da companhia na preservação das práticas socioculturais dos (i)migrantes¹. Essa investigação se apoiará em bibliografias e fontes como o diário de Plaumann e estudos de autores como Eunice Nodari, José Carlos Radin e Eric Hobsbawn, entre outros.

No Capítulo 2 da dissertação, será explorada a dinâmica cultural, religiosa e científica de Nova Teutônia durante o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial. Assim, será analisado o impacto do Decreto-Lei nº 406 de 1938² nas práticas culturais e educacionais da comunidade, incluindo restrições linguísticas e mudanças nas práticas religiosas, enquanto considera as repercussões da guerra. Em paralelo, será investigada a disseminação do luteranismo entre os migrantes e imigrantes alemães, examinando o papel desta religião na coesão comunitária e a visão de Fritz Plaumann sobre suas práticas, influenciada por sua obra "A Origem da Vida". Cabe destacar ainda que a formação humanística de Plaumann está profundamente ligada ao pensamento kantiano, o que não é de se estranhar, considerando que nasceu em Preussisch-Eylau, localidade situada na Prússia Oriental, próxima de Königsberg, cidade natal de Immanuel Kant. Essa proximidade geográfica e cultural contribuiu para moldar a cosmovisão racionalista e crítica que atravessa sua obra científica e filosófica. Além disso, o capítulo também abordará a contribuição de Plaumann na entomologia, destacando suas correspondências com outros pesquisadores e suas descobertas científicas no contexto local de Nova Teutônia.

¹ Além da atuação econômica, as companhias colonizadoras frequentemente incentivavam práticas religiosas, linguísticas e culturais dos imigrantes, servindo como mediadoras entre o Estado brasileiro e as comunidades recém-formadas.

² O Decreto-Lei nº 406/1938 proibiu o uso de línguas estrangeiras em espaços públicos e privados no Brasil, como parte da campanha de nacionalização promovida durante o Estado Novo (1937–1945)

Por fim, o capítulo 3 explora o legado de Fritz Plaumann em Nova Teutônia, com foco nas correspondências que revelam aspectos importantes da vida social e política do distrito ao longo da segunda metade do século XX. A análise das trocas de cartas entre Fritz Plaumann e sua esposa Clarissa contextualiza dinâmicas sociais e mudanças políticas na comunidade, refletindo sobre conceitos de progresso e evolução. Além disso, será investigado o impacto cultural do Museu Entomológico Fritz Plaumann em Seara, considerando seu papel na educação ambiental, turismo científico e na construção da identidade local através dos símbolos associados à entomologia. Fontes como relatórios do museu, registros de correspondências e documentos legislativos serão utilizados para compreender o impacto de Plaumann na região, relacionando a sua influência na identidade cultural de Nova Teutônia.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DE NOVA TEUTÔNIA ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1930

Compreender a trajetória de Nova Teutônia requer retornar à gênese do processo de ocupação do Oeste catarinense, em um período marcado por intensas transformações políticas, territoriais e sociais no Brasil. As décadas de 1920 e 1930 configuram um momento de redefinição do espaço regional, quando o Estado buscava consolidar sua soberania sobre áreas até então pouco integradas, promovendo políticas de colonização que atraíram imigrantes europeus e descendentes de colonos das primeiras áreas de colonização sulinas. Nesse contexto, o distrito de Nova Teutônia emergiu como um dos núcleos formados a partir da ação de companhias colonizadoras, constituindo-se em um espaço singular dentro da chamada fronteira agrícola sul-brasileira.

Nova Teutônia expressa um microcosmo das dinâmicas sociais e culturais que moldaram o Oeste de Santa Catarina, sendo elas a disputa por terras, o contato entre diferentes grupos étnicos e a adaptação dos imigrantes a um ambiente natural ainda pouco explorado. O território, até então ocupado por indígenas e caboclos, passou a ser progressivamente transformado pela lógica da propriedade privada e da produção agrícola familiar, redefinindo as relações entre o homem e a natureza e instaurando novos modos de viver e trabalhar.

É nesse cenário que se insere a chegada de Fritz Plaumann e de sua família, em 1924, representando o deslocamento de um imigrante europeu em busca de novas oportunidades, bem como o encontro de diferentes visões de mundo. A trajetória de Plaumann, marcada por sua atuação como agricultor, fotógrafo, professor e cientista, reflete as contradições e os desafios enfrentados por tantos outros colonos que contribuíram para a formação social e econômica da região. A partir de seus registros e correspondências, é possível observar a complexa estrutura de relações que definiram o cotidiano de Nova Teutônia, um território em que a natureza, a cultura e o trabalho se entrelaçam na construção de uma identidade local em meio às transformações da fronteira sul.

2.1 O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO EM NOVA TEUTÔNIA

Para compreender a chegada de Fritz Plaumann e de diversas famílias alemãs ao oeste de Santa Catarina, é essencial examinar os fatores históricos e os processos de colonização que moldaram essa região antes da década de 1920. A área foi marcada por uma imigração direta de alemães e por fluxos migratórios de famílias provenientes do Rio Grande do Sul, atraídas

pela perspectiva de novas oportunidades e pela fertilidade das terras. Esses movimentos populacionais foram incentivados por fatores econômicos, sociais e políticos, que buscavam integrar regiões estratégicas ao projeto de expansão territorial do governo brasileiro.

Durante as primeiras décadas do século XX, o oeste de Santa Catarina era frequentemente caracterizado como uma região "sem lei", devido a dois principais fatores. Primeiramente, as autoridades governamentais não demonstraram interesse significativo pelo território, falhando em estabelecer uma política eficaz de gestão e ocupação até o início do século XX. Em segundo lugar, a região esteve envolvida em disputas tanto nacionais quanto internacionais, particularmente relacionadas aos limites territoriais entre Brasil e Argentina. Embora a ocupação por caboclos tenha se intensificado neste período, é importante destacar que os povos indígenas já habitavam a região há milhares de anos, sendo parte intrínseca de sua história e cultura muito antes da chegada de (i)migrantes ou da consolidação de fronteiras nacionais. A disputa internacional entre Argentina e Brasil surgiu em 1881, quando a primeira reivindicou o território entre “os rios encontrados pelos demarcadores espanhóis em 1788 e 1791, Pequiri-Guazu (Chapecó) e San Antonio Guazu (Chopim)” (Hensfeld, 1996, p. 71).

Para garantir a soberania brasileira, haviam sido criadas, pelo Decreto Imperial nº 2.502, de 16 de novembro de 1859, duas colônias militares, no território da então Província do Paraná, junto aos rios Chopim e Chapecó, ao Oriente desses rios. Somente em 1881 o Ministro da Guerra tratou de efetivar a sua instalação, a qual seria postergada para 1882. (Nodari, 2009, p. 25).

A postergação da instalação das colônias para o ano de 1882 se deve ao fato de o ministro argentino realizar algumas observações sobre os limites territoriais, avisando também o governo de seu país. Assim, a “Argentina manifestou seu interesse pelo território, incluindo-o como seu, no ano seguinte, na nova divisão política do país.” (Hensfeld, 1996, p. 71-72). Tendo diversas argumentações e desentendimentos dos dois países nos anos seguintes, foi decidido a partir de uma comissão em 1885 que o território em disputa fosse dividido de forma equitativa entre as nações por meio de um tratado.

Os acontecimentos que levaram ao Golpe da República no Brasil, bem como a reorganização política e militar pensada para administrar a República que acabara de nascer, retardou a construção do Tratado, pelos ministros das relações exteriores do Brasil (Quintino Bocayuva) e da Argentina (Estanislao Severo Zeballos). A reunião final e assinatura do Tratado ocorreu em Montevideu, em 25 de janeiro de 1890. (Myskiw, 2016, p. 67).

Porém, o tratado que ficou conhecido como “Tratado de Montevideu”, foi duramente questionado no Brasil e com isso foi rejeitado na Câmara dos Deputados em agosto de 1891. O

único caminho que permanecia era o da arbitrariedade. Para qual, foi designado o presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland “dado parecer favorável ao Brasil em relação ao território das Missões.” (Myskiw, 2016, p. 70). A data do laudo arbitral foi em 6 de fevereiro de 1895, com a assinatura de ambos os países em 1898, conservando assim ao Brasil o território já antes demarcado, sendo este de 30.621 quilômetros quadrados e 5.703 habitantes, segundo o Censo de 1890.

Após a resolução da disputa, cujo desfecho foi desfavorável para a Argentina, tornou-se imperativo que o Brasil ocupasse as terras, assegurando o controle sobre a região e prevenindo novas reivindicações por outras nações. Nesse contexto, o governo brasileiro aprovou, em 1889, um decreto que concedia “privilégios, garantia de juros e terras devolutas, mediante autorização legislativa, para a construção, uso e gozo de uma estrada de ferro” (Hensfeld, 1996, p. 103). A ferrovia, posteriormente conhecida como Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, desempenhou um papel estratégico nesse processo. Com base nesses privilégios, iniciou-se a povoação da região, que, no entanto, ganhou maior impulso após a Guerra do Contestado.

A Guerra do Contestado foi um conflito armado, ocorrido entre outubro de 1912 e agosto de 1916, que confrontou, de um lado, a população sertaneja e, do outro, as forças do governo estadual e federal, em terras do Oeste paranaense e catarinense. A guerra ocorreu num contexto histórico-geográfico e social conturbado por uma série de conflitos, como foi a questão dos limites entre Brasil e Argentina, bem como a disputa das terras contestadas entre os estados de Santa Catarina e do Paraná, além da expropriação das terras e expulsão da população cabocla, que vivia na região (Radin, 2018, p. 79)

A partir do significativo avanço da ferrovia, que foi construída sob direção da Brazil Railway Company, os representantes organizaram a retirada dos caboclos que viviam na faixa de 15 quilômetros a cada lado da ferrovia, que a companhia recebeu do governo em troca da construção. Por meio disso, o empresário da companhia, decide construir a Madeireira Lumber, promovendo uma devastação ecológica inédita até então na região.

Após uma série de confrontos diretos, a Guerra do Contestado termina em 1916, com a morte de milhares de pessoas. O conflito na perspectiva dos caboclos “tratava-se de uma ‘guerra entre ricos e pobres’, que lutavam contra um governo que defendia os interesses dos endinheirados, dos coronéis e dos estrangeiros” (Radin, 2018, p. 82). De fato, foram diversas injustiças cometidas pelo governo brasileiro com as famílias que viviam há várias décadas na região, estas sendo em sua grande maioria caboclas e indígenas.

O desbaratamento total das cidades santas, o final da Guerra do Contestado, o cerco para impedir novos ajuntamentos e a assinatura do acordo entre Santa Catarina e Paraná no dia 20 de outubro de 1916, que determinou os limites para jurisdição de cada Estado litigante, colocou colonos e caboclos no mesmo chão, com forte atuação das companhias colonizadoras na instalação dos núcleos coloniais e no acesso à terra por meio de pagamentos e de legalizações de propriedades em cartórios públicos. Após 1916, os caboclos continuaram com dificuldades para ter acesso àquilo que tinham anteriormente à chegada da ferrovia. (Valentini, 2016, p. 238).

Com o final da Guerra, é decretado em agosto de 1917, a partir do Governo de Santa Catarina, a criação dos municípios de Mafra, Porto União, Joaçaba e Chapecó. “A metade da área pertencente à Santa Catarina constituiu o município de Chapecó com um total de 13.958 quilômetros quadrados” (Nodari, 2009, p. 29). Porém, o problema maior de todo esse território era a população escassa, com o Censo de 1920 destacando 11.315 habitantes em Chapecó³.

Nesse contexto, destacam-se as ações das companhias colonizadoras, compostas majoritariamente por empresários do Rio Grande do Sul, que desempenharam um papel central no recrutamento de migrantes e no povoamento do oeste de Santa Catarina” (Nodari, 2009, p. 34). Ademais, como afirma Radin e Corazza na obra “Dicionário histórico-social do oeste catarinense”, a colonização foi inserida em um sentido capitalista, este de conquista e apropriação privada da terra, embora, nos primeiros tempos, a economia colonial tenha pouca relação com o mercado e se assemelha mais a uma economia familiar de subsistência, quase auto suficiente e autônoma.

Os principais públicos inseridos no contexto das colonizadoras foram, em sua maioria, os agricultores descendentes de italianos e alemães que haviam se estabelecido no Rio Grande do Sul, estes já familiarizados e preparados com a prática da agricultura, dentre os alemães quais estavam enfrentando dificuldades devido à crise-econômica europeia, que assolava principalmente a Alemanha, resquícios aos atos cometidos durante a Primeira Guerra Mundial.

Cada companhia dispunha de agentes designados a trabalharem em cada região de forma a atrair as famílias para a compra de suas terras, visitando pessoalmente todas as casas de uma comunidade escolhida no Rio Grande do Sul. O maior argumento de persuasão utilizado era o de preço baixo dos lotes, dentre a sua fertilidade. Outra aliada nessa situação era a imprensa escrita, por meio da informação e propaganda, “pois eram eles que atingiam os habitantes das áreas rurais mais distantes” (Nodari, 2009, p. 37).

Ainda sobre a imprensa, esta também foi um fator de grande influência na imigração alemã direta, com diversos jornais exclusivos com variados temas sobre a emigração na

³ Em 1934, foram desmembrados de Joaçaba dois municípios até então distritos, Caçador e Concórdia.

Alemanha, todas já em língua alemã. Outro modo de divulgação na Alemanha pelas colonizadoras era a publicação de guias de viagem ou manuais:

Este método, bastante utilizado [...] por agentes norte-americanos e brasileiros, ainda no século XIX para atrair imigrantes, consistia na publicação de guias que traziam, na primeira parte da obra, informações gerais sobre o país e, na segunda, uma descrição completa sobre a região específica. (Nodari, 2009, p. 44)

No caso da imigração direta alemã, diversos agentes desempenhavam funções específicas por meio de escritórios localizados na Alemanha, além de operar em locais estratégicos de entrada de imigrantes alemães, como os portos de maior circulação, destacando-se especialmente o porto do Rio de Janeiro. No caso particular da família Plaumann, a escolha recaiu sobre a Colonizadora Luce & Rosa, indicada pelo Departamento Informativo para Emigrantes ainda na Alemanha. Já no relato do senhor Augusto Scheröder, natural de Wetzlar, Alemanha, que concedeu uma entrevista à autora do livro “Etnicidades Renegociadas” - Eunice Sueli Nodari, ele relata ter sido influenciado pela Companhia Colonizadora Mosele, Eberle, Ghilardi e Cia. após sua chegada ao Brasil:

O senhor Augusto nos conta, ainda, que das mil famílias provenientes da Prússia que se encontravam na Ilha das Flores, “quinhentas famílias optaram pelo município de Cruzeiro e as demais foram para Minas Gerais se dedicar à criação de ovelhas, mas estes não prosperaram”. A maior parte dessas famílias, segundo nos conta o entrevistado, professava a religião evangélica luterana. (Nodari, 2009, p. 51)

Figura 2: Mapa das áreas de colonização da Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia. Ltda.



Fonte: Acervo pessoal Euro Zanuzzo/ Reprodução do material promocional da empresa (década de 1920).

É pertinente destacar que o processo de imigração desses grupos, incluindo a família Plaumann, foi marcado por várias adversidades. A viagem ao Brasil foi realizada a bordo do navio cargueiro de vapor “Madeira”, adaptado provisoriamente para o transporte de passageiros imigrantes. O trajeto teve início em 1º de outubro de 1924, com a chegada ao porto do Rio Grande do Sul em 4 de novembro do mesmo ano. Fritz Plaumann relatou em seus registros algumas dificuldades enfrentadas durante a travessia, mencionando episódios de doenças e enjoo vivenciados pela família: “O vento era calmo, mas o mar tinha ainda ondas altas, de modo que o Madeira balançava muito e a maioria dos passageiros continuava com enjoo. Minha mãe teve que ficar de cama e o mesmo meu pai sentia-se mal. (Plaumann *in* Spessatto, 2001, p. 37)”.

Já na chegada ao Brasil, Plaumann menciona no diário dois fatores inusitados para a família no Rio Grande do Sul, sendo o primeiro qual repararam em um vendedor de leite “levando consigo uma vaca leiteira. O vendedor, de vez em quando, parava na rua, recebendo

dos fregueses, pela janela, copos para enchê-los, tirando o leite diretamente da teta da vaca para o copo”. (Spessatto, 2001, p. 42). O segundo fator inusitado, a família viu parte de um exército marchando, com banda musical à frente para combater, como Fritz Plaumann pontua, “A revolução no Brasil”.

Para aqueles que viviam na Alemanha, a imigração tornou-se uma “válvula de escape”, principalmente para a procura de trabalho, oferecendo a perspectiva de idealizar uma vida nova e melhor, bem como oportunizando a busca pela ascensão social. Em suma, podemos considerar que a imigração, ressaltando a europeia, se dá em torno da falta de mão-de-obra no Brasil, de uma política nacional de colonização e, também, objetivando a mudança da imagem do Brasil, muito vinculada, ainda, à escravidão. (Lubenow, 2015, p. 22)

Pode-se afirmar que o processo de colonização no oeste de Santa Catarina, impulsionado pela chegada de milhares de alemães, descendentes de alemães e italianos, foi resultado de uma série de eventos históricos associados a decisões políticas. Entre essas, destacam-se o conflito de interesses territoriais entre Argentina e Brasil, além da Guerra do Contestado. No entanto, essa expansão populacional teve consequências trágicas, resultando na perda de vidas entre as populações da pré-colonização europeia, como os povos indígenas e caboclos, frequentemente em função de disputas pela posse da terra. Sobre essas disputas, Radin observa que “as disputas de terras eram, geralmente, resolvidas no âmbito privado e à força, o que acabava por favorecer os novos colonizadores.” (Radin, 2018, p. 39).

2.2 FRITZ PLAUMANN E A INSERÇÃO DO NOVO IMIGRANTE NO OESTE CATARINENSE

É possível observar que, durante a década de 1920, no contexto da colonização do oeste de Santa Catarina, a agricultura constituiu a principal fonte de renda para a maioria das famílias que se estabeleceram na região. Inicialmente, essas famílias se instalaram em áreas mais remotas, e a produção agrícola era realizada principalmente por meio de trocas, dispensando o uso de papel-moeda. Em localidades como Nova Teutônia, a agricultura era, até então, em sua maioria, de caráter familiar. A prática da troca, associada às companhias colonizadoras, foi trazida para a região com a chegada de famílias oriundas do Rio Grande do Sul, que traziam consigo uma forte orientação para o cooperativismo. Dessa forma, surgiram pequenas cooperativas, formadas exclusivamente para defender os interesses de determinadas comunidades.

[...] caracterizada pelo cooperativismo tradicional ou colonial, o qual, predominantemente associado à “economia colonial”, visava, principalmente, organizar a poupança local, a produção e a comercialização do excedente agrícola da agricultura familiar preponderante na região. Essa fase acompanha o processo de colonização por descendentes de imigrantes europeus das colônias velhas do Rio Grande do Sul. Vai de aproximadamente 1920 a meados dos anos 1960, quando surgem as cooperativas de abrangência municipal. (Radin, 2018, p. 43)

A mudança de vida para diversas famílias recém instaladas no oeste foi desafiadora. Alguns fatores estão relacionados à falta de recursos na região, dentre as péssimas condições das estradas. Fritz Plaumann relata que a vinda a Nova Teutônia passou por dificuldades, como a casa provisória, a qual pela situação, adentravam diversos animais pelas frestas da residência. Além disso, as doenças nas primeiras semanas eram constantes na família. “Ao anoitecer, de repente, eu adoeci de diarreia forte e muito dolorosa. Tomei *Nohaschecks Deutschen Balsam*. Outro recurso não tinha. Não havia farmácia nesta região remota” (Spessatto, 2001, p. 50).

Outras situações enfrentadas na região nas primeiras décadas do século XX no oeste de Santa Catarina devem-se também a fatores relacionados à falta de infraestrutura no sertão catarinense. No entanto, é importante ressaltar que essa percepção de falta de estrutura era vista sob o ponto de vista dos migrantes e imigrantes. Para os povos que já habitavam a região, como os indígenas e caboclos, o modo de vida era adaptado ao seu contexto, sendo considerado satisfatório em comparação com as condições vividas pelos migrantes em suas localidades de origem. A presença de mata nativa era exuberante, e os primeiros colonizadores precisavam derrubar a vegetação para dar início ao cultivo de alimentos, como aponta o historiador Marcos Batista Schuh:

A mata precisava ser derrubada para dar lugar às lavouras. A foice de ferro batido e afiada na pedra dava conta da primeira limpeza. A retirada de pequenas árvores, arbustos e espinheiros facilitava o acesso às árvores maiores. Machados trazem novos sons para a mata. Cortes em forma de “v” marcando o lado para onde a árvore deveria cair. Serrotes de denteção grande, sempre impecavelmente afiados, sendo puxados por quatro mãos. Em poucos minutos o sibilar do vento nas folhas durante a queda, seguida de um estrondo e de um barulho de árvores menores quebrando sob o peso da árvore maior ou arrastadas pelo emaranhado de cipós que as ligavam à árvore derrubada. Caída a árvore, seus galhos são cortados. Depois de alguns dias, o fogo arde e consome folhas e madeiras menores, ficando apenas os troncos maiores, sem galhos, que são rolados ou arrastados para os lados, quando se possuía junta de bois para tal. Depois, em meio às cinzas, cravar o bico da máquina de plantar “pica-pau”, nome recebido pelo ruído de madeira batendo que produz quando usada. Milho, feijão, arroz. Semeaduras de trigo. Sementeiras de fumo. (Schuh, 2011, p. 59).

Os principais produtos produzidos nas primeiras décadas de colonização foram o milho e feijão, de forma que “o milho destinava-se principalmente para o consumo familiar e ao trato dos animais domésticos” (Onghero, 2013, p. 10). Já o feijão, de acordo com Onghero (2013), grande parte da produção era realizada para a troca de outras mercadorias não produzidas na propriedade, como querosene, tecido, calçados, sal, ferramentas, entre outros. A família de Plaumann nos primeiros anos no Brasil também partia dessa premissa, iniciando os trabalhos durante a manhã e finalizando somente a noite, como Plaumann revela em seu diário: “Ao anoitecer terminamos o plantio de milho. Então tínhamos de comprar mais sementes de milho e feijão” (Spessatto, 2001, p. 48).

Percebe-se que a prática da agricultura era de subsistência. Em outros termos a agricultura empreendida pela família Plaumann era basicamente para seu próprio sustento e não para o mercado “global”. Isto se pode dizer num primeiro momento, pois Plaumann também se dedica a profissão de fotógrafo e posteriormente de professor, sem deixar de lado suas atividades científicas, intercala estas com as realizadas na propriedade rural. (Lubenow, 2013, p. 17).

Outros fatores que dificultavam o cotidiano na região eram a falta de assistência médica para o tratamento de doenças nas comunidades do oeste catarinense, especialmente nas áreas mais remotas, onde não havia hospitais ou farmácias. Para doenças comuns, a medicina tradicional indígena, com o uso de chás e outros remédios naturais, era amplamente utilizada. Em Nova Teutônia, durante a década de 1920, uma grande epidemia de tifo resultou na morte de 17 pessoas, como relatado por Fritz Plaumann em seu diário. Esse número é consideravelmente alto para uma pequena comunidade em seus primeiros anos de estabelecimento. A falta de informações sobre tratamentos adequados, bem como a ausência de médicos na região, foram fatores cruciais para o alto índice de mortalidade. Como Plaumann descreve em seu diário: “Nessa região não havia médicos e nem farmácias, nem mantimentos adequados, nem eclesiástico. Constava que toda a região do outro lado do Rio Uruguai, até a cidade de Barro, no Rio Grande do Sul, achava-se com a mesma doença, ceifando vidas.” (Spessatto, 2001, p. 58). Além disso, é possível perceber o desabafo de Fritz Plaumann diante de toda essa situação:

Infelizmente, em tais casos, nessa região remota, ficávamos sem recursos. O que fica bem claro no caso da typhus em Nova Teutônia. O primeiro médico apareceu de visita quando a epidemia já tinha passado e o primeiro eclesiástico, depois que as vítimas achavam-se enterradas. (Plaumann *in* Spessatto, 2001, p. 70)

No entanto, devido à carência de diversos recursos e condições, como as mencionadas anteriormente, a ajuda mútua entre os moradores das primeiras comunidades no oeste

catarinense foi fundamental para o sucesso da colonização. Como observa Onghero: “O sucesso da colonização dificilmente ocorreria sem o auxílio mútuo. [...] Muitas vezes os moradores que se instalavam primeiro forneciam abrigo para as famílias que chegavam.” (Onghero, 2013, p. 12). Em Nova Teutônia, esse espírito de cooperação também se revela de forma marcante, com diversos relatos de Fritz Plaumann sobre o aprendizado proporcionado pelos vizinhos, sendo a família do senhor Albino uma das mais próximas à sua propriedade, cuja ajuda foi essencial:

Domingo, 7/12/24, pela manhã, visitou-nos um dos filhos do senhor Albino, trazendo o leite encomendado. Nesta ocasião, mostrou-nos as árvores frutíferas, as ervas medicinais, batata doce, mandioca, na localidade já existentes, porém, desconhecidas por nós. Avisou-nos que pretendiam começar a roçar capoeira, na próxima quarta-feira. Na noite passada a temperatura estava tão elevada que não conseguimos dormir. (Plaumann *in* Spessatto, 2001, p.51)

O papel desempenhado pelas companhias colonizadoras foi fundamental para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento às novas comunidades, sendo especialmente importante no contexto da cooperação entre os colonos. Esse processo foi amplificado pela divisão étnica e religiosa imposta pelas colonizadoras, que delimitaram os lotes de terra de acordo com esses critérios. No entanto, esse fenômeno gerou também uma forte aversão entre as famílias de diferentes origens, sentimento que perdurou por décadas e se refletiu até nas questões matrimoniais. Casamentos entre pessoas de etnias ou religiões distintas eram veementemente desaprovados, e a transgressão a essas normas poderia acarretar sérias sanções, como a exclusão do círculo social. Como exemplifica Renk: “Nos anos quarenta, duas irmãs evangélicas casaram-se com rapazes católicos, apesar da oposição familiar. Em represália, esta as considerou ‘mortas’ socialmente, rompendo vínculos” (Renk, 1997, p. 146).

Esse cenário de forte segregação e exigências sociais reflete os desafios enfrentados por Fritz Plaumann em seus primeiros anos em Nova Teutônia. Embora sua vida tenha sido marcada por dificuldades, o aprendizado foi constante. Nos primeiros anos após sua chegada, a adaptação exigiu grande criatividade, especialmente no trabalho agrícola. A busca por conhecimento da região e o auxílio dos vizinhos foram essenciais para a sobrevivência e a permanência da família na comunidade. Apesar dos obstáculos e das doenças que assolaram a região, que poderiam ter levado muitos a desistir, como ocorreu com outras famílias, Plaumann persistiu, tornando-se um exemplo de resiliência.

O marco inicial de sua trajetória no Brasil foi a data de 1º de janeiro de 1925, que Fritz Plaumann escolheu como ponto de partida para suas pesquisas, um gesto simbólico que ele mesmo descreve como o lançamento de uma “pedra fundamental”, conforme registrado em seu

diário (Spessatto, 2001). Esse momento foi crucial, pois representou o início de um trabalho metódico que, com o tempo, seria amplamente reconhecido por universidades e pesquisadores de diversos países. O município de Seara, onde Plaumann se estabeleceu, adotou como símbolo a borboleta, o maior objeto de estudo de sua vida e o reflexo do impacto que suas pesquisas exerceram na comunidade.

Ainda na Alemanha, o interesse de Plaumann por animais era evidente, mas foi no Brasil que ele se dedicou à coleta científica de forma profissional. Seu autodidatismo o levou a aprofundar seus conhecimentos, utilizando livros especializados para aprimorar sua técnica. O foco de suas pesquisas foi, sobretudo, nos invertebrados, campo que despertou sua verdadeira paixão. Contudo, dada a precariedade da região em termos de recursos para essa atividade, Plaumann recorreu a equipamentos trazidos da Alemanha, como ele mesmo menciona:

Imediatamente comecei a fazer as anotações meteorológicas, usando o instrumento já utilizado por mim na Alemanha, documentando assim a data do começo das minhas pesquisas científicas. Anotava três vezes por dia as indicações do barômetro, a temperatura, tipos e percentagem das nuvens, direção e força do vento, trovoadas e precipitações, e outras observações de importância. E ainda anotava as fases da lua, para futuros estudos sobre a sua influência. (Plaumann *in* Spessatto, 2001, p. 56)

No contexto da colonização e das limitações que Plaumann enfrentava, a formação de coleções era um desafio. Contudo, isso não o impediu de analisar a fauna e flora locais, integrando seu estudo ao meio ambiente e à ecologia da região. Embora as condições fossem adversas, Plaumann vislumbrava o futuro na criação de coleções, o que demonstra sua capacidade de adaptação e a importância de ajustar técnicas e equipamentos ao contexto local. Seu trabalho reflete também a relevância do aprendizado autodidata para o aprimoramento das técnicas de coleta e análise de dados em uma área como o sertão catarinense, que, ainda em fase de exploração, carecia de recursos. Essa visão metodológica foi fundamental para sua atuação nas primeiras décadas de pesquisa, estabelecendo as bases de um trabalho que, com o tempo, se tornaria referência.

Além das dificuldades práticas enfrentadas no campo, a falta de infraestrutura na região representava um obstáculo para o transporte de mercadorias e o acesso a centros urbanos mais desenvolvidos. A ausência de uma rede de estradas, pontes e ferrovias adequadas limitava a mobilidade de pessoas e bens, dificultando o crescimento da região. A carência de serviços básicos, como saúde e educação, também agravava a situação, tornando o cotidiano ainda mais desafiador. De fato, o oeste catarinense permaneceu estagnado por longo período, com uma

economia ainda muito dependente da agricultura de subsistência e da exploração madeireira, sem grandes avanços em outras áreas.

Diante desses desafios, Plaumann soube organizar suas pesquisas de maneira sistemática e estratégica. Ele focou, inicialmente, em duas frentes principais. A primeira envolvia observações meteorológicas, que eram registradas diariamente de forma linear e meticulosa. Esse trabalho foi fundamental para entender as condições climáticas e como elas influenciavam a flora e fauna locais. A segunda frente de suas anotações se referia à documentação da fauna e flora, cujo detalhamento seria crucial para o desenvolvimento de seu trabalho de campo. A partir da década de 1930, Plaumann passou a realizar esse trabalho com mais frequência, o que permitiu uma análise ainda mais profunda e um conhecimento crescente da biodiversidade da região.

No caso da coleção entomológica de Fritz Plaumann, todos os insetos foram coletados por ele mesmo. Além da montagem, etiquetagem e acondicionamento, tudo fora planejado por ele. A zona montanhosa do Alto Uruguai Catarinense foi o local de sua investigação, o espaço físico do fazer científico, o campo. (Lubenow, 2015, p. 50)

Para o trabalho de campo, Plaumann escolheu focar somente nos animais invertebrados, como aponta em seu diário ser o objeto de estudo que mais gostava. Isso permitiu que as atividades de coleta fossem mais organizadas no espaço físico de catalogação que até a fundação do Museu Entomológico Fritz Plaumann em 1988, foram realizadas em sua residência a partir do ano de 1931. As formas de coleta e catalogação nos primeiros anos passaram por algumas dificuldades, como os materiais para a realização do trabalho, sendo que inicialmente foram utilizados equipamentos desenvolvidos de forma artesanal pelo próprio Plaumann. Nesse mesmo período, as primeiras correspondências foram sendo enviadas para universidades da Alemanha, com o intuito de buscar literaturas necessárias para continuação dos estudos através da permuta:

[...] no campo científico da entomologia, sai da parcela de estudos e observações preliminares, passando para a investigação intensa, tanto nas pesquisas quanto na formação da coleção regional, planejada por mim, assim precisando trazer muitas mudanças. Em primeiro lugar foi preciso arrumar madeira de cedro bem seca, caso contrário a coleção pegaria mofo e se estragaria. Planejei importar um tipo especial de turfa, para o fundo das gavetas. O problema era encontrar alguém que fornecesse tal material em troca de material entomológico fornecido por mim. [...] E para a aquisição da literatura necessária para poder levar avante os meus estudos, só me restava o mesmo caminho. Para essa finalidade pretendia entrar em contato com universidades da Alemanha, esperando ter êxito. Nessa esperança comecei a

coleccionar material entomológico para tal permuta. (Plaumann *in* Spessatto, 2001, p. 88)

As correspondências desempenham um papel importante no sucesso do trabalho de Fritz Plaumann como entomólogo, especialmente no que diz respeito à troca de insetos por bibliografias e materiais necessários para suas pesquisas, além do recebimento de recursos financeiros que auxiliaram na compra de alimentos e vestuário para sua família. Infelizmente, grande parte das correspondências datadas entre as décadas de 1930 e 1960 não se encontra no acervo do Museu Fritz Plaumann. O paradeiro dessas cartas é desconhecido, e não se sabe ao certo se foram extraviadas ou se simplesmente não foram preservadas pelo próprio colecionador.

Em paralelo ao seu trabalho na agricultura, é interessante observar que, já em 1933, a coleção de Plaumann contava com cerca de 800 espécies de borboletas, incluindo algumas raridades, conforme registrado em seu diário. A coleção cresceu gradualmente, à medida que Plaumann aprimorava suas técnicas de coleta e recebia materiais do exterior, enriquecendo seu trabalho. Ao final de sua vida, sua coleção de insetos atingiu cerca de 80 mil exemplares, todos expostos ao público no Museu localizado em Nova Teutônia – Seara, refletindo o impacto e a importância de seu trabalho.

O trabalho entomológico de Plaumann teve um impacto significativo em diversas áreas da ciência e em diferentes países. Ele contribuiu para a conservação da biodiversidade, identificando espécies ameaçadas de extinção e desenvolvendo planos de conservação para proteger essas espécies e seus habitats. Outro aspecto relevante de suas pesquisas foi a investigação do comportamento dos insetos, incluindo sua ecologia, evolução, fisiologia e genética. Essas conclusões foram sistematizadas em seu único livro, intitulado *A Origem da Vida*, publicado originalmente em alemão em 1947 e traduzido para o português em 2022, assim consolidando seu legado no campo da entomologia.

Plaumann foi uma figura com uma trajetória marcada por suas múltiplas profissões. Desde jovem, desenvolveu uma grande paixão pela fotografia, dedicando-se a aprimorar suas habilidades e transformando-a em sua profissão nos primeiros anos no Brasil. Ao longo das décadas isso resulta em um acervo importante que além de documentar a sua vida, também retrata a história e a cultura da região.

Desde sua época na Alemanha, Fritz Plaumann tinha uma paixão por registrar momentos de sua vida, e essa prática continuou no Brasil, inicialmente de forma amadora, com o intuito de arquivar suas memórias pessoais. Seu amor pela natureza, especialmente pelo

movimento dos rios e pela biodiversidade local, é refletido em grande parte de seu acervo fotográfico, como podemos observar na imagem a seguir:

Figura 3: Família de Pedro Klein em dia de pesca, 1929.



Fonte: Fritz Plaumann; Museu Entomológico Fritz Plaumann

A fotografia realizada por Plaumann, mostra uma economia na qual os rios forneciam proteína regular, atenuando invernos rigorosos, safras incertas e a distância de mercados. O volume e o porte dos peixes expostos, em gesto performático típico de retratos rurais, funcionam como prova material de abundância, atributo que reforçava a narrativa de “terra promissora” nas colônias do Oeste catarinense. A canoa escavada em tronco, bem como as vestes cotidianas e a presença de diferentes idades sinalizam um trabalho familiar distribuído por gênero e geração, no qual a pesca articulava lazer, dieta e trocas locais (venda, escambo). Assim, Plaumann mostra uma paisagem anterior à expansão de barragens, à intensificação agroindustrial e ao avanço de normas sanitárias, oferecendo ao historiador uma evidência densa sobre práticas alimentares, usos do território e hierarquias sociais que estruturavam a vida em Nova Teutônia.

Ademais, as diversas fotografias também retratavam outras peculiaridades deste período, como as particularidades da família, principalmente as residências por onde passaram, retratos da mãe e pai, casamentos de personalidades da região, seu trabalho como professor e posteriormente suas coleções e os pesquisadores em que se relacionava através das correspondências. Segundo a historiadora Aline Maisa Lubenow, “Todas as fotografias foram

organizadas pelo próprio colecionador em diversos álbuns, aproximadamente 20”. (Lubenow, 2015, p. 17). Todos os álbuns também foram divididos por segmentos.

A fotografia pode ser considerada uma ferramenta na observação do mundo natural para Plaumann, pois, além de observar e colecionar, o naturalista realiza registros fotográficos da natureza alemã. Paisagens rurais e ambientais capturam o olhar de Plaumann, como observado no álbum com fotos tiradas por ele na Alemanha e intitulado: “Bilder aus der alten Heimat – ab 1917-1924”. (Lubenow, 2015, p. 16-17).

A carreira de Plaumann como fotógrafo profissional teve seu início na metade de 1925, quando visitou juntamente com um comerciante de Nova Teutônia a região de Passo Bormann, onde pôde conversar com o Promotor da Comarca do local. Apreciando o trabalho de Plaumann o aconselhou a explorar a fotografia como profissão. Essa recomendação impulsionou Plaumann a dedicar-se intensamente ao aprimoramento de suas habilidades fotográficas.

Eu achava que isso, para mim, um desconhecido, seria um tanto difícil, porém, o promotor afirmava que não. Pediu-me para fazer uma boa fotografia de peito dele mesmo e mostrá-la à freguesia, como prova de minha lealdade. Disse ele que isso seria necessário, visto que há um tempo tinha passado por aqui um falso fotógrafo, embolsando a entrada da encomenda e abandonando a região para nunca mais voltar. [...] Não tínhamos dinheiro necessário para fazer uma encomenda adequada de Porto Alegre. Para o começo, emprestei o material fotográfico de uma pessoa de Itá e fiz a primeira excursão a Passo Bormann. Pedi a metade do preço antecipadamente. (Plaumann *in* Spessatto, 2001, p. 63)

A dificuldade de atender à demanda dos clientes era uma constante para Fritz Plaumann durante sua atuação como fotógrafo, principalmente devido às precárias condições de transporte e às longas distâncias que precisava percorrer. Além disso, a fotografia era um serviço considerado de luxo na época, acessível apenas às camadas mais abastadas da população, o que tornava ainda mais difícil para os fotógrafos garantir uma clientela fiel e disposta a pagar pelos serviços. No entanto, apesar dessas adversidades, Plaumann conseguiu construir uma carreira como fotógrafo, registrando a vida e os costumes das pessoas da região, e, assim, contribuindo para a preservação da história e da cultura local.

Embora a data exata do fim de sua carreira fotográfica não seja conhecida, vários fatores podem estar associados a essa decisão. A distância geográfica entre as regiões em que seus serviços eram solicitados e sua residência, somada à exigência de longas viagens para o processo de revelação das imagens, consumia grande parte de seu tempo e disponibilidade. O trabalho como fotógrafo, que demandava viagens frequentes, começou a competir com o crescente interesse de Plaumann pelas pesquisas entomológicas. A dedicação a essa nova área

de estudo e à coleta de insetos pode ter, aos poucos, reduzido o tempo dedicado à profissão de fotógrafo. No entanto, a fotografia continuou a ser utilizada posteriormente como um complemento ao seu trabalho como colecionador e pesquisador de insetos.

Além de sua carreira como fotógrafo e entomólogo, Plaumann também se destacou como professor em Nova Teutônia, onde atuou por aproximadamente cinco anos. Sua trajetória docente teve início em 1927, com a construção da primeira escola da comunidade, um prédio de madeira que precisou ser trazido de longe. Após a fundação da escola, a organização da instituição contou com a indicação de Hans Hillmann como professor e de Watermann e Plaumann como diretores (Spessatto, 2001). Durante esse período, Plaumann continuou suas atividades como agricultor e pesquisador, ao mesmo tempo em que iniciava sua carreira de comerciante, o que o levou a realizar diversas atividades concomitantes.

Com o início das atividades escolares, a comunidade elegeu, por meio de uma assembleia, o primeiro professor definitivo da escola particular de Nova Teutônia. Como Plaumann relata em seu diário, ele foi eleito com nove votos contra um para ensinar as línguas alemã e portuguesa (Spessatto, 2001, p. 78). Nesse contexto, é importante notar que, segundo Neide Almeida Fiori, em 1916, apenas 27% das escolas em Santa Catarina eram financiadas pelo governo estadual, enquanto 17,5% eram custeadas pelos municípios, e 55,5% eram de caráter privado. Isso evidencia a escassa presença do poder público e das colonizadoras no fortalecimento da educação no início do século XX. Em Nova Teutônia, a situação não foi diferente, com a escola sendo mantida por uma associação criada pela própria comunidade.

No Oeste de Santa Catarina os migrantes buscaram outras formas de levar a escola a seus filhos. Muitas vezes os próprios pais ou alguém da comunidade, ensinavam as crianças a ler e a escrever. Esta realidade define a opção dos migrantes pelo trabalho para ‘ganhar dinheiro’, em detrimento da escola, pois as dificuldades de chegar até ela eram quase intransponíveis. (Amador; Zotti; 2006, p. 08)

Como Aline Lubenow afirma: “No diário de Plaumann há falta de informações sobre as aulas, sendo que se encontram somente citações em relação à quantidade de alunos, consta que quase toda turma é de origem alemã. (Lubenow, 2015, p. 31)”. Durante os períodos como professor, são dados destaques em seu diário principalmente os trabalhos na agricultura, caças realizadas e as peculiaridades do dia a dia envolvendo a propriedade rural de sua família e a dos seus vizinhos, como a morte de animais domesticados por cobras, dentre outros animais selvagens.

Porém, alguns detalhes importantes de Plaumann como professor se dão no exame de professor público em dezembro de 1927, este realizado no município de Joaçaba, como forma de continuar a trabalhar na escola de Nova Teutônia. Outra situação foi a celebração do Natal do mesmo ano, sendo o primeiro grande evento celebrado pela comunidade, qual encheu o prédio da escola como o próprio Plaumann afirma:

“No programa, alternavam-se poesias, recitadas pelos alunos, com cantos em comum, acompanhados por mim no violino, em seguida havia distribuição de prendas. De noite foi feita apresentação da peça de teatro "Im Forsthaus", na qual participavam 13 pessoas e eu, que fui muito aplaudido.” (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 80)

Devido às suas pesquisas científicas, à assistência prestada aos residentes da vila, principalmente na área médica, as atividades comerciais e ao envolvimento contínuo na agricultura familiar, mesmo após o falecimento de seu pai em 1928, Fritz Plaumann viu-se compelido a renunciar ao cargo de professor em outubro de 1931. O motivo é a superlotação de serviços, que impediam Plaumann a continuar de forma eficiente com seus projetos pessoais:

Comprovava-se que a minha saúde não suportava mais esse cargo em conjunto com a atividade comercial e mais ainda as pesquisas científicas assumidas, principalmente na entomologia. Solicitado pela diretoria escolar, pelo povo em geral e mesmo pelo cônsul da Alemanha, prometi continuar no cargo até a nomeação de um novo professor e assim, por enquanto, não mudava nada. (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 90)

Portanto, em maio de 1932, Fritz Plaumann recebeu oficialmente sua demissão do cargo de professor. Em sua última aula, rodeado pelo som do violino e pelos cânticos dos alunos, Plaumann foi tomado pela emoção, deixando transparecer sua profunda conexão com o ambiente e o impacto significativo que teve na vida dos estudantes. “Sempre tinha me dado muito bem com os alunos, não havia ninguém que me aborresse de propósito. Bem... era uma vez” (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 92).

Dessa forma, encerra-se o período como professor, que desempenhou um papel crucial no avanço de suas pesquisas científicas. Durante esse tempo, Plaumann estabeleceu diversas trocas de correspondências, que possibilitaram a permuta de suas coletas por bibliografias e materiais necessários para o laboratório. Como resultado dessas trocas, a coleção de borboletas, no ano seguinte, já contava com impressionantes 800 espécies, incluindo várias que eram consideradas raras até então, como consta em seu diário.

Concomitantemente com seu trabalho como professor, Plaumann também assumiu o papel de comerciante em Nova Teutônia. Essa inserção no comércio foi uma extensão natural

de seu envolvimento com a comunidade local e sua compreensão das necessidades e demandas da região. Através de sua atuação comercial, Plaumann conseguiu fornecer produtos e serviços essenciais para a população, contribuindo também para o fortalecimento de seus laços com a comunidade. O início dessa nova profissão de Plaumann ocorreu também no ano de 1927, em “uma casa alugada que servia de espaço para o armazém de secos e molhados, no qual se vendia de tudo, desde o gênero alimentício até os utensílios para as atividades agrícolas” (Lubenow, 2015, p. 32). Em um curto período de tempo, o comércio prosperou a ponto de, em 1929, exigir mudanças, como Plaumann afirma:

A casa alugada com a mini-loja estava pequena demais e, sem possibilidade de ampliação, era muito incômoda para a freguesia, que tinha de subir muitos degraus para poder entrar. Por isso resolvi construir uma casa comercial adequada, com 10 x 14 m, com porão (adega) do mesmo tamanho e sótão para três quartos e outro cômodo, situada em um dos terrenos adquiridos. (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 84-85)

Figura 4: Casa comercial alugada por Fritz Plaumann em Nova Teutônia, 1929.



Fonte: Fritz Plaumann; Museu Entomológico Fritz Plaumann.

Assim, em agosto de 1930, Plaumann mudou-se com sua mãe para a nova casa, que também passou a desempenhar o papel de loja. A residência de Plaumann tornou-se um local central para a comunidade, onde os moradores podiam encontrar produtos e serviços essenciais.

Posteriormente a casa foi vendida por Plaumann, mas existe atualmente, preservando características originais de sua arquitetura.

Duas situações foram essenciais para Plaumann fechar seu comércio. A primeira foi a crise de 29, que demorou um pouco para chegar a Nova Teutônia, mas que diminuiu a renda dos colonos. Como Spessatto afirma em comentários no diário, a crise foi superada somente por volta de 1936. (Spessatto, 2001). Já a segunda, foi a abertura de uma casa comercial em 1932 pela Empresa Luce & Rosa, fator crucial para que Plaumann encerra se essa atividade:

Não havia condições para sobrevivência de uma loja, tanto menos de duas. Por isso resolvi fechar a minha e vender o meu estoque de mercadoria à recém-fundada. O diretor da empresa pediu-me para fazer a contabilidade da loja, oferecendo somente 25,00 por mês. Bem, naquela situação, era melhor que nada... (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 93)

Com essa mudança de cenário, Fritz Plaumann passou a se dedicar ainda mais à sua profissão de entomólogo, intensificando suas viagens para coletas de insetos. Com o tempo, suas contribuições para a entomologia tornaram-se cada vez mais reconhecidas, ampliando sua influência além das fronteiras de Nova Teutônia. Esse novo foco em sua pesquisa consolidou sua posição como uma figura importante no estudo da fauna local, marcando o início de uma fase de grande relevância para a ciência na região e contribuindo para o avanço do conhecimento sobre a biodiversidade do oeste catarinense.

2.3 A RELAÇÃO DE PLAUMANN COM OS DIFERENTES GRUPOS ÉTNICO-SOCIAIS QUE COMPUNHAM A COMUNIDADE DE NOVA TEUTÔNIA

A formação da comunidade de Nova Teutônia, sobretudo a partir de 1922, foi moldada por um processo de colonização que projetou uma identidade germânica sobre o território. Contudo, essa não foi a única identidade em jogo. O espaço foi (re)construído por diferentes grupos que ali viviam e conviveram, como os povos indígenas, presentes antes da chegada dos colonos e caboclos, descendentes de indígenas e europeus ou de populações mestiças, entre outros. A interação (e por vezes o conflito) entre esses sujeitos produziu um mosaico de pertencimentos e práticas, frequentemente invisibilizado pela historiografia tradicional, que tendia a privilegiar narrativas de origem europeia. Assim, falar de Nova Teutônia implica reconhecer identidades múltiplas, sobrepostas e negociadas ao longo do tempo, e não uma única matriz cultural.

Neste contexto, a relação de Fritz Plaumann com esses diferentes grupos denota uma oportunidade de análise sobre a interação entre as identidades em Nova Teutônia. Plaumann, enquanto um observador ativo, registrou as dinâmicas locais em seus escritos e também interagiu com essas populações de maneiras que revelam nuances sobre as trocas culturais, os conflitos e as adaptações que marcaram o convívio no território. Para aprofundar essa análise, esta seção do capítulo será dividida em duas seções terciárias: "Os povos indígenas" e "A cultura e identidade cabocla", nas quais serão abordados as características, práticas e o papel desses grupos na comunidade, bem como as maneiras pelas quais Plaumann dialogou, ou se distanciou, dessas identidades, refletindo as contradições e as possibilidades de encontros interculturais no processo de colonização.

2.3.1 Os povos indígenas

O termo "indígena" abrange uma multiplicidade de significados que transcendem definições simplistas, refletindo as complexidades das culturas, identidades e experiências dos povos originários ao longo da história. Na América Latina, o termo foi imposto no período colonial para homogeneizar uma vasta diversidade de etnias, idiomas, práticas culturais e organizações sociais. Como aponta Lino (2022, p. 8) “Cientificamente os povos indígenas podem sim ser considerados etnia, como o Brasil também pode ser considerado, mas na sua dimensão sociológica e política são povos, reconhecidos inclusive pela legislação internacional (Convenção 169 da OIT)”⁴.

Além disso, no campo da historiografia e arqueologia, Cavalcante (2019) aponta que, até meados da década de 1980, prevalecia uma abordagem que negligenciava os povos indígenas como agentes históricos. Essa perspectiva refletia a influência de um viés eurocêntrico nas Ciências Humanas no Brasil, o que resultava na marginalização das vozes e protagonismo dos povos originários na narrativa histórica. Tal viés ignorava a agência dos indígenas em seus próprios contextos históricos e reforçava estereótipos e invisibilizava a complexidade de suas contribuições culturais, políticas e sociais ao longo do tempo:

No final dos anos 1980, já no término da ditadura militar, o quadro começou a mudar. Inicialmente, a História Indígena e do Indigenismo começou a ganhar destaque nos trabalhos de antropólogos e arqueólogos. Essa inflexão se deu em conexão com as lutas travadas pelo movimento indígena no final da ditadura, especialmente durante a Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), quando os direitos indígenas foram integralmente constitucionalizados, representando expressivo avanço formal na relação do Estado com os povos

⁴ A Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho, de 1989, é o principal tratado internacional vinculante que trata dos direitos dos povos indígenas e tribais. O Brasil ratificou a convenção em 2002.

indígenas, principalmente no que se refere ao reconhecimento do direito à diferença e do caráter originário dos direitos territoriais (Cavalcante, 2019, p. 66).

Entre os intelectuais que mais se dedicaram a compreender e defender os povos indígenas no Brasil, destaca-se Darcy Ribeiro. Antropólogo, educador e pensador comprometido com as questões nacionais, Ribeiro estabeleceu, ao longo de sua trajetória, uma relação profunda com as populações indígenas, tanto no campo da pesquisa como na atuação política. Em suas obras, a temática indígena aparece como um ponto fundamental para pensar a formação social e histórica do Brasil. Em *Diários Índios*, Ribeiro expressa a tensão entre essas formas de vida e a expansão de um modelo civilizatório destrutivo:

Sabe da civilização que vem e é inevitável, mas nem suspeita de seu horror, que virá destruir a adaptação ecológica e a convivência solidária que têm, raríssima. Nossa civilização é incapaz de criá-las ou preservá-las. No mundo inteiro, seu papel foi destruí-las, empobrecendo, apropriando, dizimando os povos que encontrou” (Ribeiro, 1996, p. 158–159).

No contexto do sul brasileiro, os povos indígenas possuem uma longa e rica história de ocupação e interação com o meio ambiente. Entre os grupos predominantes da região estão os Guarani, Kaingang e Xokleng, cada um com características culturais, sociais e econômicas específicas. Os Guarani, tradicionalmente reconhecidos por sua espiritualidade e visão centrada na relação harmônica com a terra, possuem um sistema de subsistência baseado na agricultura itinerante, na coleta e na pesca, além de práticas culturais que reforçam os laços comunitários. Os Kaingang, por sua vez, destacam-se por sua organização social baseada em clãs, que promovia uma relação de reciprocidade com a natureza, incorporando práticas agrícolas e manejo sustentável das florestas. Já os Xokleng, tradicionalmente caçadores-coletores, habitavam regiões de florestas densas, deslocando-se sazonalmente para aproveitar os recursos naturais disponíveis. A ocupação da região pelos primeiros grupos humanos remonta a cerca de 12 mil anos, como pontua Jaisson Teixeira Lino:

Por volta de 12 mil anos atrás, os primeiros migrantes começaram a ocupar o território, atraídos pelas ofertas ambientais abundantes, explorando as densas matas e a fauna associada, os vales dos rios e procurando adaptar-se ao clima subtemperado. Na literatura arqueológica, estes povos pioneiros foram associados à tradição arqueológica denominada de “Umbu”, quando os primeiros sítios arqueológicos foram sendo registrados de maneira sistemática, em meados da década de 1960, durante a vigência do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o PRONAPA. Entretanto, o termo “caçador-coletor” também tem sido utilizado para classificar estes grupos

humanos, colocando em questão uma classificação alternativa àquela utilizada para definir tradições arqueológicas. (Lino, 2016, p. 94)

Com o avanço da colonização no século XIX, os povos indígenas enfrentaram um processo brutal de despossessão territorial, caracterizado por confrontos violentos e remoções forçadas. A ocupação luso-brasileira, seguida pela imigração europeia, transformou profundamente o ambiente e a forma de vida dessas comunidades, empurrando-as para áreas marginais ou confinando-as em reservas delimitadas pelo Estado. Esse contexto evidencia a necessidade de uma análise historiográfica mais aprofundada, que rompa com os ditames eurocêntricos e ofereça uma compreensão mais ampla e inclusiva, como destacado por Cavalcante:

Portanto, entendo que a negação da História Indígena ou seu rebaixamento a um grau secundário de importância, seja na esfera historiográfica ou no campo do ensino da História, são indicadores de que a História segue privilegiando as metanarrativas eurocêntricas em detrimento das histórias e dos saberes não ocidentais. A descolonização da História, e mais especificamente da História Indígena, implica pensar nossos problemas a partir de experiências e epistemes que rompam com os ditames eurocêntricos e, sobretudo, que rompam com qualquer perspectiva teórica ou política de cunho universalizante, é preciso que a diversidade seja não apenas respeitada, mas também desierarquizada. (Cavalcante, 2019, p. 76)

Em Nova Teutônia, os registros históricos indicam que a presença indígena era significativa antes do processo de colonização mais intensa por parte de imigrantes alemães e italianos. A partir do início século XX, a ocupação sistemática dessas terras pelos colonos levou a uma redução gradual do povo Kaingang na região, deixando poucas evidências de sua presença nos registros oficiais. Apesar disso, a memória dos povos indígenas permaneceu viva, perpetuada tanto por narrativas orais quanto por práticas culturais ainda observáveis, como o artesanato e os saberes relacionados ao manejo da terra. A doutora teóloga Lori Almann aponta sobre a relação entre os alemães luteranos e indígenas, citando a Terra Indígena Toldo Pinhal⁵:

No período inicial da colonização no sul do Brasil e em especial no Rio Grande do Sul, os imigrantes foram colocados, sem prévio conhecimento, em terras tradicionalmente ocupadas por indígenas. Em algumas regiões, buscou-se uma convivência pacífica, e isso pode ser percebido em relatos de colonos luteranos na atual área de abrangência da Área Indígena de Pinhal. Na maioria dos casos, no entanto, as famílias indígenas foram expulsas e empurradas com maior ou menor violência por funcionários das colonizadoras ou pelos

⁵ Localizada no município de Seara (SC), a Terra Indígena Toldo Pinhal é uma das principais áreas de ocupação Kaingang reconhecidas atualmente no oeste de Santa Catarina. A relação histórica entre colonos e indígenas nessa região é objeto de estudos interdisciplinares.

próprios agricultores, que haviam adquirido as referidas terras, para as regiões mais inóspitas ou de fronteira. (Altmann, 2007, p. 32).

Ademais, é essencial ressaltar que Altmann (2007), por meio de fontes orais, contextualiza que a memória dos agricultores mais idosos na região registra com riqueza de detalhes os contatos com indígenas no período inicial da colonização. Esses relatos mostram que, em muitos casos, os imigrantes só conseguiram sobreviver graças ao auxílio e aos ensinamentos dos indígenas, que compartilharam conhecimentos sobre a fauna, a flora e as técnicas de cultivo adaptadas ao ambiente local. Um exemplo dessa interação é o diário de Fritz Plaumann, que documenta episódios de troca cultural entre os colonos e os povos indígenas, corroborando as narrativas orais e destacando o papel central dos indígenas na adaptação dos colonizadores ao território.

Plaumann, dedicou parte de seus registros a documentar aspectos da vida dos povos indígenas. Em seu diário, Plaumann destaca o papel dessas comunidades na preservação de práticas tradicionais, incluindo a confecção de bolsas, chapéus e outros objetos artesanais, que evidenciam técnicas apuradas de entrelaçamento e uso de materiais naturais. Embora os relatos de Plaumann nem sempre aprofundem suas reflexões sobre as diferentes etnias, o conjunto de seu trabalho mostra uma fonte diversificada sobre os povos indígenas, caboclos e outros grupos locais. A partir de 1925, quando Plaumann iniciou sua atividade como fotógrafo profissional, muitos de seus registros possivelmente surgiram de encomendas, revelando o interesse de seus contemporâneos em preservar imagens que documentavam o cotidiano e as culturas dessas comunidades. Seus registros fotográficos complementam os escritos, permitindo uma análise mais ampla das interações entre os diferentes grupos sociais e do impacto das transformações ocorridas na região durante o início do século XX, como a da imagem a seguir:

Figura 5 - Indígenas da região do Rio Irani, fotografados por Fritz Plaumann, 1925



Fonte: Fritz Plaumann in Spessatto, 2001, p. 63

Ao fazer uma análise dessa fotografia capturada por Plaumann, a mesma carrega um simbolismo sobre a vida indígena e as dinâmicas sociais da época. Os cestos, chapéus de palha e bolsas entrelaçadas que aparecem na imagem mostram as práticas artesanais que conectam esses povos à terra, o qual demonstra seu profundo conhecimento sobre os materiais naturais e suas aplicações. No entanto, a presença de um homem branco, montado a cavalo ao fundo, contrasta com a cena central, simbolizando a desigualdade estrutural que moldava as relações entre os indígenas e os colonos. Podemos enfatizar que, ao ser analisada em conjunto com os registros de Plaumann, a fotografia mostra as tensões de um cenário marcado pela expropriação de suas terras e pelo convívio forçado com as dinâmicas colonizadoras. O campo cultivado, embora seja um elemento de conexão com o trabalho agrícola dos indígenas, também sugere a transformação de seus territórios em espaços adaptados à lógica produtiva introduzida pelos colonos.

O artesanato indígena documentado por Plaumann através também de outras fotografias, destaca um aspecto central das culturas originárias que é a inter-relação entre arte, utilidade e espiritualidade. A confecção de bolsas e chapéus, por exemplo, além de ser uma prática econômica, era também uma expressão de identidade e um veículo para a transmissão de saberes ancestrais. Lino (2016) entende que, essa conexão entre artefatos e rituais reforça o entendimento de que as práticas culturais Kaingang, como o artesanato, estavam imersas em um contexto espiritual e simbólico que carregava a identidade e a memória do povo. Além

disso, a organização social mencionada abaixo por Lino, com a divisão em clãs e a luta por territórios, mostra uma dinâmica complexa de resistência e preservação cultural frente aos desafios impostos por outros grupos e pela colonização:

[...] inúmeros foram os documentos produzidos narrando aspectos gerais da cultura caingangue, da qual podemos destacar: elementos da cultura material em geral (artefatos, adornos, etc.), os enterramentos em montículos, rituais como o kiki de culto aos mortos, as divisões em metades clânicas, dados de subsistência (como a exploração do pinhão), as características físicas, dentre outros. Como mostram os estudos de Luís Fernando Laroque,¹⁶ no século XIX os caingangues se agrupavam em torno de uma chefia forte e centralizada e não raras vezes entravam em conflitos com grupos de diferentes chefias, devido à busca pelo domínio territorial. Assim, foram eternizados na historiografia caciques importantes como Nonoai, Fongue, Doble e Condá. (Lino, 2016, p. 105)

Dentre esse contexto, podemos relacionar com os relatos de Plaumann, que, ao documentar as interações com os povos indígenas de Nova Teutônia, cumprem um papel ao humanizar essas comunidades, apresentando suas práticas, costumes e habilidades com um olhar atento e respeitoso. No entanto, essa mesma documentação também revela as contradições de seu tempo. Enquanto, por um lado, ele destaca as virtudes culturais dos indígenas, por outro, o próprio contexto de sua atuação nos registros, carrega uma tensão implícita: a relação entre o colonizador e os povos indígenas é marcada por uma dinâmica desigual de poder e exploração.

Assim, os registros de Plaumann além de ser uma fonte de pesquisa histórica, mostra as dinâmicas de exclusão e resistência que marcaram e continuam a marcar, a trajetória dos povos indígenas no oeste catarinense. Deste modo, ao reconhecer sua presença e contribuição, reafirmamos a importância de preservar suas histórias, culturas e direitos, contribuindo para um futuro em que sua memória seja valorizada e suas demandas sejam atendidas.

2.3.2 A cultura e identidade cabocla

O termo "caboclo" tem múltiplos significados na sociedade brasileira. José Carlos Radin (2018) observa que pode ser usado de forma pejorativa para descrever pessoas que vivem no campo e são descendentes de indígenas com negros ou brancos. Além disso, "caboclo" pode se referir a pequenos produtores rurais na Amazônia ou no Nordeste do Brasil, ou a figuras indígenas em religiões de matriz afro-brasileira. Também é uma categoria étnica importante no reconhecimento de direitos territoriais e práticas culturais tradicionais.

No oeste catarinense, a identidade cabocla começou a se consolidar a partir de meados do século XIX, com a chegada de luso-brasileiros que passaram a ocupar a região. Como

destaca Radin (2018), o povoamento caboclo inicialmente se deu ao longo do Caminho das Tropas, expandindo-se gradualmente para o interior das matas. Os caboclos mantinham conexões sociais, culturais e econômicas com outros grupos e espaços da região, participando de redes de circulação e trocas, que, além de garantir a subsistência, era integrada a circuitos mais amplos. Nesse contexto, Arlene Renk (2018) pontua que os caboclos constituem uma população preexistente à chegada dos colonos, resultante da miscigenação entre descendentes de portugueses, espanhóis, ex-escravizados e indígenas. Sua relação com a terra era baseada na posse, sem a necessidade de formalização via escritura, pois não compreendiam a terra a partir da lógica da propriedade legalizada. A atividade econômica era majoritariamente voltada à subsistência, com eventual venda de excedentes, caracterizando-se por um trabalho não orientado pela lógica da acumulação, mas pela reprodução da vida cotidiana e do pertencimento ao território.

A história oficial muitas vezes silencia ou não confere a devida importância aos caboclos, que em certo momento representavam a maioria da população do território. Esse silêncio histórico conforme Radin (2018) reflete a marginalização dos caboclos, que não eram reconhecidos como entes políticos e sociais pelas autoridades, o que resultou na negação de seus direitos de posse e formas de trabalho⁶.

Segundo Poli (1995), a conceituação de caboclo é mais social e econômica do que racial, destacando-se pela condição de pobreza. Esse reconhecimento social difere das comunidades de descendentes de imigrantes, como italianos e alemães, que não admitiam o casamento com caboclos devido ao preconceito. Os caboclos eram vistos como sertanejos, caipiras, matutos, com características como face queimada pelo sol, mãos calejadas pelo trabalho, e uma relação especial com a natureza. Essa identidade, como caracteriza Thomé (1992), também se define pela oposição aos costumes dos colonos, sendo frequentemente marginalizados e destituídos de suas terras e métodos de trabalho. Um dos pontos a se destacar é a exploração da madeira por parte dos colonos em detrimento a população cabocla, como aponta Sueli Ângelo Furlan:

As florestas culturais, seus ecossistemas e as alternativas de manejo sem desmatamento que segmentos culturalmente diferenciados mantêm e re-inventam perdem diante das pressões econômicas maiores e mais violentas, pela exploração da madeira [...]. (Furlan, 2006, p. 07)

⁶ É fundamental, ao abordar a história dos caboclos, considerar também o papel da elite agrária e política regional e nacional, uma vez que foram essas camadas dominantes que operaram ativamente os processos de exclusão social, territorial e simbólica desses sujeitos. A elite não apenas impôs um modelo de ocupação que subordinava os modos de vida tradicionais, como também mobilizou políticas fundiárias, jurídicas e discursivas que invisibilizaram os caboclos na historiografia e nas estruturas de poder. Ignorar esse antagonismo seria negligenciar os mecanismos estruturais que sustentaram (e muitas vezes ainda sustentam) a marginalização cabocla.

A relação dos caboclos com a terra era marcada por uma posse não legalizada segundo os critérios do Estado. No entanto, essa concepção de legalidade fundiária não fazia parte da cultura desses grupos. Para muitos caboclos, suas famílias habitavam aquelas terras há gerações, construindo ali formas próprias de territorialidade, trabalho e pertencimento. Assim, embora a ausência de títulos formais os colocasse em situação de insegurança diante do avanço colonizador, a terra não era vista como mercadoria, mas como espaço de vida. A economia cabocla baseava-se na subsistência, com pequenas roças de milho, feijão, mandioca, batata e arroz, e a criação de pequenos animais para consumo próprio. Essa economia de subsistência não gerava excedentes e, portanto, não se inseria no mercado comercial (Radin, 2018). Segundo Nodari, a economia cabocla está relacionada diretamente com o uso das terras em abundância, o que ocasiona em uma sedentarização desta população:

Essa população, embora dispusesse de uma ampla faixa de terras formadas por vastas florestas nativas, mais ao oeste, constituindo uma área de fronteira agrícola, era relativamente fixa, ao menos em parte do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. É possível dizer que a existência da floresta e de terras abundantes, onde era possível reproduzir práticas costumeiras de acesso e uso da terra e seus recursos e o sentimento de localidade, formado através dos laços de parentesco, vizinhança e compadrio, são fatores relevantes na sedentarização da população cabocla. (Brandt e Nodari, 2011, p. 85).

Conforme Nodari (2011), a escolha dos colonos "ordeiros" e "trabalhadores" não se dirigiu à população cabocla, mas sim aos teutos-alemães e ítalo-brasileiros estabelecidos ao longo do século XIX nos núcleos de colonização do Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, além do baixo custo da terra em comparação às zonas coloniais gaúchas, ainda era possível comprar terras próximas, permitindo que as famílias permanecessem unidas, algo que já não era possível no Rio Grande do Sul. Isso permitia a esses grupos reproduzirem ou adaptarem suas práticas socioculturais e de uso do espaço, estas muito valorizadas por eles. Assim, podemos destacar que a apropriação privada da terra e a colonização afetaram a economia das comunidades caboclas, limitando seu acesso à terra e recursos naturais.

Outro ponto importante para a população cabocla se refere ao território. Segundo Brandt (2011), podemos definir território como um conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos sociais para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica do ambiente biofísico. Ademais, é importante destacar que a população cabocla da Floresta de Araucária utiliza a terra e se organiza no espaço, dando significados ao lugar, o que está intimamente ligado à sua identidade e memória, conforme é apontado por Brandt:

A apropriação privada da terra e a posterior consolidação da colonização, envolvendo o Vale do Rio do Peixe e o Oeste catarinense, fizeram com que esse espaço fosse bastante modificado, tanto pela ação de diversas indústrias madeireiras, quanto pela ação dos colonos para a produção de lavouras. Esse processo [...], excluiu milhares de famílias caboclas que já ocupavam aquelas terras. Vistas a partir de então como intrusas, foram alvos não somente da expropriação, mas também da desqualificação de suas formas de acesso e uso da terra, enquanto foram exaltadas as virtudes dos colonos, principalmente de origem germânica e italiana, em relação à valorização do trabalho e suas práticas agrárias. (Brandt e Nodari, 2011, p. 88-89).

Assim, podemos definir que as dinâmicas de ocupação territorial e transformação econômica impactaram profundamente a vida dos caboclos, influenciando suas práticas sociais, econômicas e culturais ao longo do tempo. A expropriação das terras e a imposição de novos padrões econômicos e sociais alteraram suas formas tradicionais de subsistência e organização comunitária e redefiniram suas identidades e relações com o ambiente natural. Essas mudanças foram simbólicas, afetando a maneira como os caboclos se percebiam e eram percebidos dentro da sociedade em transformação.

Pode-se constatar que a população cabocla constitui de relações sociais dentro da comunidade. Aspectos como parentesco, vizinhança e compadrio, estão muito presentes em seus núcleos, contribuindo assim para o sentimento de localidade e coesão social. Conforme destaca Délcio Marquetti no livro *História da Fronteira Sul*:

Para muitos, o “bem mais precioso” era a família, local do acolhimento e no qual o sujeito aprendia quase tudo o que precisava aprender para “se virar na vida”. Esses saberes eram transmitidos e (re)construídos de geração a geração por meio da oralidade e de rituais e atividades cotidianas. Uma prática de solidariedade comum era a do mutirão (ou puxirão), em que, por ocasião de uma sementeira, colheita, construção de casa ou de adoecimento, os vizinhos se reuniam e trabalhavam um dia ou mais, sem cobrar nada, para ajudar a família em necessidade. (Marquetti e Silva, 2016, p. 117)

Porém, devido a situações como a Guerra do Contestado e posteriormente a colonização do oeste de Santa Catarina, a expropriação de terras impactam a população cabocla, desestruturando seu modo de vida anterior e alterando sua organização social. Conforme aponta Brand, os caboclos acreditavam que os novos migrantes e imigrantes poderiam se adaptar aos costumes dos caboclos, porém isso não aconteceu:

Pode-se imaginar que os caboclos esperavam que os colonos se adaptassem às suas normas e crenças, submetendo-se às suas formas de controle social, [...] de maneira semelhante ao que ocorria com a chegada de novos moradores de origem luso-brasileira ou cabocla, que compartilhavam seus costumes. Entretanto, isto não aconteceu, pois os colonos, tanto teutos quanto ítalo, formavam grupos bastante fechados, dentro da sua identidade étnica com suas

retóricas, símbolos e rituais através dos quais defendiam a manutenção e se, necessário, a renegociação das suas práticas socioculturais. Desta forma, “a utilização do espaço até então habitado, principalmente, por caboclos sofreria modificações e remodelações com a chegada desses novos moradores [...]”. (Brandt e Nodari, 2011, p. 86).

Devemos levar em consideração que os caboclos, dentro de seu âmbito familiar, também passaram a mudar sua concepção de sobrevivência devido ao processo de colonização e ao uso da terra privada a partir da divisão de terras através das colonizadoras. Essas mudanças forçaram os caboclos a reconfigurar suas práticas familiares e comunitárias, redefinindo suas relações de trabalho, modos de produção e até mesmo sua organização social. A adaptação a essas novas condições foi, muitas vezes, acompanhada de grandes desafios e dificuldades, resultando em uma transformação significativa da cultura e do modo de vida tradicional dos caboclos. Como aponta Marilize Radin Frattini em capítulo da obra *Eternos Migrantes*:

“Os caboclos, com a expansão da propriedade privada, passaram a viver como posseiros a fim de produzir sua subsistência. Além de perderem o controle sobre as terras que ocupavam, viram seus espaços de sobrevivência tomados por outra forma de ocupação e de organização da produção, que os excluía e interferia profundamente em suas identidades culturais.” (Frattini e Radin, 2022, p. 194)

Assim, pode-se identificar que esses pontos modificam todo ambiente físico e social dos caboclos e intensificam as dinâmicas de resistência e adaptação cultural dentro de suas comunidades. Ainda hoje, a memória dessas práticas familiares e comunitárias continua a influenciar a identidade e a coesão dos descendentes dos caboclos no oeste catarinense, refletindo um legado diante das transformações históricas e sociais vivenciadas ao longo dos séculos.

A chegada de Fritz Plaumann e sua família a Nova Teutônia exemplifica como as tensões entre colonos e caboclos moldaram as dinâmicas sociais e culturais da região. No início, Plaumann compartilhou a visão predominante dos colonos e das companhias colonizadoras, como a Luce, Rosa & Cia, que viam os caboclos como entraves ao progresso econômico. A expulsão das famílias caboclas era uma prática recorrente no processo de ocupação territorial. Em seu diário, Plaumann relata o uso da casa de uma família cabocla expulsa como moradia provisória, evidenciando sua adesão inicial a esse modelo de colonização que desconsiderava os direitos e as práticas tradicionais dos caboclos:

“Partimos às 5 horas para casa, pelo caminho sobre a serra. Antes da aquisição do lote, a casa de moradia estava ocupada por intrusos, os quais tenham

cortado pequena parte da capoeira. Tentamos queimá-la, porém não estava devidamente seca, queimava mal.” (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 47)

No entanto, a convivência de Plaumann com o ambiente natural e com os caboclos modificou o seu pensamento. Ao longo dos anos, seu olhar sobre os habitantes originais da região passou por mudanças significativas, conforme registrado em seus relatos. Diferente da postura predominante entre os demais imigrantes de origem alemã que mantiveram por décadas uma visão excludente em relação aos caboclos, Plaumann gradualmente se distanciou dessa lógica, resignificando sua percepção desses sujeitos com base na experiência direta. Plaumann começou a observar e valorizar as técnicas agrícolas empregadas pelos caboclos, suas práticas de manejo sustentável da terra e seu profundo conhecimento sobre os recursos naturais.

Em seus escritos, ao referir-se a eles como "brasileiros", Plaumann mostra um respeito crescente pelas habilidades práticas e pela relação íntima dos caboclos com a natureza. Essa mudança de percepção aproxima-se da reflexão de Darcy Ribeiro, no livro *O Povo Brasileiro* (1995, p. 318), ao afirmar que “perderam sua língua própria, adotando o português, mas mantiveram a consciência de sua identidade diferenciada e o seu modo de vida de povo da floresta.” Mesmo marginalizados, os caboclos sustentaram saberes próprios e modos de vida resilientes, que Plaumann passou a reconhecer na prática cotidiana. Ademais, Plaumann também realiza o seu trabalho de fotografia com os povos caboclos, como cita em seu diário:

Dia 13/06/25. Há alguns dias tinha batido fotos de duas famílias brasileiras e neste dia entreguei a elas os cartões encomendados. E este foi nosso primeiro rendimento no Brasil, quase sem continuação. Quem deu o primeiro impulso para usar a fotografia profissionalmente foi o Exmo. Sr. Promotor da Comarca de Passo Bormann, de origem alemã, residente na cidade do mesmo nome. (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 62)

Essas mudanças na percepção de Plaumann podem ser interpretadas como uma forma de diálogo intercultural. Ele aprendeu técnicas de cultivo e práticas de subsistência que os caboclos utilizavam e incorporou esse aprendizado em sua própria relação com o meio ambiente. Essa troca mostra uma dimensão frequentemente silenciada na história da colonização, sendo que as contribuições dos caboclos para a formação de um saber híbrido, que uniu práticas tradicionais à modernidade imposta pelos colonos europeus.

Em Nova Teutônia, a presença de Plaumann também revela as contradições do processo de colonização. Enquanto apoiava inicialmente as práticas excludentes das colonizadoras, ele acabou reconhecendo, mesmo que de forma individual, a importância dos caboclos na construção do território, mesmo nunca apontando de forma clara em seu diário. Um dos

exemplos de sensibilidade com os caboclos está em um dos episódios ocorridos ao final do ano de 1927:

Dia 11/12/27. No nosso caminho, sofreu queda de cavalo um brasileiro, que teve muita sorte por ter sido jogado para fora da sela, e assim não sofreu nada. Também o seu cavalo ficou preso por uma árvore caída, evitando assim uma queda profunda. O senhor Lehmann e eu ajudamos para que ele se levantasse, sem maiores ferimentos. Neste lugar o caminho era apertado por uma rocha, que eu pretendia arrebentar com dinamite. (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 80)

Essa passagem do diário de Plaumann ilustra como sua convivência com os caboclos transcendeu a simples observação ou utilitarismo, expressando uma interação mais humana e empática. O auxílio, ainda que relatado de forma breve e prática, mostra um momento de solidariedade que contrasta com as dinâmicas excludentes das colonizadoras. Apesar de Plaumann não reconhecer explicitamente, episódios como esse sugerem um reconhecimento da presença e importância dos caboclos na vida cotidiana e nos desafios enfrentados na colonização de Nova Teutônia. Essa convivência, marcada por momentos de colaboração e aprendizado mútuo, mostra a interdependência das culturas e a complexidade das relações em um contexto de profundas transformações sociais e territoriais.

Desta forma, a transformação no pensamento de Plaumann reflete as dinâmicas de resistência e adaptação cultural que também marcaram a trajetória dos caboclos. Mesmo diante da marginalização, os caboclos mantiveram vivas suas práticas e saberes, que acabaram influenciando tanto o cotidiano quanto o trabalho de colonos como Plaumann. Assim, os diários de Plaumann documentam a realidade da colonização e da exploração e registram um encontro cultural que, ainda que desigual, deixou marcas na identidade e na memória histórica de Nova Teutônia.

3 CULTURA, RELIGIÃO E CIÊNCIA EM NOVA TEUTÔNIA

A década de 1930 marcou um ponto de inflexão na história de Nova Teutônia e, de modo mais amplo, no próprio Brasil. As transformações políticas decorrentes da ascensão de Getúlio Vargas ao poder e a consolidação do Estado Novo alteraram profundamente as relações sociais, culturais e econômicas em todo o país, repercutindo sobretudo em comunidades rurais formadas por imigrantes e descendentes, como aquelas do oeste catarinense. O período foi caracterizado por uma crescente centralização do poder e pela tentativa de construção de uma identidade nacional homogênea, processo que se traduziu na repressão a línguas, costumes e instituições de origem estrangeira.

Essas políticas afetaram diretamente o cotidiano de comunidades de ascendência alemã, como Nova Teutônia, onde a religião, a língua e as práticas culturais constituíam elementos essenciais de coesão social. A imposição de um nacionalismo unificador confrontou-se com as identidades locais, obrigando seus habitantes a negociar entre o apego às tradições herdadas e a necessidade de adaptação às novas exigências do Estado. A repressão linguística e cultural, intensificada com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, deixou marcas profundas, revelando o impacto da política e da guerra sobre as dinâmicas mais íntimas da vida comunitária.

Nesse contexto, as experiências de Fritz Plaumann tornam-se um ponto privilegiado de observação. Seu papel como entomólogo, fotógrafo, professor e membro ativo da igreja luterana o coloca no centro das interseções entre cultura, religião e ciência. Suas anotações e correspondências revelam um sujeito que vivenciou as tensões do período, mas que também procurou conciliá-las, articulando sua formação científica com uma visão ética e espiritual do mundo. A partir de suas reflexões e registros, é possível compreender como o pensamento de Plaumann expressa tanto as contradições quanto às possibilidades de síntese entre fé e razão, tradição e modernidade, local e universal.

3.1 AS MUDANÇAS DAS DINÂMICAS SOCIAIS DE NOVA TEUTÔNIA DURANTE O ESTADO NOVO E A INFLUÊNCIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Para perceber as influências da Segunda Guerra Mundial e a relação do Estado Novo com Nova Teutônia, faz necessário primeiramente caracterizar ambos os períodos. A década de 1930 marcou uma mudança brusca na política brasileira. A Era Vargas estabeleceu um novo paradigma econômico, social e cultural no país. A Revolução de 1930, com a entrada de um governo provisório liderado por Getúlio Vargas, empossado como chefe do governo provisório

da nova república em 3 de novembro de 1930, fez com que as oligarquias conservadoras, que dominavam a república desde o seu início, saíssem do poder central brasileiro. Nessa nova fase, o Congresso Nacional foi dissolvido e os interventores foram nomeados em todos os estados. O historiador Marcos Napolitano enfatiza esses novos grupos formados:

Desde que chegaram ao poder, os grupos do novo regime mantinham-se em tenso equilíbrio. E, em meio às tensões entre liberais e autoritários, consolidava-se a liderança de Getúlio Vargas que, de maneira hábil e pragmática, fazia o papel de mediador de interesses em conflito, evitando tomar medidas extremas a favor ou contra as tendências políticas em disputa. O que unia todos os grupos, no momento imediato à tomada de poder, era isolar os paulistas do PRP, os grandes perdedores de 1930. (Napolitano, 2018, p. 94).

A partir deste momento até o ano de 1945, Vargas se tornou presidente do Brasil. Os historiadores dividem a Era Vargas em três períodos específicos. O primeiro é o período do Governo Provisório (1930–1934), quando Vargas governou por decreto como Chefe do Governo Provisório, cargo instituído pela Revolução, enquanto se aguardava a adoção de uma nova constituição para o país. O segundo é o período da Constituição de 1934. Nesse período, após a aprovação da nova constituição pela Assembleia Constituinte de 1933-1934, Vargas foi eleito pela assembleia sob as disposições transitórias da constituição como presidente, juntamente com um poder legislativo democraticamente eleito. O terceiro período é o do Estado Novo (1937-1945), quando Vargas impôs uma nova constituição, em um golpe de Estado, dissolvendo o Congresso e assumindo poderes ditatoriais com o objetivo de perpetuar seu governo, período que será enfatizado nesta pesquisa.

Durante o Estado Novo, as políticas de Vargas visavam fortalecer o poder centralizado do Estado e promover uma identidade nacional, suprimindo influências estrangeiras e unificando culturalmente o país. Essas medidas foram especialmente severas nas comunidades de imigrantes, como Nova Teutônia, onde a língua alemã e as práticas culturais foram proibidas e reprimidas. A imposição dessas políticas alterou profundamente o cotidiano dessas comunidades e gerou resistências e impactos duradouros na identidade dos seus habitantes.

Podemos afirmar que este período que perdurou até a saída de Vargas no ano de 1945, proporciona distintas mudanças para o conceito de nação. Ao mesmo tempo que o Estado passa a atuar diretamente no campo econômico e criar diversas empresas estatais que pudessem produzir bens industrializados, através do setor de máquinas e siderúrgicas como aponta Napolitano (2018), Vargas também implementa nesse período uma política cultural baseada no nacionalismo, com o ideal de um única cultura e uma única língua.

Diversos decretos foram promulgados a partir de 1937 para a promoção dos ideais nacionalistas. Em 25 de agosto de 1939, foi aplicado o Decreto-Lei nº 1.545, que dispõe sobre a adaptação dos brasileiros descendentes de estrangeiros ao meio nacional. No decreto, fica claro que todos os estrangeiros e filhos de estrangeiros residentes no Brasil devem falar a única língua permitida no país: o português. Segundo o decreto, “Essa adaptação far-se-á pelo ensino e pelo uso da língua nacional, pelo cultivo da história do Brasil, [...] e por todos os meios que possam contribuir para a formação de uma consciência comum.” (Brasil, 1939, p.1). Dessa maneira, todas as práticas, como cultos, ensino e até mesmo conversas em ambientes públicos em línguas estrangeiras, foram proibidas em território nacional.

Sobre a identidade nacional aplicada durante o Estado Novo, podemos utilizar a sociologia para explicar o tema. Stuart Hall (2015) defende que, no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos constituem uma das principais fontes de identidade cultural. Nesse contexto, ao nos denominarmos brasileiros, estamos falando de uma forma metafórica. Essas identidades não estão impressas em nossos genes, mas pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. Getúlio Vargas intensifica a promoção do nacionalismo com esta estratégia para consolidar sua base de poder e unificar o país. Assim, as políticas nacionalistas de Vargas buscavam reforçar a identidade nacional, integrando todos os cidadãos sob a mesma cultura e língua, e promovendo uma “consciência comum”.

Ainda sobre a identidade relacionada ao conceito de nação, Hall (2015) afirma que a esta não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos a um sistema de representação cultural. Por exemplo, como ocorrido no Brasil no período, as pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação, elas participam de uma ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional, aqui fortemente moldada pelas políticas de Vargas. Para Hall, o conceito de nacionalismo é moderno, mas que muitas vezes traz elementos do passado:

As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas freqüentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente. (Hall, 2015, p. 56).

Nos estados do Paraná e Santa Catarina, a repressão às línguas estrangeiras por parte do governo se intensificou devido à presença de diversos imigrantes de origem italiana e alemã, cujas línguas maternas eram amplamente utilizadas em várias comunidades. Segundo a historiadora Méri Frotscher (2007), no final do ano de 1937, foi lavrada uma ata em Curitiba,

sede do comando da 5ª Região Militar, cuja jurisdição incluía os dois estados, firmando a diretiva da Campanha de Nacionalização. A campanha ganhou força sob a liderança do general Meira de Vasconcellos. Frotscher aponta ainda os encaminhamentos após essa ata:

Oficiais subordinados àquela região militar visitaram escolas e igrejas onde se falavam línguas estrangeiras, em cidades do Paraná e Santa Catarina, exigindo que se falasse a língua portuguesa. [...] A prioridade do Exército, portanto, era intervir nas instituições que mais zelavam pelo cultivo da língua alemã. (Frotscher, 2007, p. 142).

Diversas instituições privadas foram interferidas pelo exército neste período, como as escolas e igrejas onde se falava o alemão e o italiano. Conforme aponta Renilda Vicenzi (2008), não falar o português era considerado um ato de traição para a pátria brasileira. “Nas escolas, por força da lei, o português se tornou a única língua de ensino. Foi uma socialização da língua nacional” (Vicenzi, 2008, p. 128). Essas ações demonstram como o governo Vargas buscava eliminar a influência estrangeira e fortalecer um sentimento de unidade nacional através do controle rigoroso das práticas culturais e linguísticas no país.

Em Nova Teutônia, podemos perceber também os efeitos marcados pelas políticas impostas pelo Estado Novo. Fritz Plaumann relata em seu diário que a situação se torna mais séria para os emigrantes de origem alemã na comunidade no início da década de 40, onde ele também sofre com as consequências: “Entre outras restrições, foram seqüestradas as armas e assim tive de entregar uma espingarda calibre 12, um flobel e um revólver, além de fornecer uma declaração de bens.” (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 115).

Arelada ao Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial traz ainda mais imposições para a comunidade alemã em Nova Teutônia, devido a entrada do Brasil na guerra. Napolitano (2020), pontua que o Brasil se manteve neutro até o começo da Segunda Guerra Mundial em 1939, porém pressionado pelos EUA, o governo rompe relações diplomáticas com o Eixo e em contrapartida recebe algumas vantagens econômicas do governo estadunidense como a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, financiada pelo país.

É quase desnecessário demonstrar que a Segunda Guerra Mundial foi global. Praticamente todos os Estados independentes do mundo se envolveram, quisessem ou não, embora as repúblicas da América Latina só participassem de forma mais nominal. As colônias das potências imperiais não tiveram escolha. (Hobsbawn, 1995, p. 26)

Dessa forma, a censura, bem como a presença de militares, tornara-se mais evidentes na comunidade de Nova Teutônia. Neste período, Plaumann deixou de se corresponder com o

exterior, focando suas pesquisas de campo e preparando seu livro “Die Entstehung des Lebens” (A Origem da Vida). Ademais, ele retratou em seu diário algumas das consequências desse período, como o Decreto-Lei nº 4.166, de 11 de março de 1942, que obrigava sua família a transferir para uma conta bancária do Banco do Brasil uma parte de todos os depósitos bancários, sendo 10% da quantia do dinheiro da família. A justificativa disso está registrada no artigo 1º da lei:

Os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas, respondem pelo prejuízo que, para, os bens e direitos do Estado Brasileiro, e para a vida, os bens e os direitos das pessoas físicas ou jurídicas brasileiras, domiciliadas ou residentes no Brasil, resultaram, ou resultarem, de atos de agressão praticados pela Alemanha, pelo Japão ou pela Itália. (Brasil, 1942, p. 1).

Diante disso, podemos constatar que para os alemães que estavam estabelecidos no Brasil há anos, essas medidas foram dolorosas. Acostumados a viver e contribuir para suas comunidades, eles se viram repentinamente tratados como inimigos e forçados a abandonar suas línguas e práticas culturais. De certa forma, as repressões e sanções econômicas criaram um ambiente que proporcionou desconfiança e hostilidade, desestruturando a vida dessas famílias que, até então, haviam encontrado no Brasil um lar seguro e próspero.

Outro exemplo da repressão do governo brasileiro no período em Nova Teutônia se deu também com Plaumann. Relatado em seu diário, em um certo dia, ao retornar para a sua residência, que ficava localizada no primeiro piso de sua antiga loja, ele recebeu a visita da "polícia especial", termo usado por Plaumann. Assim, foi realizada uma busca em sua residência:

Enquanto a polícia começava a executar a busca, o delegado estranho, em companhia do delegado de Itá, entrou comigo no meu escritório para efetuar um severo interrogatório que, não tendo nada a esconder, não me emocionava. A busca também foi executada com profundidade em todos os quartos, no porão, no sótão, nas dependências, nos armários, camas, gavetas, atrás das molduras. Afinal, em tudo foi mexido. [...] No dia seguinte, de manhã, alguém bateu na porta. Quando abri, vi dois membros da polícia, que diziam terem sido informados de que, há mais de um quilômetro dali, havia no mato uma instalação. Pediram-me para levá-los até lá, para fazer uma busca. Bem, pensava, por que não fazer este passeio? (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 115).

Assim, Plaumann encontrou-se em uma situação de constante vigilância e suspeita, reflexo das políticas repressivas adotadas pelo governo Vargas durante o Estado Novo. Muitos imigrantes e descendentes de estrangeiros, vivenciaram o impacto direto dessas medidas, que buscavam eliminar influências estrangeiras e promover uma identidade nacional homogênea. Para essa última busca Plaumann destaca que:

Quando chegamos ao local, mostrei-lhes a lâmpada para colheita noturna de insetos e expliquei-lhes o assunto em questão, voltamos contentes. Enquanto isso, um outro trio da polícia achava-se uns quilômetros adiante para executar uma busca na residência de um agricultor. Voltando, notaram eles, na descida deste montanhoso terreno, um telhado que acharam suspeito, pararam e desceram a pé. Encontrando essa lâmpada duvidosa, tiraram-na, levando-na nas costas até o centro de Nova Teutônia. Sendo pesada e incômoda, deixaram-na escondida na capoeira, informando ao delegado sobre o êxito da sua busca. Provavelmente ficaram muito desiludidos sabendo que ele já estava a par desse assunto e me dava autorização de retirar da capoeira a lâmpada sequestrada. Para evitar qualquer outra suspeita ou aborrecimento, deixei de usá-la. (Plaumann in Spessatto, 2001, p.116).

Podemos considerar que as políticas nacionalistas de Vargas visavam consolidar um sentimento de identidade nacional dentre minar a segurança e a liberdade de comunidades estabelecidas no país há décadas, impondo um regime de vigilância que afetava profundamente suas rotinas e práticas culturais. Com o final da Segunda Guerra Mundial através da derrota do eixo e a deposição de Getúlio Vargas dando fim ao Estado Novo em 1945, a situação começa a melhorar lentamente em Nova Teutônia, como a troca de correspondências de Plaumann, mas também o uso da língua alemã.

Segundo Lori Altmann (2007), em 1945, a situação na comunidade de Nova Teutônia estava passando por dificuldades, evidenciadas pelo abandono de várias estruturas particulares da comunidade, como a capela-escola e o cemitério. Nas comunidades, havia um desejo intenso de que a língua alemã retornasse para a igreja, uma vez que esta fora proibida na comunidade por cerca de quatro anos.

Em março/abril de 1946, retornaram os cultos em alemão e aumentou a frequência aos cultos em todas as comunidades da paróquia, inclusive em Nova Teutônia, apesar de muitas pessoas daquele lugar terem ficado desesperadas pelo final da guerra desfavorável para a Alemanha. (Altmann, 2007, p. 176).

Ademais, podemos destacar ainda que para Plaumann (1947), em suas reflexões sobre a Segunda Guerra Mundial no livro “A Origem da Vida”, destaca a dura realidade dos tempos difíceis que vivenciou. Ele observa que esse período trouxe à tona uma triste constatação: a evidência da exatidão de suas concepções sobre a humanidade e a sociedade. Para ele, a guerra revelou de maneira clara, embora dolorosa, a divisão e o ódio que surgiram entre indivíduos:

Foram justamente estes tempos difíceis que apresentaram uma nova evidência da exatidão de minhas concepções e trouxeram à superfície - claro, para os olhos que conseguem ver - a podridão de nossa época: moradores e cidadãos de um mesmo país que, acima de tudo, pertencem à mesma espécie (de descendência alemã, portuguesa, inglesa, italiana, etc.), que até agora viviam

juntos respeitando as características próprias uns dos outros, foram repentinamente separados de acordo com sua origem étnica e passaram a se odiar. (Plaumann, 1947, p. 23).

O endurecimento das políticas nacionalistas de Vargas, especialmente após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, acentuou o isolamento cultural dos imigrantes alemães, cujas tradições foram reprimidas e cujas propriedades sofreram consequências. A repressão, intensificada pelo contexto de guerra, submeteu essa comunidade a uma realidade de vigilância e controle, desestabilizando sua identidade cultural e forçando uma adaptação à cultura brasileira, cujos efeitos se prolongaram por décadas na região.

3.2 O LUTERANISMO EM NOVA TEUTÔNIA E A VISÃO DE PLAUMANN SOBRE A RELIGIÃO

A história do luteranismo no Brasil está diretamente ligada à chegada dos primeiros imigrantes alemães ao país, a partir de 1824. Essa vertente do cristianismo, originada da Reforma Protestante no século XVI, foi trazida por essas comunidades como parte essencial de sua identidade cultural e espiritual. No contexto da colonização no sul do Brasil, a religião desempenhou um papel central na coesão social, servindo como uma âncora em meio aos desafios de adaptação ao novo território.

Como aponta Dreher (1984), a relação entre a imigração alemã e a inserção do Luteranismo no Brasil é vista por diversos autores como um processo que se confunde. Nas regiões Sul e Sudeste do Brasil se dirigiram pastores luteranos desejosos de auxiliar espiritualmente seus conterrâneos dos diversos reinos da atual Alemanha. Ao mesmo tempo, a historiografia sobre este processo centra-se entre 1824 a 1870, voltando-se para os processos de movimento populacional e substituição de mão de obra, iniciada, oficialmente, em 1824, na então Província Rio Grande do Sul.

Em Santa Catarina, a imigração alemã também se iniciou nas primeiras décadas do século XIX, devido ao chamado “vazio demográfico”, como aborda o historiador João Klug:

É, portanto, dentro deste contexto que tinha lugar a imigração alemã para Santa Catarina, sendo esta uma província muito pouco povoada nas primeiras décadas do século XIX. Verificava-se sobretudo um grande vazio demográfico (branco) entre o litoral e o planalto. As concentrações populacionais (brancas) catarinenses se encontravam localizadas basicamente na faixa litorânea, no eixo São Francisco-Desterro-Laguna, e no planalto dos Campos de Lages. Entre estas duas áreas, praticamente não havia população

branca, bem como na região Nordeste, que faz limite com o Paraná. Em SC não se verificava, como nas demais províncias, uma economia fundamentada no latifúndio, o que favoreceu posteriormente a imigração baseada em pequenas propriedades rurais. (Klug, 1991, p. 8)

Em Nova Teutônia, com a chegada de migrantes e imigrantes no início do século XX, foi estabelecendo uma conexão entre a fé luterana e as práticas cotidianas da comunidade. Ademais, o luteranismo além de se consolidar como prática espiritual, também foi um elemento cultural que organizava a vida social dos imigrantes. A igreja tornou-se o centro das interações comunitárias, promovendo encontros, festas e cultos, ao mesmo tempo que oferecia um sentido de pertencimento em uma terra estrangeira.

Na busca por uma compreensão mais ampla da sociedade, não se pode prescindir do estudo das instituições que a compõe. A igreja é uma destas instituições que persistem na longa duração, sendo na maior parte de nossas vilas, povoados e cidades, a primeira instituição que se organiza para atuar na sociedade onde se insere. (Klug, 1991, p. 51)

Fritz Plaumann, também participou dessa dinâmica. Sua atuação como secretário da igreja luterana em Nova Teutônia mostra a sua integração na comunidade religiosa e a importância que ele atribuía à organização social promovida pela fé. Plaumann desempenha um papel relevante ao registrar as atas da comunidade luterana, especialmente durante o período de nacionalismo intensificado nas décadas de 1930 e 1940, quando as políticas do Estado Novo de Getúlio Vargas impuseram restrições às manifestações culturais de imigrantes. Até 1941, as atas da igreja eram escritas em alemão, mas as pressões nacionalistas forçaram a transição para o português a partir de 1942. Plaumann, como uma das poucas pessoas na comunidade com domínio da língua portuguesa escrita, assumiu essa responsabilidade, reforçando seu sentimento de pertencimento à comunidade e sua habilidade em mediar as transformações impostas pelo contexto político.

Nas primeiras décadas de registros da igreja luterana em Nova Teutônia, as atas frequentemente documentam eventos da comunidade que ultrapassam o escopo estritamente religioso. Além de decisões e deliberações de caráter espiritual, os encontros da diretoria também abordavam questões cotidianas da coletividade, demonstrando a centralidade da igreja na organização social local. No primeiro registro em português, destaca-se a chegada da professora Ilza dos Santos Siqueira, enviada de Florianópolis pelo governo estadual para lecionar português na comunidade, como parte das políticas de nacionalização promovidas na era Vargas. O relato das reuniões evidencia o dilema enfrentado pela diretoria quanto à acomodação da professora, pois a casa do professor da comunidade estava ocupada havia anos

por Otto Rickwardt, sua esposa e seus cinco filhos. Esse impasse foi amplamente discutido, revelando as dificuldades de conciliar as novas demandas políticas e educacionais com as estruturas estabelecidas pela comunidade:

Nova Teutonia, em 2 de Abril de 1942

Protocollo!

Pelo o sr. Guilherme Bohn nos foi apresentada uma carta da Prefeitura de Concordia dirigida a elle e, para mais clareza, segue a copia da ref. Carta: Com o presente apresento [...] a professora Ilza dos Santos Siqueira que foi nomeada professora estadual da escola recentemente criada nessa localidade, peço dispensar-lhe toda a consideração que pôssa merecer, providenciando na imediata entrega do prédio para a escola como a casa de moradia para as mesmas. [...] (Ata de reunião - Igreja Evangélica de Nova Teutônia, 1942, p. 3)

Baseando-se em uma resolução a partir de uma reunião de membros da comunidade, visto que não possuem prédio para a escola (as aulas eram realizadas na capela da igreja evangélica), a solução é que a estrutura da igreja pode ser usada como escola estadual, salvo resolução que impeça. Porém, outro empecilho é em relação a casa de moradia ocupada pela família de Otto Rickwardt e que a diretoria não se sente competente de resolver:

Em relação à casa de moradia se offerece alguma confusão, visto que ella está occupada pelo sr. Otto Rickwardt, antigo professor daqui, e, conf. Combinação entre elle e a comunidade, elle tem direito à um prazo de revogação de seis meses; fora disto, será quasi impossivel ao morador, que é casado e tem cinco filhos, de abandonar a casa immediatamente [...] visto que elle tem plantação e criação. Motivo este, e que, como nos parece, talvez podiam-ser dados informações incertas à autoridade municipal, resolvemos pedir ao nosso comissario policial, sr. Oscar Dreher, como unica autoridade local, mandar um officio à prefeitura, explicando o assumpto e pedir que lhe mande instrucções, visto que a Directoria desta comunidade não se acha competente de resolve-lo. Fritz Plaumann – Secretario. (Ata de reunião - Igreja Evangélica de Nova Teutônia, 1942, p. 4).⁷

Realizando uma análise dos trechos da ata da Igreja Evangélica de Nova Teutônia, podemos compreender alguns aspectos importantes sobre as dinâmicas sociais, políticas e culturais da época. Em primeiro lugar, destaca-se o papel central da igreja como instituição organizadora da comunidade, extrapolando o âmbito religioso e funcionando como mediadora de questões cotidianas, como a chegada da professora Ilza dos Santos Siqueira. A inserção de elementos da política nacional, como a implementação das políticas de nacionalização do governo Vargas, evidencia o entrelaçamento das demandas do Estado com a vida comunitária

⁷ A ata em sua completude encontra-se nos anexos desta pesquisa.

em áreas rurais. Esse episódio envolvendo a acomodação da professora Ilza demonstra as diversas tensões geradas pela chegada de novas políticas educacionais e culturais em comunidades estruturadas de forma autônoma. Essa dificuldade em desocupar a residência da família Rickwardt demonstra os desafios sociais de adaptar-se às mudanças impostas externamente. A preocupação com as implicações para a família residente, que possuía plantações e criações, evidencia uma complexidade de equilibrar as exigências governamentais com os direitos e as necessidades locais.

Figura 6 - Igreja/Escola construída pela comunidade e inaugurada em 20/03/1927, foto registrada por Plaumann em 1941



Fonte: Fritz Plaumann; Museu Entomológico Fritz Plaumann

Alguns dias após o ocorrido, em 14 de abril de 1942, a Prefeitura de Concórdia envia uma carta a Otto Rickwardt, que é transcrita por Fritz Plaumann no livro de atas da igreja. Na correspondência, é determinado que o senhor Rickwardt deve desocupar a casa onde reside e providenciar a entrega do imóvel à professora Ilza dos Santos Siqueira o mais breve possível. A justificativa apresentada é o risco de prejuízo à comunidade, caso a localidade permanecesse sem escola. Dessa forma, a diretoria da comunidade se reúne em 16 de abril de 1942:

Nova Teutônia em 19 de Abril de 1942

Visto que o sr. Otto Rickwardt tem que desocupar a casa onde reside e entregá-la quanto antes a sra. professora estadual [...], a directoria resolveu a seguinte:

O nosso prédio, denominado Tabakschuppen será concedido ao nosso membro sr. Otto Rickwardt como casa de moradia provisória.

Afim que saber com certeza a oppinião desta comunidade faremos uma votação entre todos os nossos membros si este prédio pode servir ao sr. Rickwardt por longo tempo (annos) como casa de moradia, ou si este deve ser vendido conf. uma offerta recebida nas ultimas semanas.

Fritz Plaumann – Secretário

(Ata de reunião - Igreja Evangélica de Nova Teutônia, 1942, p. 5)

A ata de 19 de abril de 1942, ilustra a resolução do impasse relacionado à desocupação da casa onde residia Otto Rickwardt, destacando a participação da comunidade na tomada de decisões coletivas. O documento evidencia que, diante da ordem emitida pela Prefeitura de Concórdia para que a residência fosse entregue à professora Ilza dos Santos Siqueira, a diretoria buscou uma solução provisória para acomodar a família de Rickwardt. O espaço designado para a família foi um prédio pertencente à igreja, conhecido como *Tabakschuppen*, anteriormente utilizado como casa de tabaco.

No mesmo dia, após discussão, a comunidade realizou uma votação para deliberar se o *Tabakschuppen* deveria servir como moradia definitiva para Rickwardt ou ser vendido, conforme uma oferta recebida nas semanas anteriores. A ata registra a entrega imediata do prédio ao senhor Rickwardt como uma solução provisória, demonstrando tanto a sensibilidade da diretoria às dificuldades enfrentadas pela família quanto o esforço para equilibrar as necessidades comunitárias com as exigências externas.

Após a resolução dessa situação, Fritz Plaumann renunciou ao cargo de secretário da comunidade. Não se sabe ao certo se sua decisão foi motivada pela doação do prédio da antiga casa de tabaco ao senhor Rickwardt ou por alguma outra circunstância pessoal, é importante lembrar que nesse período Plaumann produz seu único livro publicado “A Origem da Vida”. Segue abaixo a ata de desligamento da diretoria:

Nova Teutonia, em 25 de Abril de 1942

Motivo de circunstancias actuaes que, de minha opinião, exigem uma modificação na Directoria desta Comunidade evangelica, declaro pela presente a minha immediata demissão de cargo de Secretário desta Comunidade.

E, para evitar que a Directoria fique incompleta por longo tempo, nomeio pelo presente e em accordo com o Artigo 13 do regulamento interno desta Comunidade o sr. Oscar Dreher como Secretário interino.

Fritz Plaumann.

(Ata de reunião - Igreja Evangélica de Nova Teutônia, 1942, p. 12)

Após a saída de Plaumann, as atas da Igreja Evangélica de Nova Teutônia continuam sendo escritas em português, o que reflete no cumprimento das exigências governamentais da

época. Esse período é caracterizado por uma forte vigilância estatal sobre as expressões culturais e linguísticas das comunidades de origem estrangeira, consideradas uma ameaça à unidade nacional.

Curiosamente, em 1949, já sem Plaumann como membro da diretoria da igreja, as atas voltaram a ser registradas em alemão, sugerindo uma retomada gradual das práticas culturais tradicionais após o arrefecimento das políticas de nacionalização e o fim do Estado Novo em 1945. Esse retorno ao alemão pode ser interpretado como uma tentativa de resgate identitário em um momento de menor interferência estatal, evidenciando a resiliência das comunidades de imigrantes em preservar elementos de sua cultura, mesmo diante de adversidades políticas e sociais.

A relação de Plaumann com o luteranismo vai além do simples pertencimento religioso. Em seus escritos, especialmente no livro *A Origem da Vida*, publicado originalmente em 1947, Plaumann demonstra uma visão crítica e reflexiva sobre a religião, abordando a relação entre ciência e espiritualidade. Ele questiona dogmas religiosos que considera ultrapassados e defende uma abordagem voltada para as necessidades coletivas. Para Plaumann, a religião não deveria ser um fim em si mesma, mas um instrumento para promover o bem-estar e orientar os indivíduos em sua jornada espiritual e existencial.

Essa postura racionalizada frente à fé remete às influências do pensamento iluminista germânico, em especial à tradição filosófica de Immanuel Kant, cuja obra exerceu um impacto na região onde nasceu. A valorização da razão prática, a defesa da autonomia moral e a compreensão da religião como instrumento ético de aperfeiçoamento humano (Kant, 2001), ideias centrais na obra kantiana “*A religião nos limites da simples razão*”, encontram ressonância na maneira como Plaumann articula ciência e espiritualidade em seus escritos. Ademais, Plaumann faz uma crítica às instituições religiosas que priorizam interesses individuais ou corporativos sobre o bem comum:

Religiões devem conduzir os humanos na área espiritual, devem oferecer uma base segura quando tudo oscila e se torna incerto. Se quiserem fazer jus a esta grande tarefa, então jamais devem se guiar pelo seguinte fundamento: veja você mesmo como lidar com isso ou com aquilo. Pelo contrário: elas precisam lidar com os problemas da vida. [...] Além disso, a religião não é um objetivo em si, não existe por sua causa, e sim para as pessoas. Isso não vale somente em grande escala, mas também em pequena: a comunidade não existe apenas para servir os religiosos, mas sim o contrário! (Plaumann, 1947, p. 330).

Apesar de suas divergências com algumas práticas institucionais, Plaumann não rejeita a fé luterana, mas propõe um diálogo entre religião e ciência. Em *A Origem da Vida*, ele argumenta que a compreensão plena da divindade está além da capacidade humana, mas que

essa limitação é parte do plano divino. Plaumann defende a ideia de que as ciências naturais e a ciência da religião podem e devem trabalhar juntas para enfrentar os desafios do futuro, promovendo uma integração entre as perspectivas científica e espiritual. Essa visão mostra um esforço de Plaumann em reconciliar sua formação científica com suas raízes religiosas, sem cair em reducionismos ou antagonismos:

É uma convicção minha que, num futuro não muito distante, as ciências naturais se libertarão das heresias e farão uma parceria com uma verdadeira ciência da religião. O resultado disso será o benefício mútuo. Novos tempos irão trazer novos problemas para os povos, os quais não podem ser resolvidos com antigas metodologias, mas os seres humanos precisam tomar novas posições diante destas novas questões. (Plaumann, 1947, p. 330)

No contexto de Nova Teutônia, as práticas religiosas continuaram a desempenhar um papel central na vida comunitária, apesar das mudanças sociais e culturais ao longo das décadas. As festas religiosas, os cultos e os encontros comunitários eram momentos de reafirmação da identidade luterana e de fortalecimento dos laços sociais. Ao mesmo tempo, a atuação de figuras como Plaumann, que combinavam uma visão crítica com uma participação ativa, demonstra que a religião na região não era estática, mas estava em constante diálogo com as transformações do mundo ao seu redor:

Com a limitação da razão humana, somos capazes de apenas ter uma noção aproximada da grandeza de sua força e dos limites de seu poder. Da mesma forma não podemos imaginar Deus propriamente: sentimos a partir de um conhecimento primitivo que algo superior existe, vemos os resultados de seu poder e nosso conhecimento racional nos confirma, segundo esses resultados, que está correto o que suspeitamos de acordo com nosso conhecimento primitivo, mas o próprio Superior incorporado não podemos compreender. (Plaumann, 1947, p. 326)

Desta forma, Plaumann, ao documentar as interações da comunidade com a religião e ao registrar suas próprias reflexões, contribui para um entendimento mais complexo do papel do luteranismo em Nova Teutônia. A sua abordagem mostra um contraponto às narrativas que veem a religião como um elemento exclusivamente conservador ou imutável. Em vez disso, ele revela como a fé pode ser um espaço de questionamento, adaptação e resistência, refletindo tanto as tensões quanto às possibilidades de transformação que marcaram sua época. Assim, sua trajetória destaca a importância de compreender o luteranismo em Nova Teutônia através de uma prática religiosa, mas mostrando também como um fenômeno cultural, político e social profundamente enraizado na história da comunidade.

Plaumann via a religião como um espaço dinâmico, não como um fim em si, mas como uma ferramenta para responder às necessidades humanas em constante evolução. Essa visão se manifesta tanto em seus escritos quanto em sua atuação comunitária, marcada por um senso de responsabilidade ética e de pertencimento. Sua crítica às instituições religiosas que priorizavam interesses individuais ou corporativos sobre as demandas coletivas reflete uma perspectiva luterana que dialoga com o humanismo, propondo uma fé ativa e integrada à realidade cotidiana.

Ademais, as práticas religiosas de reafirmação da identidade luterana e de fortalecimento dos laços sociais, eram, muitas vezes vistas como tradições ancestrais e que podem ser entendidas também como construções sociais moldadas por circunstâncias históricas específicas. Como argumentam Hobsbawm e Ranger:

As tradições inventadas são um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras aceitas abertamente ou tacitamente, e de natureza simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição. (Hobsbawm; Ranger, 2002, p. 9).

Nesse sentido, as manifestações religiosas em Nova Teutônia reforçaram o pertencimento espiritual e funcionavam como instrumentos de adaptação e resistência cultural frente às adversidades políticas e sociais.

Para Plaumann, o luteranismo não estava em contradição com a ciência, mas podia ser um parceiro no esforço de compreender o mundo e responder aos desafios do futuro. Sua defesa de uma colaboração entre as ciências naturais e a "ciência da religião" evidencia uma tentativa de superar a dicotomia entre fé e razão. Ele acreditava que tanto a ciência quanto a religião tinham papéis complementares na busca por respostas às questões fundamentais da existência, cada uma respeitando seus próprios limites e possibilidades.

3.3. A PERSPECTIVA DE PLAUMANN NA ENTOMOLOGIA E SUA INTERAÇÃO COM OUTROS PESQUISADORES NA FRONTEIRA SUL

A análise da trajetória de Fritz Plaumann a partir de sua inserção no campo da entomologia representa uma via para compreender como a ciência, a cultura e a territorialidade se articulam na Fronteira Sul do Brasil, faixa transfronteiriça meridional que conecta Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul aos países vizinhos (Paraguai, Argentina e Uruguai), estruturada por rios de limite (Uruguai, Iguaçu e Peperi-Guaçu), por paisagens de Mata

Atlântica e planaltos, por economias agroextrativistas e por assentamentos de colonização recente (sobre territórios e rotas indígenas como guarani e kaingang), onde a circulação cotidiana de pessoas, mercadorias e correspondências cria redes para além dos centros institucionais.

Plaumann, ao mesmo tempo em que se estabelecia como pequeno agricultor e figura ativa no cotidiano da comunidade de Nova Teutônia, realizava uma rede de intercâmbio científico transnacional baseada na troca de espécimes, mesmo em um contexto marginalizado dos centros institucionais tradicionais. Neste sentido, a atuação de Plaumann ecoa o ideal ilustrado kantiano de esclarecimento, entendido na capacidade de o indivíduo usar sua razão de maneira autônoma, sem tutela. A ciência, nesse caso, não emerge como monopólio das universidades, mas como exercício de razão ativa, cultivada em ambientes rurais, por sujeitos que, como Plaumann, assumiram a tarefa de compreender e organizar o mundo natural ao seu redor.

A partir da leitura de suas correspondências, busca-se evidenciar como tais trocas extrapolavam o simples envio de insetos, constituindo verdadeiros espaços de negociação de saberes, reconhecimento mútuo e disputas simbólicas. A análise parte da ideia de que tais relações não podem ser dissociadas do contexto sociocultural de Nova Teutônia, lugar que ofereceu, simultaneamente, refúgio e desafio, moldando o costume científico de Plaumann⁸.

A agricultura familiar, que sustentava grande parte da vida dos imigrantes em Nova Teutônia, impunha a necessidade constante de entender o comportamento dos insetos, distinguindo os benéficos dos nocivos, aprendendo suas rotinas e adaptando as práticas produtivas em função da dinâmica biológica local. Nesse sentido, a entomologia de Plaumann nasce menos como vocação científica formal e mais como resposta prática às exigências do meio. O campo, nesse contexto, era laboratório, arquivo e sala de aula, sendo também espaço de revelação, onde o comportamento dos insetos indicava algo maior, uma espécie de ordem implícita nas relações entre seres vivos. A ideia de que havia uma "sabedoria" na floresta, nos campos e nas matas ciliares basicamente era o que constituía um horizonte ético para seu trabalho.

⁸ É importante destacar que o acervo e a trajetória de Fritz Plaumann já foram objeto de estudo por parte de historiadores e pesquisadores interessados na circulação do conhecimento científico fora dos grandes centros. Entre esses trabalhos, destaca-se a pesquisa da historiadora Aline Lubenow, que, a partir de uma perspectiva voltada à história das ciências, dedicou-se a investigar a constituição da coleção entomológica de Plaumann, bem como os circuitos de intercâmbio e validação científica estabelecidos pelo colecionador. Seu foco recaiu sobre a coleção como artefato científico e sobre o próprio Plaumann enquanto agente de mediação entre natureza e ciência.

Esse horizonte se manifestava, por exemplo, na recusa em utilizar venenos indiscriminadamente ou em comprometer os ciclos naturais em nome de um progresso artificial. Ainda que sem explicitar isso nos moldes teóricos da ecologia moderna, Plaumann parecia perceber que o inseto, mesmo quando visto como praga, era parte de um sistema mais amplo. Tal percepção não o impedia de agir contra espécies invasoras ou vetores de doenças, mas orientava suas ações dentro de limites. Nas correspondências, essa situação é encontrada em uma carta destinada à Pe. Jesus Moure em 5 de abril de 1978:

“[...]a finalidade da minha atividade entomológica não estava e nunca será unicamente um negócio, porém é de estudar e conhecer a fauna regional desta zona a qual está desaparecendo rapidamente motivo do excesso do uso de venenos na agricultura, e de achar espécies novas para que podem ser descritos para proveito por futuras gerações, o DDT vai acabar com tudo, infelizmente perante a lei o único culpado para isto parece que vai ficar para sempre o entomólogo que pega uns para fins científicos, sempre estava contra a matança de borboletas para fins industriais, porém, me parece que os atacadistas não tem dificuldade de exportar dito material, lendo os anúncios nos periódicos de outros países”.⁹

A correspondência ao entomólogo Jesus Santiago Moure¹⁰, está diretamente relacionada à preocupação de Plaumann com os rumos da exploração desenfreada da natureza e à distinção ética que estabelecia entre a coleta científica e a destruição comercial de espécies. Trata-se de uma visão que reconhece o papel do entomólogo como mediador entre conhecimento e conservação. Ademais, essa preocupação de Plaumann, ainda que expressa em linguagem direta, mostra uma percepção das relações entre ciência, ética ambiental e políticas públicas, antecipando debates que só mais tarde seriam abordados nos campos da ecologia e da conservação biológica.

Ainda, a crítica de Fritz Plaumann mostra uma conduta orientada por princípios éticos que se aproximam da racionalidade prática formulada por Immanuel Kant, o mesmo deixa claro que seu trabalho entomológico não visava lucros, mas sim o estudo e a preservação da fauna local para benefício das futuras gerações. Essa posição encontra-se diretamente relacionada com a noção kantiana de imperativo categórico, que exige que se aja conforme máximas que possam valer como leis universais. Como explica Kant:

“Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal. Ora, se a razão deve determinar praticamente,

⁹ PLAUMANN, Fritz. Carta a Jesus Moure. Seara/SC, 5 abr. 1978. 1 p. Documento datilografado. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann.

¹⁰ Jesus Santiago Moure (1912–2010), nascido em Ribeirão Preto e falecido em Batatais, foi um entomólogo brasileiro reconhecido como autoridade nacional em abelhas e professor da Universidade Federal do Paraná.

ela o faz necessariamente, e não segundo os efeitos que se esperam de uma ação, mas segundo a representação de leis, e como a ação, neste caso, tem de ser possível segundo leis universais, deve valer este princípio: não devo proceder nunca de outro modo senão de tal forma que possa também querer que a minha máxima se torne uma lei universal” (Kant, 2008, p. 51).

Ademais, apesar de estar localizado em uma área geograficamente periférica, Plaumann conseguiu estabelecer uma ampla rede de contatos com instituições científicas, tanto no Brasil quanto no exterior. Através de correspondências regulares, criou uma dinâmica de colaboração com museus, universidades e colecionadores, que se mostrou fundamental para o desenvolvimento de sua prática entomológica na Fronteira Sul.

As trocas com pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, Universidade de São Paulo, Universidade de Bonn (Alemanha), *American Museum of Natural History* (Estados Unidos), entre outras, permitiram que Plaumann compartilhasse os espécimes que coletava e recebesse retornos técnicos que refinavam seu trabalho de campo. Esses contatos viabilizaram o envio de instruções sobre coleta, conservação e sistematização de insetos, bem como a devolutiva de informações atualizadas, muitas vezes com indicações de revisão ou correções de classificações iniciais.

Um exemplo dessa colaboração científica está na correspondência entre Fritz Plaumann e o entomólogo F. Christian Thompson¹¹. Em carta enviada em 1972, Thompson expressa seu interesse em elaborar uma monografia sobre os Syrphidae de Nova Teutônia, destacando a importância do material coletado por Plaumann, as diferenças entre os lotes enviados a diferentes instituições e o surgimento de novas espécies a partir dessas coletas. O pesquisador reconhece ainda a contribuição essencial de Plaumann para a identificação de um novo gênero e espécie, a partir de exemplares enviados ao Canadá. A seguir, Thompson reforça a relevância dessa colaboração científica:

“[...] pretendo fazer uma monografia sobre os Syrphidae de Nova Teutônia. A principal razão para isso é que provavelmente não há outro lugar na Terra [...] com uma diversidade tão grande de moscas syrphídeas quanto Nova Teutônia — e nenhum lugar tão bem coletado. [...] Por essas razões, o fato é que há muita diversidade no seu material e, para fazer uma revisão dos syrphídeos de Nova Teutônia, preciso ver o máximo possível dele. [...] Trata-se de um novo gênero e espécie, [...] apenas o sexo feminino é conhecido, e eu (e Dick Vockeroth) estamos aguardando o macho! [...] considerando que tanto Dick quanto eu somos bastante conservadores ao redefinir limites genéricos, [...] trata-se realmente de uma descoberta espetacular.” (Thompson, 1972).

¹¹ Frederic Christian Thompson (24 de abril de 1944 – 4 de fevereiro de 2021) foi um entomólogo norte-americano especializado no estudo de Diptera (ordem de insetos que inclui moscas). Atuou como pesquisador vinculado ao American Museum of Natural History.

A fala de Thompson insere-se em um momento histórico em que as grandes instituições científicas internacionais dependiam fortemente de coletores de campo situados em regiões ecologicamente privilegiadas, como era o caso de Plaumann em Nova Teutônia. Nesse sentido, foi um reconhecimento mútuo que transcendia as fronteiras nacionais, mostrando o papel dos naturalistas locais na consolidação do conhecimento biológico global.

As cartas que mantinha com entomólogos ligados a essas instituições demonstram que Plaumann era considerado um colaborador confiável. Diversas trocas envolviam o envio de lotes de insetos acompanhados por descrições detalhadas de habitat, data e método de coleta. Em contrapartida, recebia materiais bibliográficos, equipamentos básicos e respostas analíticas com sugestões de identificação, além de comunicações sobre novas publicações relacionadas aos grupos que ele estudava. Infelizmente, muitas correspondências acabaram se perdendo com o tempo, porém muitas também foram eliminadas por Plaumann, principalmente nas trocas de correspondências em alemão durante a década de 1930, como o próprio Plaumann afirma em carta enviada a Thompson:

Acredito que de minhas coletas anteriores a 1930, apenas pouco material possa existir em coleções de países estrangeiros. Mas não tenho registros, e tudo que posso relatar é “de memória”. Após 1930, as coisas melhoraram, e em minha coleção ainda mantenho material bem conservado desse período em diante. Também tive contato com vários entomologistas famosos, como os professores Seitz, Relogsenberger, Alexander, Ebnor, entre outros. Mas não mantive registros disso tudo, por conta da agitação contra relações com alemães — isso poderia levar a mal-entendidos. Felizmente, tudo isso passou sem maiores contratempos para mim, e durante todo esse tempo continuei sendo respeitado também pelas autoridades brasileiras. Por essa razão, não posso lhe dizer quantos insetos coletei nos últimos 50 anos; tudo que sei é que “é um número grande”. (Plaumann, 1975).¹²

Pode-se apontar que o teor da correspondência enviada por Plaumann a Thompson em 1975 mostra as tensões que marcaram a década de 1930, especialmente no que diz respeito às trocas com instituições e pesquisadores de origem alemã. O avanço do regime nazista na Europa e o acirramento da vigilância política no Brasil durante o Estado Novo criaram um ambiente de suspeita em relação a indivíduos que mantinham vínculos com a Alemanha, mesmo em áreas estritamente científicas. Plaumann, consciente desse contexto, optou por eliminar registros de determinadas trocas epistolares que pudessem gerar interpretações equivocadas por parte das autoridades brasileiras. Tal gesto aponta essa complexidade do fazer científico em tempos de

¹² PLAUMANN, Fritz. Carta enviada a Frederic Christian Thompson. Nova Teutônia, 7 jan. 1975. 1 p. Documento datilografado. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara (SC). Tradução realizada pelo autor.

instabilidade política, mas também o modo como a ciência, ainda que aparentemente neutra, está inserida em circuitos sociais e ideológicos. O próprio fato de Plaumann afirmar que manteve o respeito das autoridades, mesmo diante de suas conexões internacionais, indica um cuidado constante com a sua imagem e com a delimitação entre ciência e política. Ainda assim, a partir dos anos 1930, sua atuação científica se fortalece, como ele próprio aponta, com melhor conservação de exemplares, ampliação das redes de contato e intensificação da sistematização de sua coleção, aspectos que seriam determinantes para uma legitimação posterior.

Ainda, essas redes de colaboração tiveram um papel importante na consolidação da sua atuação científica. Mesmo sem acesso direto a bibliotecas especializadas ou laboratórios de pesquisa, Plaumann manteve-se atualizado por meio dessas conexões. Através delas, teve acesso a livros e equipamentos que ampliava a sofisticação de suas observações empíricas. A interlocução constante com centros de pesquisa serviu como forma de legitimação de seu trabalho, em especial ao obter reconhecimento formal pela descoberta de novas espécies, muitas das quais foram descritas por especialistas com base nos exemplares por ele enviados. Essa dinâmica consolidou a imagem de Plaumann como um intermediário científico eficiente, cuja coleta sistemática fornecia insumos essenciais para o avanço da entomologia em nível nacional e internacional. Para Lubenow (2015), a rede de correspondências de Plaumann com instituições nacionais e estrangeiras funcionava como uma engrenagem essencial na construção de sua autoridade científica, mesmo à margem das academias. Ainda, Alves pontua que:

A ciência acabada nos apresenta apenas os fatos como caixas-pretas, uma expressão da cibernética apropriada por Latour, que significa que além do que nela entra e o que dela sai, nada mais se sabe. Para Latour (2000a), o trabalho da sociologia da ciência é seguir as controvérsias, as incertezas, as decisões, as concorrências e o trabalho de recrutamento e pessoas, instituições e objetos, antes do fechamento da “caixa-preta”, ou seja, antes de os fatos científicos estarem consolidados socialmente. (Alves, 2015, p. 2)

É importante destacar também que essas colaborações não se restringiam ao envio de materiais biológicos, mas envolviam também trocas metodológicas. A orientação recebida por meio dessas cartas influenciou diretamente na organização de sua coleção particular, no uso adequado de técnicas de conservação e na sistematização das anotações, evidenciando a circulação concreta de saberes científicos mesmo em um contexto de isolamento relativo.

Apesar de ter iniciado suas observações entomológicas já em janeiro de 1925, poucos meses após sua chegada à região de Nova Teutônia, Fritz Plaumann só começou a receber reconhecimento institucional e público de maneira mais ampla a partir da década de 1980. Esse hiato entre a prática continuada e o reconhecimento oficial pode estar relacionada ao isolamento

relativo em que conduzia suas pesquisas, bem como os limites da ciência institucionalizada em reconhecer, de imediato, contribuições vindas de agentes não vinculados a universidades ou centros formais de pesquisa.

Em uma carta datada de 18 de dezembro de 1988, dirigida à Srta. Martinez Tagliari, Plaumann relata com precisão esse percurso de reconhecimento tardio. Após descrever sua chegada ao Brasil e os primeiros registros meteorológicos e biológicos ainda na década de 1920, ele menciona as homenagens recebidas somente a partir dos anos 1980:

Entrei em contato com Universidades da Alemanha e outras, já de 1934 recebi do exterior elogios sobre as minhas pesquisas e depois também do interior. Por exemplo, entre outras Homenagens: 1983 = 'HONRA AO MÉRITO' do Centro de Proteção ao Meio Ambiente do Alto Uruguai SC. 1982 = 'HOMENAGEM DO ELETROSUL', um álbum com 73 fotos coloridas'. 1984 = Título, Álbum + 'Medalha "CIDADÃO SEARENSE"'. 1984 = Dignidade, Documento + Medalha 'MÉRITO UNIVERSITÁRIO'. 1984 = Documento + Medalha 'MÉRITO CINQUENTENÁRIO - Conda'. 1985 = Do Governador de Santa Catarina: Medalha + Documento 'MÉRITO ANITA GARIBALDI'. 1988 = Inauguração MUSEU ENTOMOLÓGICO FRITZ PLAUMANN."¹³ (Plaumann, p.1, 1988)

A despeito de manter contato com universidades e receber elogios de especialistas já a partir da década de 1930, conforme ele mesmo afirma na correspondência, foi apenas com o avanço da institucionalização da ciência no Brasil e a valorização de trajetórias locais que o seu nome começou a circular com mais força em ambientes acadêmicos e políticos. Esse reconhecimento tardio, embora limitado em termos práticos para a sua carreira científica, teve grande importância simbólica, tanto para a memória local quanto para a legitimação de sua contribuição no campo da entomologia.

Um dos marcos mais relevantes desse processo foi a inauguração, em 1988, do Museu Entomológico Fritz Plaumann, localizado em Seara, com ênfase também na trajetória do pesquisador radicado em Nova Teutônia, bem como oficializou o valor da sua coleção, estimada, na época, em aproximadamente 16 mil espécies, com mais de 70 mil exemplares, como será abordado no próximo capítulo.

O impacto da atuação de Fritz Plaumann ultrapassou uma intenção individual no início e teve reflexos concretos na formação de um ambiente favorável ao desenvolvimento da ciência no contexto regional. A própria existência do Museu Entomológico, bem como o reconhecimento de seu acervo, reforçaram a visibilidade de Nova Teutônia como um espaço

¹³ PLAUMANN, Fritz. Carta à Srta. Martinez Tagliari. Erechim/RS, 18 dez. 1988. 1 p. Documento datilografado. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann.

singular de produção científica na Fronteira Sul. Pesquisadores, professores e estudantes passaram a reconhecer, a partir do trabalho de Plaumann, a possibilidade de se pensar a ciência também a partir de territórios tradicionalmente considerados periféricos, onde o conhecimento não era ausente, mas operava sob outras formas e ritmos. Alguns historiadores defendem esse traço da historiografia, como afirma Casazza ao comentar a abordagem de Maria Margaret Lopes:

Um traço característico dessa historiografia [...] é destacar os lugares de produção do conhecimento como elementos importantes no processo de institucionalização da ciência no país, do qual participam também os interesses da ‘comunidade’ científica, os do Estado e/ou de particulares, e o perfil aplicado ou básico das atividades desenvolvidas. (Casazza, 2012)

Podemos levar em conta que essa dinâmica aborda como os sujeitos historicamente situados, mesmo fora dos quadros institucionais tradicionais, podem estabelecer conexões entre ciência e sociedade a partir de vínculos locais. Com Plaumann, ciência e território se integravam, desde o rigor com que sistematizava os dados da fauna entomológica da região, estas que dialogavam diretamente com a realidade agrícola, com a observação cotidiana dos ciclos naturais e com os desafios impostos pelo ambiente.

Ao mesmo tempo, sua trajetória também mostra a complexidade das redes de produção de conhecimento, muitas vezes sustentadas por circuitos informais e colaborações interinstitucionais pouco mapeadas. Como destaca Lubenow (2015), os processos de circulação de saberes em torno da coleção de Plaumann envolvem “relações interpessoais, trocas materiais e simbólicas” que escapam aos modelos tradicionais de institucionalização da ciência, exigindo um olhar atento às formas específicas de mediação entre colecionadores, instituições e acervos.

As correspondências trocadas com pesquisadores de diferentes países, assim como o envio de espécimes para museus e universidades, ainda demandam um levantamento sistemático que permita reconstituir com maior precisão a extensão e os desdobramentos de sua atuação. Além disso, a análise mais detida das espécies descritas com base em suas coletas pode oferecer novos elementos para compreender sua real contribuição à entomologia.

Essas lacunas, longe de reduzir a importância do trabalho realizado, apenas reforçam o potencial que ele ainda carrega para os estudos históricos da ciência, especialmente quando se busca compreender as formas pelas quais o saber científico se articula em contextos não hegemônicos, atravessando fronteiras disciplinares, culturais e geográficas. A trajetória de Plaumann, nesse sentido, permanece como uma chave interpretativa para pensar os modos plurais de produção do conhecimento na história do Brasil Meridional.

4 O LEGADO DE FRITZ PLAUMANN: CORRESPONDÊNCIAS E IDENTIDADE EM NOVA TEUTÔNIA

As correspondências de Fritz Plaumann mostram muito mais do que simples trocas de informações pessoais ou profissionais. Nelas se entrelaçam as percepções de um imigrante alemão sobre o espaço que escolheu para viver, os desafios do cotidiano e as transformações que marcaram Nova Teutônia ao longo da segunda metade do século XX. As cartas, escritas e recebidas por Plaumann, tornam-se testemunhos de um período em que a comunidade local experimentava mudanças econômicas, culturais e identitárias, em meio à consolidação de Seara como um importante núcleo do oeste catarinense.

Por meio desses registros epistolares, é possível compreender como Plaumann interpretava e narrava o seu entorno, atribuindo sentidos à paisagem, às relações sociais e às práticas de trabalho que definiram o modo de vida teutônico na fronteira sul. As cartas funcionam como uma janela para entender o pensamento de um homem que se via, simultaneamente, como parte e observador de uma comunidade em transformação. Nelas, o discurso sobre o “progresso” e o desenvolvimento do distrito dialoga com uma identidade coletiva em construção, marcada por tensões entre tradição e modernidade, isolamento e abertura ao mundo exterior.

A análise dessas correspondências permite observar, portanto, o entrelaçamento entre a trajetória individual de Fritz Plaumann e as dinâmicas históricas de Nova Teutônia. Ao longo do capítulo, discutem-se as representações do distrito em suas cartas, o papel cultural do Museu Entomológico que levou seu nome e a influência do entomologista na formação simbólica e identitária da região.

4.1 A REPRESENTAÇÃO DE NOVA TEUTÔNIA NAS CORRESPONDÊNCIAS DE FRITZ PLAUMANN

Propõe-se aqui compreender Nova Teutônia a partir do que as cartas de Fritz Plaumann dizem sobre o lugar onde foram escritas e para onde retornavam como notícias, afetos e interpretações do cotidiano. Trata-se de um recorte que privilegia a segunda metade do século XX e toma como eixo a correspondência pessoal trocada entre Fritz e sua esposa, Clarissa, quando esta regressa à Alemanha e o casal sustenta, por décadas, uma vida partilhada por meio da escrita.

Figura 7 – Fritz Plaumann e sua esposa Clarissa no jardim de sua residência, abril de 1965.



Fonte: Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann.

As cartas entre Fritz e Clarissa até 1990, funcionam aqui como um fio de continuidade que organiza o olhar sobre Nova Teutônia. Depois que Clarissa voltou para a Alemanha, em 1966, a correspondência deixa de ser um complemento entre ambos e vira método, pois é por meio dela que acompanhamos rotinas, decisões e pequenos fatos que, somados, dão escala do que mudava ou permanecia no distrito. No conjunto analisado, concentrado nas décadas de 1970 e 1980, existe um tom prático, como aspectos de saúde, custos de envio, preços do dia, funcionamento de serviços e, principalmente, as frentes de trabalho de Plaumann (coleta, conservação, atendimento) e os marcos locais (escola, obras, eventos sazonais). Em 1990, com a morte de Clarissa, esse ciclo se encerra; até lá, as cartas cumprem um papel duplo de aproximar o casal e, ao mesmo tempo, documentar a vida da comunidade em tempo quase real.

Nas oficinas dos historiadores, os interesses pelos artefatos autobiográficos estão envolvidos pelas mudanças epistemológicas que inseriram novos problemas (como a importância da narrativa dentro do discurso histórico), novas correntes de investigação historiográfica (como o estudo das práticas de

escrita e leitura) e novos campos temáticos (como as pesquisas sobre o cotidiano e a vida privada) (Lima, 2014, p. 212).

Chama atenção como o afastamento da destinatária puxa o remetente para um formato quase de “relatório”. Plaumann data, nomeia atores (prefeitura, escola, órgãos ambientais, visitantes), indica consequências e prioridades. Quando o clima atrasa coletas, ele registra; quando os correios oscilam, ele reorganiza prazos; quando há obra no museu ou na escola, ele descreve o efeito imediato. O resultado é um material que permite reconstituir cronologias com boa precisão, sem precisar recorrer a interpretações grandiosas. A seleção do que entra na carta já nos mostra o que contava como relevante para quem vivia e trabalhava em Nova Teutônia.

A variação do clima e a instabilidade dos serviços entram nas cartas como condicionantes do fazer científico e da rotina local: chuvas e ventos suspendem saídas a campo e atrasa a secagem do material; oscilações de correio, energia e acesso forçam replanejamentos, postergam remessas e reordenam gastos. É precisamente nesse cruzamento entre natureza e infraestrutura que Plaumann posiciona o “progresso”: melhorias viárias, novos prédios e a instalação de serviços públicos aparecem como sinais de reconfiguração do distrito, ainda que em ritmo percebido como mais lento que o tempo biográfico do remetente. Em 1986, ele sintetiza:

O asfaltamento da estrada até Chapecó foi iniciado, mas vai levar algum tempo até chegar até nós. Enquanto isso, nós envelhecemos e nossa vida futura é cada vez mais breve. Nova Teutônia começa a se desenvolver, duas casas de moradias estão prontas e outras estão em construção, também a construção para a intendência, o correio, o telefone e “primeiros socorros” com enfermeira devem ser iniciados. (Plaumann, 1986)

A escola entra no quadro com constância. As cartas mencionam ampliação de turmas, o uso do jardim de infância e atividades culturais que aproximam escola, igreja e comunidade. Isso ecoa práticas antigas, mas, no recorte aqui, interessa menos a origem e mais o funcionamento. Em março de 1982, por exemplo, Plaumann informa à esposa dois indicadores de melhoria local: aumento de turmas no ensino fundamental e conclusão do prédio de tijolos do jardim de infância:

“Aqui no vilarejo houve poucas mudanças. Acontecerá o aumento de turmas da velha escola de ensino fundamental, em pouco tempo teremos 5ª série e cada ano uma nova série seguinte, até chegar até 8ª série. O prédio de tijolos para o jardim de infância também será concluído esse mês.” (Plaumann, 1982)

Nesse sentido, a noção de “Progresso”, aparece como um conjunto de indicadores que têm efeito prático: obras concluídas (jardim de infância, melhorias de prédios e vias), serviços que estabilizam (ou não) os correios e a energia, formalização do museu (normas, lei municipal, rotinas), escola com turmas maiores e uso pedagógico do acervo. Plaumann relata isso na chave do que funciona: quando um serviço falha, encarece a postagem e atrasa a pesquisa; quando uma obra avança, melhora a visitação; quando há licença, a coleta segue; quando falta controle de umidade, o acervo sofre. É essa métrica do “o que dá para fazer” que estrutura a noção de desenvolvimento ao longo das décadas.

Ao seguir a trilha da noção de progresso nas cartas, outro ponto que podemos abordar é a maneira como mudanças concretas do distrito entram no texto como marcos verificáveis. Esses registros aparecem lado a lado com notas sobre licenças do IBDF e com a contabilidade caseira dos custos, sinal de que escola e ciência, no cotidiano de Nova Teutônia, corriam no mesmo aspecto prático. Em uma correspondência enviada a Clarissa, ele comenta a tentativa municipal de perfurar poço de petróleo em Seara: “Em Seara estavam procurando petróleo e uma das maiores (para Brasília obviamente) máquinas de perfuração foi instalada e 4.000 metros foram perfurados e infelizmente não encontraram petróleo.” (Plaumann, 1982).

No quadro das cartas, esse episódio entra como índice local de modernização, ainda que frustrado e ajuda a datar expectativas tecnológicas que circulavam pelo distrito na virada dos anos 1970-1980. Isso aparece ligado a melhorias de infraestrutura (prédio, mobiliário, vitrines, energia, correio) e a uma agenda permanente de manutenção. O que interessa aqui é menos o enaltecimento e mais a sequência de atos que permite acompanhar o “progresso” como processo: obras concluídas, normas aprovadas, rotinas instauradas.

As cartas também registram, de modo breve e objetivo, como os ciclos econômicos e os eventos políticos entram no cotidiano. Em 1982, o próprio Plaumann relaciona autorização de coleta, proibição de remessas e inflação, tríade que afeta diretamente o fluxo de trabalho (compra de insumos, postagem, trocas científicas) e a organização doméstica:

Minha coleção será depositada somente para a Universidade Federal do Paraná, mas a compra será feita pelo Conselho Nacional de Pesquisas, mas ele (CNP) ainda não se sentiu confortável em fazer o pagamento, então, ao contrário das expectativas, uma segurança ainda não é possível. – Eu obtive uma nova permissão especial do instituto IBDF para até no final desse ano, ainda em minha zoológica e geográfica coleção de insetos permanecer ativo, obviamente eu não posso aproveitar, porque eu estou proibido de vender ou despachar o material. Viagens para coleta de espécies, com os preços dos combustíveis inflacionados, dificilmente podem ser realizadas sem renda

(financeira). A inflação deverá novamente, também esse ano, mesmo com tantas promessas, exceder os limites em 100%. (Plaumann, 1982).

O efeito é imediato, com prazos reprogramados, despesas revistas, prioridades definidas. Em 1990, a correspondência evidencia outro tipo de registro: a convergência entre informação “pública” (situação econômica, calendário cívico) e a gestão documental do luto (pedido de atestado de óbito de Clarissa para arquivamento), mostrando como as cartas operam simultaneamente como comunicação e como arquivo, como aponta essa correspondência encaminhada a amiga de Clarissa, Lioba Stöder:

Ontem chegaram até mim duas cartas suas, dos dias 1º e 18º desse mês, pelas quais eu agradeço. Eu não estava preparado para receber a notícia de uma morte tão precoce; notícia que essa sempre estimada troca de cartas involuntariamente trouxe; mas para CLARISSA foi uma bênção que o seu sofrimento não durou anos. Eu me alegro que Clarissa lhe contou sobre o “Era uma vez”, pois isso mostra que eu não lhe era um estranho. Eu gostaria de saber por que a morte dela foi tão repentina. Eu lhe serei muito grato se você pudesse enviar a mim uma cópia de seu atestado de óbito, para que eu possa incluir em meus arquivos, obviamente eu pagarei tais despesas. (Plaumann, 1990).

Esse registro, em que luto e organização de acervo aparecem no mesmo gesto, explicita a natureza das cartas neste corpus: documentos que operam simultaneamente no plano íntimo e no público, e que, por isso mesmo, permitem seguir com precisão fatos do cotidiano e marcos locais. O mesmo padrão aparece em outros materiais de época sobre o distrito, a chegada da energia elétrica em 1970, as vias ainda cascalhadas, a presença de escola e pré-escola na sede, e nas próprias cartas, que fixam datas e efeitos de microeventos (tempestades, panes, reajustes) sobre rotinas de trabalho e de comunidade. Metodologicamente, trato essas evidências como escritos performativos, alinhado ao que propõe Lima ao lembrar a

[...] necessidade de se desconstruir a equivalência, presente no senso comum, entre o espaço de intimidade e a noção de transparência; e contribui para a reflexão do historiador sobre os diferentes elementos que compõem a situação discursiva da produção do texto missivista. (Lima, 2014, p. 211).

Do ponto de vista da representação, o que se consolida é um imaginário de Nova Teutônia como lugar em desenvolvimento, dotado de aspiração à modernização. O resultado é um retrato que se afasta de idealizações e mede o progresso por capacidade operacional, sendo que quando a escola aumenta turmas e o museu se formaliza, ampliam-se as possibilidades de

ensino e divulgação científica, quando inflação, clima ou serviços falham, a carta registra o recuo e as medidas de contingência. Ao estabilizar esses marcadores, como a escola, museu, serviços, preços, a escrita de Plaumann mostra um referencial cumulativo para pensar Nova Teutônia como espaço que não abandona a matriz rural, mas que a reconfigura com infraestrutura, rotinas institucionais e expectativas tecnológicas.

Tomando as cartas como um lugar de fala situado, Nova Teutônia aparece mais como paisagem construída por memórias, escolhas de relato e expectativas de futuro. Hall (2015), entende que, o sujeito moderno deixa de ser uno e estável para tornar-se posicionado e múltiplo, definindo-se historicamente “nas formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Esse enquadramento teórico converge com a literatura local sobre memória e comunidade. Altmann (2007) lê Nova Teutônia como espaço onde memória e identidade são produzidas em disputa, num campo atravessado por instituições (igreja, colonizadora, poder público) e por práticas que dão espessura ao “sentido de lugar” - mapas de loteamento, arquivos paroquiais, diários, fotografias, depoimentos. Ao analisar a comunidade luterana e seu entorno, a autora mostra como o pertencimento se faz por articulações materiais e simbólicas (terra, culto, documentos, rotinas), a partir das quais as famílias modulam o que relembram, o que silenciam e o que projetam. Essa lente é especialmente útil para ler as cartas de Plaumann, sendo que elas atualizam, no micro, esse processo de produção de lugar (e de si) ao vincular informações operacionais (umidade, vitrines, correio) a marcos institucionais e redes locais.

Nesse sentido, casa, museu, escola e natureza operam como marcadores de identidade e, ao mesmo tempo, como capítulos da autobiografia de Plaumann. A casa é a base logística e afetiva de onde se escreve; o museu é a tradução pública de décadas de coleta e também um artefato administrativo (normas, inventário, manutenção); a escola aparece como parceira sistemática (visitas, atividades, demandas); a natureza, por sua vez, é matizada em clima e estações, variáveis que determinam o que “dá para fazer” (sair a campo, secar, rearrumar gavetas). Em Altmann (2007), a própria historiografia local confirma o entrelaçamento desses elementos: a antiga casa de comércio, a igreja e os mapas de colonização formam um arquivo de lugares pelos quais a comunidade se narra, o que ressoa com a forma como, nas cartas, esses mesmos lugares reaparecem como tópicos recorrentes de gestão e de memória.

Figura 8 – Casa onde Fritz Plaumann viveu até o fim de sua vida.



Fonte: Registro fotográfico de autoria própria, 2023.

A noção de pertencimento que emerge do corpus é relacional. Ela ganha nitidez justamente no contraste com a Europa, tal como aparece nas cartas de Clarissa e nas referências à sua vida na Alemanha (inclusive deslocamentos a outros países, como o Canadá). A decisão de Clarissa de regressar em 1966 e a manutenção do vínculo epistolar por mais de duas décadas funcionam como um contraplano, enquanto Clarissa vive entre cidades europeias (e escreve desde esse lugar), Plaumann organiza para ela, desde Nova Teutônia, um fluxo de fatos e “estados do lugar”. Segue abaixo uma correspondência de 1982 de Clarissa abordando este aspecto e recomendações para Plaumann:

No verão passei dois meses, a convite da minha irmã Veronika, na casa do marido dela, em Vancouver, Canadá. Sem dúvida é o país mais bonito do mundo - e isso se confirma também nas pessoas: todas muito amáveis, educadas e prestativas. Moramos há várias semanas numa casa de campo diretamente no Pacífico. A graciosa casa de madeira fica sobre uma rocha, cercada de muita mata; pela manhã os veados vinham nos saudar e a vista dava para o mar. Fizemos excursões de dia inteiro, sempre com a mochila de piquenique - ficávamos até cinco horas na praia. [...] O Canadá teria sido o país para você. Lá há muitos alemães que, com trabalho caprichoso,

conseguiram prosperar, sem tantas dificuldades e sem viver sempre sob ordens “de cima”. [...] Desde 1967 tenho minha carteira de motorista. Ainda tenho meu pequeno carro francês, um Peugeot, mas, por causa da idade/custos, já não compensa mantê-lo. Dirigi 160.000 km (este já é o 3º carro); o atual está com 80.000 no hodômetro. Acho que vou vendê-lo ainda antes do inverno. (Lincks, 1982).

A inserção desse relato delimita o pertencimento de Plaumann. Enquanto Clarissa projeta cenários onde “daria certo” (Canadá, Europa), Plaumann sustenta o vínculo descrevendo o que é possível fazer em Nova Teutônia, como coletas, conservação, atendimento, obras e serviços. O pertencimento, assim, não se prova por declarações de amor ao lugar, mas por rotinas reportáveis. Quando Clarissa faleceu, em 1990, o próprio gesto de solicitar a cópia do atestado “para meus arquivos” mostra como a relação afetiva e o impulso arquivístico se fundem e como a biografia privada e a memória do distrito se enlaçam na mesma prática documental.

Isso se articula com a discussão de Hall (2015) sobre comunidades imaginadas e identidades coletivas, sobretudo como pertencimentos se estabilizam por narrativas e dispositivos que representam “diferença como unidade”, amarrando língua, religião, costumes e “sentimento de lugar”. O que vemos nas cartas é precisamente esse trabalho de unificação provisória, sendo que Nova Teutônia aparece como “uma mesma” para quem lê à distância, mas sempre por meio de fragmentos datados e funcionais (chuva que atrasa visita, eleições que complicam preços, escola que amplia turmas). É a repetição desses marcadores que constrói, ao longo do tempo, a imagem de um lugar em desenvolvimento, com aspiração à modernização, sem romper com sua base rural.

Vale notar que essa ideia de pertencimento não é isolada do quadro institucional que Altmann (2007) reconstrói. A presença luterana, os arquivos paroquiais, a própria trajetória de formalização do museu e a memória local marcada por mapas e documentos constituem o pano de fundo que sustenta a inteligibilidade da carta, sendo que sem esse ecossistema de práticas e lugares, o relato de Plaumann seria apenas correspondência privada; com ele, torna-se documento de comunidade, onde a biografia individual e a história social se alimentam mutuamente. É nessa intersecção, entre teoria da identidade, escrita de si e institucionalidade local, que se propõe a ler Nova Teutônia como paisagem simbólica e afetiva.

Há, contudo, lacunas a explorar. A primeira diz respeito ao universo de cartas não traduzidas, que pode ampliar o espectro temático e refinar cronologias e atores. A segunda envolve o cruzamento sistemático das cartas com transformações sociopolíticas do entorno,

como por exemplo, as disputas envolvendo os Kaingang, já trabalhadas pela historiografia regional, para explicitar como essa conjuntura aparece, ou é silenciada no registro epistolar de Plaumann.

4.2 CAMINHOS DE REFLEXÃO A PARTIR DO IMPACTO CULTURAL DO MUSEU ENTOMOLÓGICO FRITZ PLAUMANN NO MUNICÍPIO DE SEARA

O processo que resultou na criação do Museu Entomológico Fritz Plaumann foi formalizado pela Lei nº 381, de 1º de dezembro de 1982, que autorizou a aquisição da coleção pela Prefeitura de Seara. Porém, antes de se tornar objeto de legislação, o acervo foi motivo de longas reflexões pessoais de seu próprio organizador, expressas em cartas enviadas a interlocutores científicos e amigos próximos, nas quais Plaumann discute a possibilidade de transferir sua coleção para a esfera pública. Nessas correspondências, sobressai a tensão entre o apego de uma vida inteira dedicada à coleta e a consciência de que, após sua morte, o destino das peças dependeria de medidas institucionais que garantissem sua preservação. Nesse sentido, “a constituição de espaços de memória no Sul do Brasil foi também uma forma de reterritorializar identidades que haviam atravessado o oceano” (Tedesco, 2022, p. 9).

O diário de Plaumann (2001) também mostra preocupações recorrentes com a conservação do acervo. As anotações mencionam as condições de umidade, a necessidade de reorganização periódica das gavetas e até a dificuldade de manter, sozinho, o ritmo de cuidados técnicos exigidos por uma coleção de dezenas de milhares de espécimes. Tais relatos expõem a angústia de quem percebia a urgência de assegurar a continuidade de seu trabalho para além de sua presença física.

As expectativas de Plaumann, manifestas tanto em registros pessoais, como o diário (Plaumann, 2001), quanto em suas cartas, apontavam para três dimensões centrais: a valorização científica da coleção, a preservação ambiental por meio do conhecimento dos insetos, e, de modo cada vez mais evidente nos anos finais de sua vida, o reconhecimento cultural desse patrimônio pela comunidade que o acolheu desde a década de 1930. A institucionalização do acervo de Plaumann também pode ser lida como parte dessa lógica de pertencimento territorial (Radin, 2016), em que a preservação de um patrimônio científico reforça identidades regionais. Dessa forma, podemos apontar que o colecionador além de ver suas gavetas como um arquivo de interesse especializado, também enxergava seu acervo como uma referência educativa para Seara.

Veremos que a negociação com a Prefeitura deixa transparecer essa consciência. Elas mostram um caráter de um patrimônio em trânsito, saindo do espaço doméstico do pesquisador para ganhar um estatuto público, sob a responsabilidade do poder municipal. Nesse movimento, o acervo deixa de ser uma extensão da trajetória individual de Plaumann e passa a constituir-se como bem coletivo, apto a integrar a memória cultural da região. Como lembra Le Goff (1990, p. 476), a memória é um dos pilares na construção das identidades coletivas, o que ajuda a compreender como a coleção Plaumann, ao ser incorporada pelo poder público, transforma-se de registro pessoal em memória compartilhada.

A primeira ação institucional em direção à preservação do legado de Fritz Plaumann ocorreu em 1982, quando a Prefeitura de Seara aprovou a Lei nº 381, de 1º de dezembro de 1982, que “dispõe sobre aquisição de uma coleção entomológica e dá outras providências”. Pelo dispositivo legal, o município autorizava a compra de sessenta mil espécimes pertencentes a Plaumann pelo valor de sessenta milhões de cruzeiros, pagos em parcelas mensais ao pesquisador.

Fica o Chefe do Poder Executivo Municipal autorizado a adquirir por compra de propriedade do Senhor Fritz Plaumann, uma Coleção Entomológica com 60.000 (sessenta mil) espécies, num valor total de Cr\$ 60.000.000,00 (sessenta milhões de cruzeiros). O valor será pago em prestações mensais de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) a partir de 15 de janeiro de 1983. As despesas correrão por conta das dotações do orçamento do exercício de 1983. (Seara, 1982, arts. 1º-3º).

Antes mesmo de existir um museu, a coleção já era tratada juridicamente como patrimônio público municipal, recebendo uma proteção formal que transcendia a esfera privada. O texto legal, além de legitimar a transação financeira, inscrevia o acervo no orçamento público, vinculando-o à responsabilidade administrativa da Prefeitura. Contudo, a documentação epistolar do período revela que essa passagem do âmbito pessoal ao institucional foi acompanhada de incertezas quanto à capacidade do poder público em garantir a conservação adequada do material. Em carta datada de 12 de outubro de 1982, enviada de Concórdia, um dos correspondentes de Plaumann manifestava essa preocupação:

A grande preocupação pessoal que tenho, é que tenho dúvidas se em Seara eles terão condições de manter a coleção em bom estado, correndo o perigo de que, daqui alguns anos, com a mudança de governantes, venha a se perder o que se levou uma vida para conseguir e, pior do que isso, sem condições de refazer. Daí a razão da minha preocupação. Talvez seja melhor que ela (a coleção) esteja longe, porém em condições seguras e fora do alcance do bom ou mau humor, ou da boa ou má vontade de políticos, muitos deles e muitas

vezes de intenções duvidosas.” (Carta enviada a Fritz Plaumann, Concórdia, 12 out. 1982, p. 1).

Nesse sentido, após incertezas, a coleção é vendida à Prefeitura e a lei de 1982 representa o marco jurídico inicial do processo de institucionalização. Ela formalizou a transição da coleção da esfera particular para a esfera pública, garantindo sua continuidade e estabelecendo as bases legais para a posterior criação do Museu Entomológico Fritz Plaumann. A norma traduzia o reconhecimento social de que aquele acervo constituía parte do patrimônio histórico e científico da região, legitimando o desejo do próprio Plaumann de que seu trabalho tivesse permanência para além de sua vida, conforme pontua em mensagem emoldurada posteriormente no museu e que está presente em seu diário:

O homem agride sem consideração:
A fauna e flora autóctones sucumbem.
Terra, ar e água são envenenados ou contaminados.
Porém a terra, na qual toda a vida se fundamenta, Há de vingar-se, como em partes já está acontecendo.
Pensa, pois, Homem, sobre o que poderá advir....
Que meu trabalho entomológico possa contribuir para incentivar a admiração e o Amor à natureza e estimular a reflexão sobre a mesma, são os meus votos.
(Plaumann in Spessatto, 2001, p. 270)

Dois anos depois da compra da coleção, o processo de institucionalização avançou com a aprovação da Lei nº 452, de 3 de setembro de 1984, que criou oficialmente o Museu Entomológico Fritz Plaumann, subordinado à Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Promoção Social. O texto legal definia a sede em Nova Teutônia, estabelecia a especialização em entomologia e determinava que a manutenção ocorreria por conta do orçamento municipal. Também previa a possibilidade de convênios e doações, sinalizando a abertura do museu para colaborações externas e parcerias científicas ou culturais:

Fica criado o Museu Entomológico “FRITZ PLAUMANN”, órgão vinculado à Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Promoção Social da Prefeitura Municipal de Seara. O Museu terá por sede a localidade de Nova Teutônia, Distrito do mesmo nome, e será especializado em Entomologia. Os recursos necessários à manutenção correrão à conta das dotações orçamentárias da Prefeitura Municipal de Seara. Parágrafo único – O Museu poderá conveniar com outras instituições e aceitar contribuições e doações. Dentro de 60 (sessenta) dias o Executivo Municipal criará decreto regulamentando esta Lei. (Seara, 1984, arts. 1º–5º).

Com esse ato, a coleção adquirida em 1982 deixa de ser um conjunto de espécimes preservados em gavetas e passa a constituir uma instituição cultural reconhecida pelo poder público. A lei conferia ao acervo uma dimensão de objeto de pesquisa e trabalho individual, sendo que ele se tornava instrumento de ensino, espaço de visitação e fonte de identidade local. O destaque dado ao nome de Plaumann no próprio título da instituição é significativo. O pesquisador, que dedicara décadas de sua vida à coleta e ao estudo de insetos, via agora sua trajetória ser incorporada ao patrimônio oficial do município. A escolha do nome dessa forma transforma a biografia de Plaumann em símbolo coletivo. Ao inscrever seu nome na lei, a Prefeitura estabelecia uma relação entre indivíduo e comunidade, em que a obra científica de um colono alemão radicado em Nova Teutônia se convertia em referência de identidade cultural para Seara.

Figura 9 - Museu Fritz Plaumann no ano de sua inauguração - 1988



Fonte: Museu Entomológico Fritz Plaumann

Do ponto de vista historiográfico, a criação do museu marca um processo de consagração pública e cívica. Aquilo que nascera como esforço solitário, em meio às dificuldades do interior catarinense, foi elevado ao status de instituição. A lei consolidava a passagem do trabalho privado para o espaço público, garantindo que a coleção permanecesse em território local e fosse reconhecida como patrimônio científico e cultural. É nesse movimento que a trajetória individual de Plaumann se torna memória coletiva, articulada ao projeto de afirmação histórica do município. Ainda que a inauguração oficial só ocorresse em

1988, o ato de 1984 já representava uma vitória simbólica, em que a coleção teria continuidade, protegia legalmente o acervo e criava as bases para sua futura abertura à visitação. Conforme observa Jacques Le Goff:

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades. [...] As lutas pela dominação da memória e da herança cultural são, também, lutas pelo poder. Impõe-se, portanto, uma vigilância crítica em relação às memórias coletivas, cujas manipulações são constantes.” (Le Goff, 1990, p. 476).

As reportagens da época acompanham a passagem da coleção para a esfera pública e ajudam a moldar a imagem do museu. Já em 1984, quando o município ajustava as bases legais e administrativas, jornais regionais destacavam Seara como sede de “uma das maiores coleções de insetos do país”, sublinhando a utilidade científica do acervo e o interesse de instituições brasileiras e estrangeiras:

“Seara, município agrícola do Oeste Catarinense, abriga uma riqueza de inestimável valor científico, a coleção de insetos organizada por Fritz Plaumann. Especialistas internacionais não deixam de consultá-la. São 60 mil insetos colecionados e desenhados.” [...] “Desde que deixou o comércio, [Plaumann] dedicou-se inteiramente à pesquisa” [...] “Tudo catalogado” [...] “A coleção de entomologia é um verdadeiro centro de consulta para universidades e naturalistas.” (Correio Riograndense, 1984, p. 23)

Nos anos seguintes, às vésperas da inauguração, o tom se consolida: matérias especiais (como do Diário Catarinense de 1987, “Museu Fritz Plaumann, uma vida de pesquisa”) apresentam o museu como síntese de uma biografia exemplar e como ativo cultural da região. O enquadramento é constante: o museu nasce para preservar e ensinar, e a obra de Plaumann, antes doméstica, torna-se um patrimônio público com vocação educativa:

A prefeitura de Seara adquiriu 60 mil insetos da coleção entomológica de Fritz Plaumann e vai agora constituir um museu com apoio do Governo do Estado e da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto está concluído e prevê capacidade para abrigar toda a coleção, cerca de 16 mil espécies, montada pacientemente durante os últimos 60 anos pelo entomólogo Fritz Plaumann que percorrerá as bacias dos rios Uruguai, Ariranha, Ariranhazinha e Irani, na região do Alto Uruguai catarinense. (Diário Catarinense, 1987, s/p.).

As entrevistas e homenagens reforçam essa narrativa. Plaumann aparece como “cientista do interior”, autodidata rigoroso, referência consultada por universidades e naturalistas, e pelo “patrimônio vivo” da cidade. O destaque dado à figura do pesquisador funciona como ponte entre ciência e comunidade: o indivíduo que nomeia a instituição encarna

a ideia de legado, enquanto a instituição dá formato público ao trabalho de uma vida. Esse espelhamento biografia-museu dá densidade afetiva ao novo equipamento cultural e ajuda a sedimentar a sua autoridade simbólica.

O tom predominante nas matérias é laudatório e celebratório. Há ênfase nos feitos pessoais, no volume e na raridade da coleção, na contribuição para o conhecimento dos insetos e no potencial educativo para escolas. Em contrapartida, quase não aparecem vozes críticas, por exemplo, debates sobre prioridades orçamentárias, disputas de memória na região ou tensões sociais mais amplas do Oeste catarinense. Como adverte Le Goff (1990, p. 476), “as lutas pela dominação da memória e da herança cultural são também lutas pelo poder”. Também são raras as menções a outros atores locais (caboclos, Kaingang, pequenos agricultores) no processo de construção de uma identidade municipal em torno do museu. Na cobertura, o foco permanece na figura de Plaumann e no orgulho cívico associado ao acervo.

Esse enquadramento midiático produz efeitos culturais. A borboleta, ícone visual frequentemente mobilizado nas páginas sobre o museu, migra do campo das imagens para o repertório oficial do município. Em 2007, uma alteração legal incorpora explicitamente a “borboleta fêmea *Morpho anaxibia* (Nymphalidae)” como símbolo municipal, a ser utilizada como marca visual de Seara em materiais, obras e veículos públicos (Lei nº 1.451/2007).

Figura 10 - Borboleta fêmea *Morpho anaxibia* (Nymphalidae), presente como símbolo em frente ao Museu Fritz Plaumann.



Fonte: Registro fotográfico de autoria própria, 2023.

Com isso, o emblema que circulava nos textos jornalísticos e nas peças de divulgação do museu passa a integrar a gramática cívica da cidade, estabilizando a associação entre natureza local, ciência e identidade municipal:

Art. 1º São símbolos do Município de Seara: a) o Brasão Municipal; b) a Bandeira Municipal; c) o Hino Municipal; e d) a *borboleta fêmea Morpho anaxibia* (Nymphalidae).

Art. 2º A borboleta será utilizada em sua cor original e será disposta sobre a parte superior da letra “R” da palavra Seara, em ângulo de 75°.

Art. 3º O nome do município será impresso em letras maiúsculas nas cores Azul C:100 M:60 Y:0 K:0 e Verde C:100 M:0 Y:100 K:0, permeado por uma linha branca que começa no pé da letra “E” e termina na parte superior da letra “R”, sob a asa da borboleta.

Art. 4º O símbolo descrito será utilizado como marca visual do município no material impresso, faixas, obras, veículos e outros. (Seara, 2007, arts. 1º–4º).

No plano prático, o museu no final da década de 1980 se torna “cartão de visita” de Seara: referência obrigatória em releases turísticos, roteiros escolares e materiais institucionais. Do ponto de vista historiográfico, esse processo mostra como a consagração pública opera em camadas: primeiro, o marco jurídico (1982–1984) garante a transição do acervo para o domínio público e cria a instituição; em seguida, a imprensa constrói uma narrativa de exemplaridade que legitima socialmente o museu; por fim, o símbolo da borboleta entra no léxico oficial, consolidando a memória de Plaumann como emblema cívico e educativo da cidade. É nesse cruzamento entre lei, mídia e símbolo que o Museu Entomológico Fritz Plaumann passa de coleção especializada a peça estruturante da identidade local. Nesse sentido, o que se observa em Seara repete um fenômeno recorrente na construção de patrimônios locais: a transformação de memórias individuais em símbolos coletivos. Como destaca Jacques Le Goff:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades. [...] As lutas pela dominação da memória e da herança cultural são, também, lutas pelo poder. Impõe-se, portanto, uma vigilância crítica em relação às memórias coletivas, cujas manipulações são constantes. (Le Goff, 1990, p. 476).

Essa leitura mostra o modo como o nome de Plaumann e seu acervo, ao passarem ao domínio público, tornam-se instrumentos de legitimação simbólica e política na afirmação de uma identidade municipal. O caráter cívico da memória plaumanniana também pode ser compreendido à luz de Eric Hobsbawm, para quem as tradições e símbolos públicos não nascem espontaneamente, mas se constroem como mecanismos de permanência e coesão social. Nas palavras do autor:

A invenção das tradições é um processo social que responde a novas situações pela referência a um passado, real ou inventado, que busca impor continuidade com o tempo anterior. [...] Elas tentam estruturar algumas partes da vida social, criando permanências e legitimando instituições, status ou relações de autoridade. (Hobsbawm, 1997, p. 9).

A consolidação do Museu Entomológico Fritz Plaumann como símbolo cívico de Seara reflete exatamente essa operação: um passado individual transformado em herança institucional, legitimando a continuidade entre a história do colecionador, a identidade do município e o imaginário de sua comunidade.

Podemos constatar que, as fontes apresentadas aqui, traçam um percurso nítido. As correspondências e o diário trazem um plano íntimo das decisões sobre todas as dúvidas referente a conservação, receio quanto ao destino das gavetas após sua morte, e a aposta de que o poder público garantiria continuidade. A Lei nº 381/1982 inaugurou o caminho institucional ao formalizar a aquisição da coleção pelo município, deslocando-a da esfera privada para a responsabilidade pública. A lei de 1984, que cria o Museu Entomológico Fritz Plaumann, institucionaliza esse patrimônio e consagra seu nome como referência oficial de Seara, definindo funções de preservação, exposição e educação. Na sequência, a imprensa amplia o reconhecimento: entrevistas, perfis e homenagens consolidam a figura de Plaumann como “cientista do interior” e “patrimônio vivo”, moldando uma memória pública celebratória e duradoura.

Vistas em sequência, essas camadas, tanto pessoal, como jurídica e midiática, mostram como, no fim da vida, a trajetória individual de Fritz Plaumann foi convertida em patrimônio coletivo, com base legal, lugar institucional e narrativa pública. Esse arranjo ancorou uma forma de identidade local que se reconhece no acervo, no museu e no nome de seu organizador, fixando a passagem do trabalho de uma vida ao campo da memória cívica de Seara.

4.3 AS REPRESENTAÇÕES DE FRITZ PLAUMANN SOB O OLHAR DA COMUNIDADE E DA IMPRENSA

A trajetória de Fritz Plaumann, especialmente em suas últimas décadas de vida, ultrapassa o campo individual da pesquisa entomológica e passa a integrar o imaginário coletivo da comunidade de Nova Teutônia. Sua figura, antes associada a um cientista reservado e dedicado às coleções de insetos, aos poucos se transforma em um símbolo de identidade local, sendo abordado pela imprensa e pelos habitantes como expressão de trabalho, dedicação e

pertencimento. Aqui, buscamos compreender como Plaumann foi representado pela comunidade e pelos meios de comunicação, analisando as formas pelas quais sua imagem foi apropriada, reinterpretada e ressignificada em diferentes contextos.

Mais do que examinar o indivíduo, interessa perceber os mecanismos de construção simbólica que fizeram de Plaumann uma referência cultural. Essa representação envolve um conjunto de sentidos que dialogam com o modo como Nova Teutônia passou a se ver e a se projetar. Nesse processo, o discurso jornalístico e as narrativas locais atuaram como mediadores entre o homem e o mito, elaborando imagens que ajudaram a consolidar uma memória pública. Como observa Stuart Hall (2006), as identidades não são entidades fixas, mas produções sempre em processo, atravessadas por representações, diferenças e disputas de sentido. Assim, compreender Plaumann sob o olhar da comunidade implica observar o modo como sua figura foi continuamente (re)construída em meio às transformações culturais e espaciais da região.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito.” (Hall, 2006, p. 9–10).

As décadas de 1980 e 1990 configuram um período de especial relevância nesse sentido. São anos em que o nome de Fritz Plaumann ganha visibilidade institucional, coincidindo com a criação do Museu Entomológico, já abordado anteriormente, dentre um conjunto de ações que buscaram preservar sua coleção e reconhecer sua trajetória científica. A consolidação do museu, inicialmente vinculada à aquisição da coleção pela Prefeitura Municipal de Seara, conferiu à obra de Plaumann um novo estatuto, sendo ele o de patrimônio público. Ao mesmo tempo, a imprensa a nível de estado passou a retratá-lo como “patrimônio vivo”, associando sua biografia à própria história de Nova Teutônia. Essa aproximação entre indivíduo e território reforça a leitura de Milton Santos (2006), segundo a qual o espaço é produto da ação humana e da técnica, um campo onde se expressam as relações sociais e culturais em constante transformação.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e de sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. Os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e estas, por sua vez, reagem sobre os objetos, modificando-os. O espaço é, assim, o resultado de uma história e de uma sociedade em movimento. (Santos, 2006, p. 63).

Dessa forma, o olhar sobre Plaumann não pode ser dissociado do cenário em que viveu e das mudanças que presenciou. Nova Teutônia, marcada pela pequena agricultura e pela forte presença da mata nativa nas primeiras décadas de colonização, passava, naquele momento, por transformações visíveis: mecanização das lavouras, ampliação das estradas, chegada da eletrificação e expansão urbana. Plaumann observava e registrava essas modificações em seu diário (Plaumann in Spessatto, 2001), revelando um olhar atento à paisagem e, ao mesmo tempo, uma percepção ambígua diante do “progresso” que avançava sobre o ambiente natural. Essa tensão entre natureza e modernidade, entre a contemplação científica e o ritmo das mudanças, mostra o modo como a própria comunidade reinterpreta o lugar que ocupava, sendo nesse ponto que o discurso da imprensa adquire força simbólica, funcionando como espelho e ampliação dessas percepções coletivas.

É nesse entrelaçamento de vozes, a de Plaumann, a da imprensa e a da comunidade, que se constrói a imagem pública do entomólogo nas últimas décadas do século XX. Sua figura emerge como uma síntese entre o passado pioneiro e o desejo de modernização, entre a memória das origens e a aspiração ao reconhecimento científico. A análise dessas representações, portanto, permitirá compreender como Fritz Plaumann foi visto e também como Nova Teutônia passou a se ver por meio dele.

Nos registros de Fritz Plaumann, especialmente em seu diário e nas correspondências trocadas nas últimas décadas de vida, observa-se uma preocupação recorrente com as transformações do espaço em que vivia. A paisagem de Nova Teutônia, descrita por ele desde a década de 1920 como uma área de densa vegetação nativa e de abundância de espécies entomológicas, passou a apresentar, ao longo das décadas seguintes, mudanças significativas decorrentes da expansão agrícola e da introdução de novas tecnologias no meio rural. Em seus escritos, Plaumann registra o desmatamento progressivo, o desaparecimento de determinadas espécies e a substituição da mata por áreas de cultivo, mostrando que compreendia a paisagem como resultado direto da ação humana.

No diário, as observações sobre o meio natural aparecem acompanhadas de referências às alterações ambientais associadas ao avanço técnico e econômico da região. A partir da década de 1970, com a chegada da energia elétrica, o asfaltamento das vias e a mecanização da agricultura, o cenário descrito por Plaumann deixa de ser o de isolamento e se aproxima de um padrão de desenvolvimento comum às pequenas comunidades do Oeste Catarinense. Esses registros permitem constatar que o entomólogo acompanhava as mudanças locais com interesse

analítico, identificando nelas tanto as dificuldades para a coleta quanto às novas condições de trabalho que o contexto proporcionava.

Em 10.09.1970, o nosso distrito foi ligado à rede da Celesc, que foi uma alegria para todos, um bom passo para frente, a longo tempo desejado, também as ruas principais recebiam iluminação. [...] A pedido da Autoridade de Seara tomei parte na 3ª Amostra Industrial do Alto Uruguai na Exposição Científica Cultural no Pavilhão de Seara, sob o título: SEARA HOMENAGEIA UM DE SEUS CIDADÃOS - FRITZ PLAUMANN. Mostrando gavetas e fotos coloridas de insetos, que teve lugar em Concórdia de 19 a 20 de maio de 1973, recebendo eu um diploma e uma medalha de "Honra ao Mérito", entregue em Seara numa solenidade especial. (Plaumann in Spessatto, 2001, p. 229)

Essa compreensão dialoga diretamente com a concepção de espaço desenvolvida por Milton Santos (2006), segundo a qual a técnica e o tempo atuam como elementos centrais na constituição do território. Para Santos, o espaço geográfico é uma síntese entre o meio natural e o meio técnico, sendo continuamente transformado pelas práticas sociais e pelos sistemas produtivos. Nesse sentido, o caso de Nova Teutônia representa um exemplo de transição entre o espaço natural, marcado pela coleta e pela floresta, e o espaço técnico, caracterizado pela mecanização, pela infraestrutura viária e pela integração às redes urbanas regionais.

O espaço é, ao mesmo tempo, resultado e condição, produto e produtor da história. Ele é o testemunho de um momento dado das relações entre o homem e a natureza, mediadas pelo trabalho, pelas técnicas e pelas formas sociais de produção. A técnica é, pois, o elo entre o homem e o mundo, e cada período histórico conhece um conjunto próprio de técnicas que define a maneira de produzir o espaço. O espaço geográfico é uma acumulação desigual de tempos, em que se superpõem objetos herdados e objetos novos, formando uma totalidade dinâmica e contraditória. (Santos, 2006, p. 89).

Plaumann acompanhou esse processo como observador e participante. A natureza, que fora por décadas o foco de seu trabalho científico, passou a coexistir com as marcas da modernização. Essa mudança de perspectiva demonstra que o entomólogo compreendia a paisagem tanto como fonte de conhecimento científico quanto como reflexo das alterações estruturais da comunidade. Assim, suas anotações constituem um registro empírico de uma etapa específica do desenvolvimento regional, em que a natureza e o progresso técnico passam a integrar o mesmo processo de formação do espaço. Esse contexto é abordado em diversos pontos em seu diário, como exemplo o alargamento de várias estradas em 1987:

Em prol do trânsito, a Prefeitura de Seara, há tempo, tinha planejado alargar e melhorar o entrocamento oblíquo secundário, saindo da estrada Estadual, trecho "Seara-Chapecó". Para o início foi escolhido o trecho mais difícil da

descida para Nova Teutônia, que começava na povoação de Sagrado Coração. Tanto que, a estrada foi alargada para duas pistas, bueiros instalados, curvas melhoradas, rochas arrebatadas etc. Infelizmente, o serviço teve de ser interrompido temporariamente. Quando retomaram o serviço no outono, também as ruas na sede distrital foram melhoradas, porém o terreno em declínio exigiu muito mais tempo que previsto, por exemplo, no outro lado da rua, que passa na frente da minha residência, havia um trecho de rocha que exigia duas tentativas para derrubá-lo, cada uma com, mais ou menos, 70 furos carregados com dinamites; graças às severas medidas de segurança não ocorriam danos materiais. (Plaumann in Spessato, 2001, p. 259)

As reportagens encontradas na hemeroteca, especialmente em jornais como o Diário Catarinense e periódicos regionais, evidenciam que a figura de Fritz Plaumann passou, nas décadas de 1980 e 1990, por um processo de crescente visibilidade pública. A análise do conteúdo dessas matérias mostram que a imprensa possui um papel importante na difusão de uma imagem socialmente positiva do entomólogo, vinculando sua trajetória pessoal à consolidação de uma identidade regional. O discurso jornalístico, nesse contexto, contribuiu para transformar o pesquisador em um símbolo de referência cívica e cultural, projetando sua biografia como exemplo de dedicação e reconhecimento científico.

Os textos jornalísticos enfatizam, de maneira recorrente, a singularidade de Plaumann enquanto cientista radicado no interior de Santa Catarina. A imprensa frequentemente o apresentava como um exemplo de superação das limitações geográficas e estruturais, destacando que seu trabalho fora desenvolvido fora dos grandes centros de pesquisa. Esse enquadramento construía uma narrativa que associava a imagem do pesquisador ao “homem do interior”, dedicado e persistente, capaz de produzir conhecimento científico em condições adversas. Essa representação reforçava a ideia de que a produção intelectual também poderia surgir a partir das margens, convertendo o espaço rural em local legítimo de ciência:

O museu, um casarão cor-de-rosa de três andares, inaugurado em 88, fica no topo de uma elevação rodeada de grama e flores, e abriga aproximadamente 81 mil insetos, de 17 mil espécies diferentes. São borboletas, gafanhotos e até morcegos. Do total, 1.600 foi o próprio Fritz Plaumann quem descobriu, e 120 receberam o nome dele. [...] A casa onde o entomólogo mora fica em frente ao museu, e guarda coisas que demonstram sua extrema organização. Lá, além das trezentas páginas de sua autobiografia, estão várias pastas com recortes de jornais e outros documentos acumulados durante toda a vida (Zero - SC, 1994, p. 3).

Com o avanço das discussões sobre patrimônio e identidade cultural no final do século XX, o discurso jornalístico passou a enfatizar o valor simbólico da trajetória de Plaumann para o município. As reportagens sobre a criação e posterior institucionalização do Museu

Entomológico o apresentavam como “patrimônio vivo” de Seara, destacando o reconhecimento formal de seu trabalho e a incorporação de sua coleção ao domínio público. A figura do entomólogo, nesse período, ultrapassa o âmbito individual e passa a representar um conjunto de valores associados ao município a partir do trabalho, conhecimento, preservação e orgulho local. Essa transformação discursiva mostra um movimento de institucionalização da memória, em que o indivíduo é convertido em símbolo cívico.

A análise das matérias permite observar que o tom predominante é laudatório e informativo. As reportagens destacam conquistas, prêmios e homenagens, evitando controvérsias ou aspectos críticos. Esse tipo de narrativa tende a simplificar a complexidade da trajetória individual, mas cumpre a função de criar consenso simbólico em torno de uma figura que passa a representar o município. De acordo com Stuart Hall (2006), as identidades são formadas e negociadas no interior dos discursos, que produzem significados e posicionam os sujeitos dentro de um contexto social. Nessa perspectiva, as representações de Plaumann na imprensa constituem práticas discursivas que além de descrever, constroem a identidade regional de Nova Teutônia e de Seara:

As identidades são construídas dentro, e não fora, do discurso. Elas são produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, são mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica e naturalmente constituída. Em suma, as identidades são pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (Hall, 2006, p. 109).

Kathryn Woodward (2000) complementa que as identidades são moldadas por meio de processos de diferenciação, definem-se pelo contraste com o outro. No caso analisado, a imprensa posiciona Plaumann como expressão de um “nós” coletivo, a comunidade trabalhadora, honesta e ligada à terra, em oposição implícita a um “eles” representado pelos centros urbanos e pela ciência institucionalizada. Assim, o discurso jornalístico atua como instrumento de coesão simbólica, conferindo legitimidade e visibilidade a uma identidade local que valoriza o esforço individual e o vínculo com o território.

Dessa forma, as matérias veiculadas ao longo das décadas finais do século XX mostram um papel ativo na formação de um repertório simbólico que associa sua imagem à própria história de Nova Teutônia. Essa construção discursiva, fundamentada em práticas de reconhecimento e celebração pública, contribuiu para consolidar uma identidade regional

marcada pela valorização da ciência local, da memória e da natureza como elementos centrais da representação social da comunidade.

Ademais, as correspondências hoje incluídas no acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann, constituem importantes registros documentais para a compreensão das relações estabelecidas em torno de sua trajetória científica e do processo de reconhecimento público de seu trabalho. Entre essas, destacam-se duas cartas trocadas em 1991 entre Luiz Carlos, colaborador vinculado às atividades do museu, e o próprio Plaumann. Na correspondência enviada por Luiz Carlos em setembro de 1991, o autor manifesta apreço pelo trabalho desenvolvido por Plaumann e reconhece a importância da coleção entomológica para a comunidade e para a pesquisa científica. O texto adota tom respeitoso e informativo, evidenciando que o museu já era compreendido como patrimônio público e que o nome de Plaumann estava diretamente associado à credibilidade da instituição:

Prezado Sr. Fritz Plaumann. Tive a grata satisfação de, no dia 22 domingo assistir ao programa Globo Rural no qual teve uma reportagem sobre o sr. e o seu trabalho. Fiquei muito contente ao saber que o senhor continua em plena atividade. Há alguns anos atrás eu trabalhei em Nova Teutônia lecionando nessa escola aí ao lado. Naquela época o museu novo ainda não estava pronto. Pude ver também no programa que já está em funcionamento. Desejo muita saúde ao sr. para que o seu trabalho continue dando tantos frutos quanto já deram. Certamente o senhor não se lembra de mim, mas de longe envio os meus votos de sucesso ainda mais. um grande abraço de um admirador seu. Um abraço à sua filha e à Edeltraud e família. (Carlos, 1991, p. 1)¹⁴

Na resposta de novembro do mesmo ano, Plaumann (1991) reconhece o interesse do interlocutor, enviando saudações. A linguagem é objetiva, sem referências pessoais ou emotivas. O documento confirma que, na fase final de sua vida, o entomólogo acompanhava de forma atenta o processo de gestão do patrimônio científico que havia constituído, demonstrando preocupação com a continuidade de seu legado sob controle público.

Essas duas cartas exemplificam o modo como a correspondência passou a exercer uma função de mediação institucional entre o pesquisador e os agentes responsáveis pela preservação do acervo. O tom formal e o vocabulário técnico utilizados nas mensagens expressam o enquadramento do museu dentro de uma lógica de institucionalização, na qual a figura de Plaumann já se configurava como elemento legitimador de um projeto cultural.

¹⁴ Em setembro de 1991, a equipe do programa Globo Rural visitou Nova Teutônia e realizou uma reportagem sobre Fritz Plaumann e o Museu Entomológico que levava seu nome. O vídeo, disponível no Youtube, apresenta imagens do entomólogo em atividade e entrevistas sobre sua trajetória científica. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z-tWg_bwK1I

Assim, as cartas integram um conjunto documental que, além de evidenciar relações profissionais e institucionais, mostra um processo de construção de memória. Por meio delas, observa-se a consolidação de uma rede de reconhecimento que ultrapassa o âmbito da pesquisa individual e se insere no campo mais amplo das representações sociais e institucionais. Dessa forma, a correspondência se configura como fonte de análise sobre a legitimação e a permanência simbólica de Fritz Plaumann no espaço científico e cultural da região.

A memória, enquanto construção coletiva, é o resultado de um processo social que envolve a seleção e o esquecimento. Na fronteira, ela ganha contornos próprios, pois traduz a tentativa de fixar uma identidade para grupos marcados pela mobilidade, pela diversidade cultural e pelas tensões da ocupação territorial. (Radin, 2016, p. 148).

Ademais, podemos abordar que o diário de Fritz Plaumann (Spessatto, 2001) pontua uma base autobiográfica adequada para observar como o próprio autor organizou sentidos sobre trabalho, tempo e pertencimento local. Os registros combinam notas técnicas de coleta, controle de exemplares, arranjos de gavetas e trocas com interlocutores, compondo uma rotina de pesquisa marcada por procedimentos, prazos e metas. Em passagens recorrentes, aparecem indicadores de temporalidade, menções ao clima, à sazonalidade das espécies, à duração das saídas de campo e ao avanço da idade, que afetam diretamente o ritmo das atividades. O diário também registra interações ordinárias com a comunidade e com a administração municipal, desde visitas de estudantes, solicitações de identificação, diálogos sobre infraestrutura do museu e necessidades de conservação do acervo.

Essa auto-representação contrasta com a imagem publicizada pela imprensa. Enquanto o diário projeta um sujeito técnico, orientado por tarefas e parâmetros verificáveis, o discurso jornalístico tende a converter o pesquisador em emblema cívico e ambiental, ampliando atributos e atribuindo significados que excedem o escopo operacional do trabalho diário. Em termos analíticos, o documento privado produz um “eu de ofício” especializado, procedural e atento a condicionantes materiais, ao passo que o texto público institui um “eu-símbolo”, referência de identidade, patrimônio e exemplaridade. Como lembra Hall (2006, p. 13), “as identidades são formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. A divergência não implica contradição, mas níveis distintos de representação: o diário estabiliza funções; a imprensa estabiliza valores.

A ideia proposta por Florestan Fernandes (2013) sobre mudanças sociais e desenvolvimento ajuda a ler essa diferença. Em contextos de modernização periférica, funções e papéis se diferenciam e se institucionalizam, convertendo práticas particulares em recursos coletivos. O diário registra essa passagem em escala micro: o que começa como rotina individual de pesquisa transforma-se em trabalho socialmente reconhecido quando se articula ao museu, à escola e à política cultural. A imprensa, por sua vez, acelera a conversão de um conjunto de funções técnicas em um repertório de valores públicos, procedimento típico de sociedades em que a legitimação simbólica acompanha a consolidação institucional.

As mudanças sociais correspondem a um processo de diferenciação e de reorganização interna das estruturas sociais. Em contextos de desenvolvimento dependente, as novas funções surgem dentro de antigos moldes institucionais, o que explica a coexistência entre práticas modernas e estruturas tradicionais. A inovação, nesse caso, não elimina o passado, mas o reinterpreta, transformando-o em instrumento de legitimação da ordem presente. (Fernandes, 2013, p. 15).

Outro autor que nos ajuda a entender esse contexto é Darcy Ribeiro (1995) sobre formação cultural e identidade mestiça. O registro de interações ordinárias com moradores, estudantes e autoridades locais evidencia um espaço social híbrido, onde matrizes culturais diversas, teuto-brasileira, cabocla, urbana emergente, operam de modo combinado. No diário, essa heterogeneidade aparece como dado pragmático do ambiente de trabalho. Na esfera pública, ela é recomposta em linguagem identitária que integra ciência, memória e território. Assim, a “mestiçagem” cultural que Darcy descreve como processo constitutivo se manifesta aqui como articulação entre saber técnico especializado e repertórios locais de reconhecimento, mediada por instituições e por narrativas de imprensa.

A matriz de nosso povo é mestiça, tanto biológica como culturalmente. Formou-se na confluência de matrizes diversas - indígenas, europeias e africanas - que, ao se entrelaçarem, geraram algo novo, original, um modo próprio de ser e de viver. Esse processo não se esgota na fusão das heranças, mas prossegue como criação continuada, como reinvenção incessante de identidades e culturas, sempre abertas ao novo e à mudança. (Ribeiro, 1995, p. 119).

A elaboração da memória coletiva em torno de Fritz Plaumann e de Nova Teutônia pode ser compreendida também a partir das reflexões de Lori Altmann (2007), que analisou o modo como comunidades locais constroem identidades e lembranças em contextos de conflito e disputas territoriais. Em sua pesquisa, a autora evidencia que “a memória e a identidade destas

famílias se constituem de lembranças e esquecimentos, de omissões e de silêncios” (Altmann, 2007, p. 14), destacando que os processos de recordação coletiva envolvem, simultaneamente, seleção e exclusão de experiências. Essa perspectiva é pertinente para compreender como a figura de Plaumann foi incorporada a uma narrativa de coesão social e progresso, enquanto tensões relacionadas à presença indígena, à colonização e às disputas fundiárias permaneceram à margem da memória pública.

Em Nova Teutônia, a memória que associa Plaumann à imagem de pioneirismo científico e dedicação ao trabalho opera como um elemento de estabilidade simbólica. Ao ser integrado às políticas culturais e educacionais do município, o entomólogo passa a representar uma espécie de síntese entre ciência, identidade e pertencimento. Entretanto, tal representação omite ou suaviza aspectos conflituosos da história regional, sobretudo aqueles ligados ao contato entre colonos e populações indígenas, que marcaram a constituição territorial do Oeste catarinense ao longo do século XX. Nesse sentido, a observação de Altmann (2007) sobre a coexistência entre lembrança e esquecimento adquire relevância: a memória de Plaumann, amplamente difundida por meio do museu, das escolas e da imprensa, consolida uma narrativa que reforça a continuidade e o consenso, em detrimento de outras vozes e experiências sociais.

Essa forma de construção identitária também pode ser interpretada a partir das discussões apresentadas por Radin, Corazza e Zarth (2015), que analisam a formação histórica da Fronteira Sul e suas múltiplas camadas de significação. Para os autores, a região constitui “um espaço de historicidade complexa, no qual identidades e territorialidades foram continuamente produzidas por diferentes grupos sociais” (Radin; Corazza; Zarth, 2015, p. 11). A ideia de fronteira, nesse contexto, envolve disputas simbólicas e políticas em torno da posse e do significado do território. Aplicada ao caso de Nova Teutônia, essa concepção permite compreender a memória sobre Plaumann como parte de um processo de ordenamento simbólico do espaço, um esforço de fixar referências positivas e estáveis em um território historicamente marcado por instabilidade e conflito.

A presença de Plaumann nas narrativas locais cumpre, portanto, uma função de mediação entre o passado da colonização e o presente da institucionalização cultural. A sua imagem pública, construída a partir do reconhecimento científico e da criação do Museu Entomológico, oferece um ponto de convergência para a memória coletiva, funcionando como símbolo de identidade regional e de pertencimento ao território. Contudo, essa memória é seletiva, sendo que ao privilegiar a trajetória de um indivíduo associado ao trabalho, à ciência e à dedicação, marginaliza experiências que evidenciam as contradições sociais e étnicas do

processo de ocupação. Tais representações devem ser compreendidas como construções sociais, produzidas em meio a disputas simbólicas por legitimidade e visibilidade.

Dessa forma, a memória coletiva sobre Fritz Plaumann e o papel atribuído a ele pela comunidade de Nova Teutônia mostram tanto o reconhecimento de sua contribuição científica, como expressam as formas pelas quais a sociedade local organiza e hierarquiza suas narrativas sobre o passado. Ao mesmo tempo em que funciona como elemento de coesão, a representação de Plaumann também mostra um processo seletivo e intencional que define o que deve ser lembrado e o que deve permanecer silenciado. Esse fenômeno confirma o argumento de que a identidade regional, além de possuir uma herança cultural estável, constitui um campo de disputas em constante reconstrução, articulando memórias, símbolos e exclusões dentro da trajetória histórica do território.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Fritz Plaumann e sua atuação em Nova Teutônia mostram como a ciência pode emergir e florescer em territórios considerados periféricos e improváveis. Este trabalho demonstrou que, ao longo de sete décadas (1924–1994), Plaumann construiu uma relação complexa com o espaço, com as comunidades locais e com o conhecimento científico, tornando-se um mediador entre diferentes mundos, sendo o da colônia agrícola, o da natureza exuberante do Alto Uruguai e o das redes internacionais da entomologia. A partir da análise de correspondências, registros pessoais e fontes históricas, foi possível compreender que sua produção científica não se dissocia de um contexto social e cultural específico, marcado por desafios, isolamento e também por uma admirável capacidade de adaptação e criação.

Em uma época em que o Brasil ainda consolidava suas instituições científicas, Nova Teutônia, uma localidade isolada no interior catarinense, abrigava um dos mais significativos acervos entomológicos da América Latina. Paradoxalmente, enquanto Nova York, símbolo da modernidade e da globalização, ainda se firmava como centro científico, esta pequena localidade, formada por pequenos agricultores, do oeste catarinense tornava-se uma “capital da entomologia tropical”. Essa inversão simbólica, um centro mundial transformado em periferia científica, e uma colônia agrícola convertida em núcleo de produção de saber, constitui um dos principais argumentos desta dissertação. Ela nos convida a repensar o que significa “centro” e “periferia” quando o assunto é ciência, memória e cultura.

Ao longo do percurso, ficou evidente que a figura de Plaumann foi interpretada de diferentes formas pela comunidade de Nova Teutônia e por instituições externas. Para uns, ele representa o símbolo da dedicação e do progresso, para outros, é também um espelho das contradições sociais e étnicas do processo de colonização. Entretanto, o fato inegável é que sua obra e seu legado científico construíram um ponto de convergência entre o local e o global, entre a tradição e a modernidade. Essa dualidade contribui para compreender Nova Teutônia como um espaço em que a memória e a identidade regional se constroem continuamente, articulando lembranças, silêncios e disputas simbólicas.

A pesquisa também evidenciou que o Museu Entomológico Fritz Plaumann, criado em 1988, constitui hoje um dos maiores símbolos da história cultural e científica da região. Mais do que um repositório de coleções, o Museu é uma instituição viva, que traduz o diálogo entre ciência, educação e comunidade. Sua existência é, em si, um testemunho da capacidade humana de transformar o conhecimento em patrimônio. Todavia, os desafios contemporâneos exigem

que o Museu ultrapasse a função de espaço de memória e se consolide como centro de referência para o turismo científico e para a pesquisa interdisciplinar.

Nesse sentido, propõe-se que o futuro de Nova Teutônia e do Museu Entomológico seja pensado de forma propositiva. A região tem potencial para se transformar em um polo de turismo científico e cultural no Sul do Brasil, explorando de modo sustentável o patrimônio natural e histórico que possui. As coleções, relatos da colonização, correspondências e a própria casa onde viveu Plaumann podem compor um circuito de visitação capaz de atrair pesquisadores, estudantes e turistas interessados na história da ciência e na biodiversidade do Alto Uruguai catarinense. Esse projeto de valorização exige investimentos em infraestrutura, sinalização e mediação cultural, mas sobretudo requer um olhar político e acadêmico comprometido com a integração entre universidade, escola e comunidade e o poder público.

As universidades públicas e privadas da região, especialmente a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), devem ter um papel importante nesse processo. A consolidação de parcerias entre o Museu e as instituições de ensino superior pode resultar em programas de extensão, pesquisa aplicada, formação de guias científicos, estágios em curadoria e educação ambiental, além da criação de um centro de estudos interdisciplinares em história e ciência. Essa aproximação entre academia e território seria também um tributo à vida e à obra de Plaumann, que sempre defendeu a ciência como expressão de curiosidade e perseverança, e não como privilégio de poucos.

O estudo de Plaumann e de Nova Teutônia mostra, portanto, que a fronteira sul não é um espaço simbólico de encontros e transformações. Foi nessa fronteira, entre culturas, idiomas e saberes, que se criou uma experiência de produção científica e de convivência intercultural. A partir desse caso, compreende-se que a ciência brasileira não se construiu apenas nos grandes centros urbanos, mas nas margens, nos sertões e nas pequenas comunidades capazes de reinventar o saber com poucos recursos e muita criatividade.

Conclui-se, assim, que Fritz Plaumann é parte constitutiva da história social e cultural de Santa Catarina. Sua vida demonstra que o conhecimento é um ato de resistência e de imaginação. A dissertação procurou cumprir o objetivo de revelar a complexidade dessa trajetória, demonstrando que ciência, cultura e território se entrelaçam na construção das identidades locais. Nova Teutônia, antes vista como um ponto periférico no mapa, deve ser reconhecida como um centro de conhecimento e memória, capaz de inspirar novas formas de pensar a relação entre o homem, a natureza e o saber.

O futuro da localidade e do Museu Entomológico depende, portanto, da continuidade desse diálogo entre passado e presente. Valorizar o legado de Plaumann não significa somente

preservar suas coleções, mas atualizar a sua visão, aquela que acreditava na ciência feita com simplicidade, rigor e amor à natureza. Assim, ao encerrar esta pesquisa, reafirma-se a convicção de que Nova Teutônia é um exemplo de como a periferia pode se tornar centro, um lugar em que o conhecimento brota do encontro entre memória, território e humanidade.

6 REFERÊNCIAS

6.1 BIBLIOGRAFIAS

ALTMANN, Lori. **Memória, identidade e um espaço de conflito**: a comunidade de Nova Teutônia no contexto de disputa por terra com a comunidade Kaingang da Área Indígena Toldo Pinhal. 2007. 323 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2007.

ALVES, Daniela Alves de. **Sociedade e política na rede sociotécnica**. Revista de Ciências Humanas, v. 15, n. 1, p. 120–132, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3488>. Acesso em: 05 jul. 2025.

AMADOR, M. C. P. ; ZOTTI, S. A. . **História da educação escolar de Concórdia - SC**: desenvolvimento socioeconômico e migração italiana. In: VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil", 2006, Campinas. 20 anos do HISTEDBR: navegando pela história da educação brasileira. Campinas: Gráfica FE; HISTEDBR. v. 7. p. 184-185.

BRANDT, Marlon; NODARI, Eunice Sueli. Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória. **História Unisinos**. São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 80-90, 2011.

CASAZZA, Ingrid Fonseca. Resenha de **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX, de Maria Margaret Lopes. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 605-606, mar. 2012.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **História Indígena no Brasil**: historiografia, crítica decolonial e perspectivas contemporâneas. 2019. Relatório (Estágio de Pós-Doutorado) — Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em História, Maringá, 2019.

DORIGON, Clóvis; RENK, Arlene. **Os sítios simbólicos de pertencimento dos colonos e dos caboclos do oeste de Santa Catarina**. Revista Grifos, vol. 27, n. 45, 2018. Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=572960989007>

DREHER, Martin Noberto. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo/Caxias do Sul: Sinodal/Universidade de Caxias do Sul, 1984.

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira. 1. ed. digital. São Paulo: Global Editora, 2013.

FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público**: ensino público e política de assimilação cultural no estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

FRATTINI, Marilize Radin; RADIN, José Carlos. Disputas Judiciais, posse da terra e migração à Cruzeiro-SC. In: RADIN, José Carlos; GRITTI, Isabel Rosa (org.). **Eternos migrantes**: em busca da terra prometida. 1. ed. Passo Fundo: Acervus Editora, 2022. v. 1.

FROTSCHER, Méri. **Identidades Móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)**. Blumenau: Edifurb, 2007. 240 p.

FURLAN, Sueli Ângelo. **Florestas Culturais: Manejo Sociocultural, Territorialidades e Sustentabilidade**. AGRÁRIA, São Paulo, nº3, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 64 p.

HEINSFELD, Adelar. **A questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no Baixo Vale do Rio do Peixe-SC**. [S. l.]: CRV, 1996.

HEINSFELD, Adelar. **A questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no Baixo Vale do Rio do Peixe-SC**. [S. l.]: CRV, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)**. Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina C. Cavalcante. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 316 p.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KLUG, João. **Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis (1868-1938)**. 1991. 214 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75799>. Acesso em: 25 nov. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, K. T. de. **Cartas, História e Linguagem**. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 210–125, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28851>. Acesso em: 21 abr. 2024.

LINO, Jaisson Teixeira; BRIGUENTI, Clovis Antonio e WIIK, Flavio (org.). **História Indígena no sul do Brasil, Século XX**. Narivarí: Editora Aranduká, 2022. Disponível em <https://aranduka.com.br/wp-content/uploads/2022/05/Histo%CC%81ria-indi%CC%81gena-no-Sul-do-Brasil-se%CC%81culo-XX-Novos-estudos-nos-campos-de-saberes-decoloniais.pdf>

LINO, Jaisson Teixeira. O povoamento indígena no Sul do Brasil: as contribuições da arqueologia e da história. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo Afonso (orgs.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Editora da UFFS, 2016.

Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/editora-uffs/historia-da-fronteira-sul>.

LUBENOW, Aline Maisa. Enverdando pelas matas do Sertão Catarinense: A coleção entomológica Fritz Plaumann. **Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/18969>. Acesso em: 21 mar. 2024.

MARQUETTI, Dêlcio; SILVA, Juraci Brandalize Lopes da. Cultura cabocla nas fronteiras do sul. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo Afonso (orgs.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Editora da UFFS, 2016. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/editora-uffs/historia-da-fronteira-sul>.

MYSKIW, Antonio Marcos. Uma breve história da formação da fronteira no Sul do Brasil. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo Afonso. **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Editora UFFS, 2016. cap. 3, p. 67. Disponível em: https://www.uffs.edu.br/uffs/conteudo/editora/4061-Historia_da_Fronteira_Sul.pdf. Acesso em: 14 maio 2025.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República**: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto, 2018.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: Edufsc, 2009.

ONGHERO, André Luiz. **Colonização e constituição do espaço rural no oeste de Santa Catarina**. XXVII Simpósio Nacional de História – Natal, julho de 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364480403_ARQUIVO_AndreLuizOngheroartigoANPUH2013.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.

PLAUMANN, Fritz. **A Origem da Vida**: concepções completamente novas sobre a origem da vida e do ser humano. 1. ed. Florianópolis: Rotermund, 2022.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. In: CEOM. **Para uma história do Oeste Catarinense**: 10 anos de CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995.

RADIN, José Carlos; CORAZZA, Gentil. **Dicionário histórico-social do Oeste catarinense**. Chapecó: Editora UFFS, 2018. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/rxw94>. Acesso em: 29 mar. 2023.

RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo Afonso. (Org.). **História da Fronteira Sul**. Chapecó, SC: Ed. UFFS, 2016.

RENK, Arlene. **A reprodução social camponesa e suas representações**: o caso de Palmitos-SC. 1997. Tese (Doutorado em Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios**: Os Urubus-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHUH, Marcos Batista. **Fios entre memórias: municípios abrangidos pela linha de transmissão de energia elétrica Campos Novos/Santa Marta**. Santa Maria: LEPA, 2005.

SPESSATTO, Mary Bortolanza. **O Diário de Fritz Plaumann**. Chapecó: Argos, 2001.

TEDESCO, João Carlos. **Imigração no Sul do Brasil: transnacionalismos, sociabilidades e desenvolvimento econômico**. Passo Fundo: Acervus Editora, 2022.

THOMÉ, Nilson. **Sangue suor e lágrimas no chão do Contestado**. Caçador: Incon Edições, 1992.

VICENZI, Renilda. **Mito e História na Colonização do Oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2008.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

6.2 FONTES

ATA DE REUNIÃO - IGREJA EVANGÉLICA DE NOVA TEUTÔNIA, 1942, Nova Teutônia. **Protocollo!** 1942. p. 3-4.

ATA DE REUNIÃO - IGREJA EVANGÉLICA DE NOVA TEUTÔNIA, 1942, Nova Teutônia. **Votação** 1942. p. 5.

ATA DE REUNIÃO - IGREJA EVANGÉLICA DE NOVA TEUTÔNIA, 1942, Nova Teutônia. **Demissão** 1942. p. 9.

BRASIL. Decreto-lei nº 1.545, de 25 de agosto de 1939. Dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros. **Legislação**, Rio de Janeiro, 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1545-25-agosto-1939-411654-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BRASIL. Decreto-lei nº 4.166, de 11 de março de 1942. Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil. **Legislação**, Rio de Janeiro, 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 jul. 2024.

CARTA enviada a Fritz Plaumann. Concórdia (SC), 12 out. 1982. 2 f. Datilografada. Acervo pessoal de Fritz Plaumann, Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara (SC).

CARLOS, Luiz. [Carta a Fritz Plaumann]. São José do Rio Preto, 26 set. 1991. 1 f. Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara – SC.

CORREIO RIOGRANDENSE. **Em Seara, uma das maiores coleções de insetos.** Caxias do Sul, 22 fev. 1984, p. 23.

DIÁRIO CATARINENSE. **Museu Fritz Plaumann, uma vida de pesquisa.** Florianópolis: Diário Catarinense, 1987. Caderno “Oeste DC Especial”, s/p.

LINCKS, Klara. Carta enviada ao esposo, Fritz Plaumann. Vancouver, 8 nov. 1982. Documento manuscrito. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara (SC). Tradução do alemão realizada pelo autor.

PLAUMANN, Fritz. Carta enviada a Frederic Christian Thompson. Nova Teutônia, 7 jan. 1975. 1 p. Documento datilografado. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara (SC). Tradução realizada pelo autor.

PLAUMANN, Fritz. Carta a Jesus Moure. Seara/SC, 5 abr. 1978. 1 p. Documento datilografado. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann.

PLAUMANN, Fritz. Carta a Luiz Carlos. Seara, 15/11/1991. 1 p. Documento datilografado. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann.

PLAUMANN, Fritz. Carta à Srta. Martinez Tagliari. Seara/SC, 18 dez. 1988. 1 p. Documento datilografado. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann.

PLAUMANN, Fritz. Carta enviada à esposa, Klara Lincks. Seara, 12 dez. 1971. Documento manuscrito. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara (SC). Tradução do alemão realizada pelo autor.

PLAUMANN, Fritz. Carta enviada à esposa, Klara Lincks. Seara, 20 mar. 1982. Documento manuscrito. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara (SC). Tradução do alemão realizada pelo autor.

PLAUMANN, Fritz. Carta enviada à esposa, Klara Lincks. Seara, 14 jul. 1990. Documento manuscrito. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara (SC). Tradução do alemão realizada pelo autor.

PLAUMANN, Fritz. Carta enviada à Dra. Lioba Stöder. Seara, 29 set. 1990. Documento manuscrito. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara (SC). Tradução do alemão realizada pelo autor.

SEARA (SC). **Lei nº 381, de 1º de dezembro de 1982.** Dispõe sobre aquisição de uma coleção entomológica e dá outras providências. Seara: Prefeitura Municipal, 1982.

SEARA (SC). **Lei nº 452, de 3 de setembro de 1984.** Cria o Museu Entomológico “Fritz Plaumann” e dá outras providências. Seara: Prefeitura Municipal, 1984.

SEARA (SC). **Lei nº 1.451, de 6 de março de 2007.** Altera o art. 1º da Lei nº 46/1971, cria novo símbolo do Município, e dá outras providências. Seara: Prefeitura Municipal, 2007.

SPESSATTO, Mary Bortolanza. **O Diário de Fritz Plaumann.** Chapecó: Argos, 2001.

THOMPSON, Frederic Christian. Carta enviada a Fritz Plaumann. Nova York, 29 set. 1972. 1 p. Documento datilografado. Acervo do Museu Entomológico Fritz Plaumann, Seara (SC). Tradução realizada pelo autor.

ZERO (SC). **Reportagem sobre Fritz Plaumann e o Museu Entomológico Fritz Plaumann.** Florianópolis, 1994. Recorte de jornal (imagem digital).

7 ANEXOS

ANEXO A - ATA DE REUNIÃO - IGREJA EVANGÉLICA DE NOVA TEUTÔNIA - 1942

3

Nova Teutônia, em 2 de Abril de 1942

Protocollo!

Pelo sr. Guilherme Bolm, no foi apresentada uma carta da Prefeitura de Concordia dirigida a elle, e, para mais clareza, segue copia da ref. carta:

" Com o presente apresento a V. S. a professora Sra dos Santos Siqueira que foi nomeada professora estadual da escola recentemente criada nessa localidade, peço dispensar-lhe toda consideração que possa merecer, providenciando na immediata entrega do prédio para a escola, como em casa de moradia para os mesmos.

Certo de procurareis facilitar tudo quanto preciso fôr a instalação dessa escola subscrevo-me atenciosamente.

(ass.) João Estivallet Tires, Secretario."

A referida carta datou do 25 de Março deste anno.

Em uma audiência a professora e o seu marido dizem que muitas reclamações e requerimentos foram feitos do povo dessa localidade a fim que seja nominado um professor, e, que a autoridade elles informava que aqui tudo estava pronto para entregar, sendo prédio para escola e casa de moradia para elles.

Nestas circumstancias a Directoria desta comunidade evangelica resolveu o seguinte:

Baseando-se em uma resolução duma reunião dos membros desta comunidade ha poucos annos, e, visto que a povoação desta localidade nem possuiu prédio para a escola nem terras proprias nem casa de moradia, a directoria não fará difficuldade nenhuma em vista que a capella desta comunidade evangelica, que no tempo passado, por longos annos, tambem serviu como escola, pode ser usada como Escola estadual, salvo resolução

ANEXO B - ATA DE REUNIÃO - IGREJA EVANGÉLICA DE NOVA TEUTÔNIA - 1942

contraria da Synode Riograndense — neste caso a autoridade terá que tratar exclusivamente com ella —, a quem pertence toda a terra escripturada e, neste caso, também todas as benfeitorias feitas nellos. Sendo que, provavelmente, a Synode Riograndense não negará a licença, achamos que a aula já pode funcionar immediatamente. Terá em um dia em que a capella tem que nos servir como igreja, ella deve estar a disposição desta comunidade.

Em relação à casa de moradia reofferece alguma confusão, visto que ella está occupada pelo sr. Otto Rickwardt, antigo professor daqui, e, conf. combinações entre elle e a comunidade, elle tem direito a um prazo de revogação de seis meses; fora disto, será quasi impossivel ao morador, que é casado e tem cinco filhos, abandonar a casa immediatamente, sem que ter prejuizo consideravel, visto que elle tem plantações e criação.

Notio este, e que, como nos parece, talvez podiam-se obter informações incertas à autoridade municipal, resolvemos pedir ao nosso commissario policial, sr. Oscar Dreher, como unica autoridade local, mandar um officio à prefeitura, explicando o assumpto e pedir que elle mande instruções, visto que a Directoria desta comunidade não se acha competente de resolve-lo.

Fritz Haunnam. Secretario
Fritz Wehler
Hermann Ordig
Albino Klein
Harlos Watermann
Otto Rickwardt
Wilhelm Feyer.

Para conhecimento do interino policial
Oreadler

ANEXO C - ATA DE REUNIÃO - IGREJA EVANGÉLICA DE NOVA TEUTÔNIA - 1942

5

Nova Teutônia em 16 de Abril de 1942

Visto que o sr. Otto Rickwardt tem que desocupar a casa onde reside e entregar a quanto antes a sra. professora estadual (conf. copia da carta da Prefeitura na folha #), a diretoria resolveu o seguinte:

"O nosso prédio, denominado, "Tabakochuppen" será concedido ao nosso membro sr. Otto Rickwardt como casa de moradia provisória.

Assim que saber com certeza a opinião desta comunidade faremos uma votação entre todos os nossos membros se este prédio pode servir ao sr. Rickwardt por longo tempo (anos) como casa de moradia, ou se este deve ser vendido conf. uma oferta recebida nas últimas semanas."

Fritz Naumann. Secretário.

Karl Wintermann

Wilhelm Feyer.

Otto Rickwardt.

Julius Klein

Fritz Wehewinkel

ANEXO D - ATA DE REUNIÃO - IGREJA EVANGÉLICA DE NOVA TEUTÔNIA - 1942

Nova Teutônia, em 25 de Abril de 1942

Notas de circunstâncias actuaes que, de minha opinião, exigem uma modificação na Directoria desta Comunidade evangelica, declaro pela presente a minha immediata demissão do cargo de Secretario desta comunidade.

É, para evitar que a Directoria fique incompleta por longo tempo, no meio pela presente e em accordo com o Artigo 13 do regulamento interno desta comunidade o sr. Oscar Dreher como Secretario interino.

John Naumann.

Assumei o cargo de Secretario interino da comunidade evangelica de Nova Teutônia no dia 25 de Abril - 1942.

Oscar Dreher

Secretario

ANEXO E - CORRESPONDÊNCIA DE FRITZ PLAUMANN A MARIZEZ TAGLIERI - 1988

= selo

18 de dezembro de 1988

Srta. Marizez Taglieri

99.700 Erechim RS
Rua Espírito Santos, 69

Ontem recebi a vossa carta de 12 desse mês e, apesar sendo superlotado de outros serviços, passo a responder.

Nasci em 02.05.1902 em Preussisch Eylau, na Prussia Oriental da Alemanha, sou filho único.

Em março de 1919 mudamos para Königsberg-rural, do qual em outubro de 1924 começava a nossa emigração para o Brasil, rumo a Nova Teutônia; fomos uns dos primeiros emigrantes dessa região, vindo diretamente da Alemanha.

Aquisitamos um lote colonial na costa do rio Irany para onde mudamos em 17.II.1924. Já no mês de Janeiro de 1925 começava a fazer as anotações completas da meteorologia.

Depois do falecimento do meu pai mudamos a Sede de Nova Teutônia em março de 1928, até então fiz observações biológicas que serviram de base para a formação da nova Coleção Entomológica.

Sou autodidata em Entomologia e outras ciências e bem assim em linguas etc.

Entrei em contato com Universidades da Alemanha e outras, já de 1934 recebi do exterior elógios sobre as minhas pesquisas e depois também do interior.

Por exemplo, entre outras Homenagens:

1983 = "HONRA AO MERITO" do Centro de Proteção ao Meio Ambiente do Alto Uruguai SC

1982 = "HOMENAGEM DO ELETROSUL", um album com 73 fotos coloridas

1984 = Título, Album + Medalha "CIDADÃO SEARENSE"

1984 = Dignidade, Documento + Medalha "MÉRITO UNIVERSITÁRIO"

1984 = Documento e Medalha "MÉRITO CINQUENTENÁRIO - Condôa"

1985 = Do Governador de Santa Catarina: Medalha + Documento "MÉRITO ANITA GARIBALDI"

1988 = Inauguração MUSEU ENTOMOLÓGICO FRITZ PLAUMANN

O lançamento do meu livro teve lugar em 1949: Die Entstehung des Lebens

(A origem da vida)

A Coleção entomológica contém (aproximadamente) 16.000 espécies abrangendo ca 70.000 exemplares. Trabalho ainda na ampliação.

Atenciosamente,

F. Plumann

ANEXO F – CORRESPONDÊNCIA DE FREDERIC CHRISTIAN THOMPSON A FRITZ PLAUMANN – 1972

THE AMERICAN MUSEUM OF NATURAL HISTORY
CENTRAL PARK WEST AT 79TH STREET, NEW YORK, NEW YORK 10024

Fritz Plaumann
Nova Teutonia
Santa Catarina
Brazil

29 September 1972

*9 OUT 1972

Dear Mister Plaumann,

I am sorry to have taken so long to answer your letter of 19 January. However, I have changed hobs in between then and now and also I had wanted to finish the determination of your numbered material first.

I have enclosed a list of determination. Somehow I have missed placed 17 & 18 but otherwise I have included determinations for all the other specimens at least to generic level. The nomenclature of the list may confuse you somewhat since it is quite different from that used by Curran, Fluke and Hull. This is the nomenclature that Dick Vockeroth and I will use in our forthcoming catalog to the Neotropical Syrphidae. The major changes are: Ocyptamus for Baccha; Palpada for Eristalis, Toxomerus for Mesograpta (Mesogramma), Copestylum for Volucella, etc.

Sometime in the future I want to do a monograph of the Syrphidae of Nova Teutonia. The main reason for wanting to do this is simply because there is probably no place on earth (except possibly somewhere in England) better collected for syrphid flies than Nova Teutonia and there is no place known with greater diversity of syrphid flies than Nova Teutonia. To help me with planning this project, I would greatly appreciate it if you could let me know all the persons to whom you have sold syrphid flies to in the past. I know that you have sold some material to Curran and Fluke (1930s), Hull (1940s?), Frey (Helsinki-1940?), Canadians-(Ottawa-1960-70s), Brazilians-(Sao Paulo-1960s?), van der Goot (Holland 1969-71) and me. What amazes me is the great differences between these various lots of material. I am now at the American Museum, where most of the material you collected for Curran and Fluke is; I have frequently been to Canada and know quite well the material you collected for them; and I have my own material. Naturally there are many species common to all these collections, but there are also many species collected in the 1930s but are absent from later collections and on the other hand I have found some very distinctive species in the more recent collections that were undoubtedly absent from early collections. Obviously the species collected in the past but not in the present may have die out because, as you say, of the cutting down of the forest and the appearance of new species is due to you collecting in new areas. But regards of these reasons, the fact remains that there is much diversity in your material and thus to do a revision of the Nova Teutonia syrphids I need to see as much of your material as possible. Therefore it would be a great help to know the various people or collections who have brought syrphid flies or just flies from your in the past.

Also, because of this diversity and the continued appearance of new things in your material, I hope to receive much more material from you this year. I am particularly interested in seeing more of #53. This is a new genus and species, of which I have only seen two other specimens, both females collected by you for the Canadian National Collection. At the present, only the female sex is known and we (Dick Vockeroth & me) are waiting for the male of it. A new genus et species combination may not sound to unusual to you, but considering that both Dick and I are very conservative in regards generic limits and the nature of the Neotropical syrphid fauna (low generic diversity, due to the recent northern origin of the family and the Tertiary isolation of South America), this is really a very spectacular find.

Sincerely yours,
F. Christian Thompson
Department of Entomology

ANEXO G: CORRESPONDÊNCIA ENVIADA A FRITZ PLAUMANN SOBRE DÚVIDAS QUANTO À VENDA DA COLEÇÃO - 1982.

 CONCESSIONÁRIO	Caixa Postal, 34 - CONCÓRDIA (SC) CGC. 83.568.899/0001-70 Inscr. Estadual 250107694	 CONCÓRDIA (SC) CGC. 83.568.899/0002-51 Inscr. Estadual 250565048
---	---	--

Concórdia(SC), 12 de outubro de 1982

20 OUT 1982

Caro Amigo Fritz Plaumann

Após um longo hiato, hoje volto a escrever uma carta. Por aqui estamos ainda todos bem, esperando o mesmo de lá.

Estive falando inúmeras vezes com o pessoal de Curitiba, principalmente com o Prof. Albino, já que o Pe.Moure estava e continua viajando muito. De sorte que de lá não obtive resultado prático algum.

Tenho recebido regularmente suas cartas e, confesso, embora me alegrem muito, fico aborrecido porque estou notando a sua grande preocupação quanto ao futuro, sem poder ajudá-lo, como gostaria de fazê-lo.

Ao final de tudo, parece que de parte do CNPq não devemos mais ter ilusões. Com eles não há pressa. Dependem de dinheiro do Governo e este com certeza tem muito pouco. Há muitos projetos prioritários, obras de premente necessidade e até indispensáveis, que estão paradas por falta de recursos.

Parece-me, pois, que nos sobram duas alternativas: iniciar gestões com outras Universidades ou estudar a proposta da Prefeitura de Seara. A grande preocupação pessoal que tenho, é que tenho dúvidas se em Seara eles terão condições de manter a coleção em bom estado, correndo o perigo de que, daqui alguns anos, com a mudança de governantes, venha a se perder o que se levou uma vida para conseguir e, pior do que isso, sem condições de refazer. Daí a razão da minha preocupação. Talvez seja melhor que ela (a coleção) esteja longe, porém em condições seguras e fora do alcance do bom ou mau humor, ou da boa ou da má vontade de políticos, muitos deles e muitas vezes de intenções duvidosas.

Mas o tempo passa e sei que o Sr. quer ver a situação definida o quanto antes. Segundo eu entendo, o seu compromisso com Pe. Moure está extinto. Poderíamos, se o Sr. quizesse, contactar com a Universidade de São Paulo, cujo Diretor é seu conhecido. Sem um compromisso final de negócio, inicialmente seriam aus-

- continua no verso -

ANEXO H: REPORTAGEM DO JORNAL ZERO - SC SOBRE A COLEÇÃO DE FRITZ PLAUMANN - 1994.

Os 81 mil insetos do Dr. Fritz

Pesquisador levou 70 anos para reunir um dos maiores acervos do mundo

Quando se chega em Seara e pergunta-se onde fica o Museu Fritz Plaumann, todos os 18 mil habitantes do município sabem responder: "Você pega aquela estrada ali na frente, e vai até ver uma placa 'Museu Fritz Plaumann', aí pega a esquerda na estrada de chão e vai em frente...". Na verdade são 7 km pela rodovia que liga Seara a Chapecó, e mais 10 km por uma estrada de terra, que tem pontos onde só passa um carro por vez. Depois de 30 minutos você está em Nova Teutônia, distrito de Seara,

onde mora o entomólogo Fritz Plaumann.

O museu, um casarão cor-de-rosa de três andares, inaugurado em 88, fica no topo de uma elevação rodeada de grama e flores, e abriga aproximadamente 81 mil insetos, de 17 mil espécies diferentes. São borboletas, gafanhotos, e até morcegos. Do total, 1.600 são os próprios Fritz Plaumann quem descobriu, e 120 receberam o nome dele.

A casa onde o entomólogo mora fica em frente ao museu, e guarda coisas que demonstram sua extrema organização. Lá, além das centenas de páginas de sua autobiografia, estão várias pastas com recortes de jornais e outros documentos acumulados durante toda a vida. Mas o que mais chama a atenção são alguns cadernos onde Fritz registra, desde 1925, a quantidade de chuva, a temperatura, os ventos, ou se o dia estava nublado, se fez de luz, e a quilômetros de distância dele com o seu Jap. Tudo muito bem cuidado pela filha adotiva que hoje continua esse trabalho.

Gisela Plaumann sempre acompanhou o pai em tudo, foram os dois que construíram os corredores, os jardins e os portões da casa. Mas hoje ela lamenta que o trabalho começado pelo pai esteja parado. Segura ela, "a funcionária do museu sabe classificar mas não tem estado, isso é um dom de Deus".

Para reunir todos os insetos, o entomólogo trabalhou a vida inteira. Começou a coleção por hobby aos oito anos, quando ainda morava na Prússia Oriental, Alemanha. Aos 22 anos veio com os pais para o Brasil, e teve que abandonar o trabalho que já tinha começado. Mas chegando aqui, há 70 anos, logo retomou a coleção que hoje é uma das maiores do mundo.

Noventa por cento dos insetos foram coletados no regime do Alto Uruguai, mas alguns eram trazidos do Mato Grosso e do Rio de Janeiro, onde costumava ir com seu vaminhão. Nessas excursões Fritz conseguia reunir insetos ra-

ros, como uma borboleta hermafrodita, que tem uma asa com a cor do macho e outra com a cor da fêmea. Hoje esta borboleta está com o casamento que a identificou. "O pai não pode fazer a identificação pois é autodidata". Para identificar os insetos, Fritz mantinha correspondência com cientistas de 12 países em cinco idiomas diferentes. Os insetos tinham que ser embalados e remetidos para a classificação. O transporte por navio demorava dias.

A coleta era feita com coletores tipo guarda-chuva, ou fitas onde ele penetrava as folhas áreas de insetos. Alguns eram atraídos pela luz, ou perseguidos com redes. Para conservá-los, o entomólogo usava éter, cianeto, injções de amoníaco e álcool. Hoje os insetos estão em salas com desumidificadores que garantem a conservação.

O museu recebe a visita de pessoas de vários pontos do país. E com isso chegaram órfãos lotados de estudantes do interior do estado. Às vezes aparecem pessoas da França, Alemanha, Suíça e Japão. No ano passado visitaram o museu mais de 6 mil pessoas.

Josemar Sehnem

Paixão por insetos começou aos 8 anos



Nem Trud's é para sempre

O bar que faz parte do patrimônio de Itajaí já foi ponto de prostitutas

O gato Tico observa a cena detido sobre a lanterna de rua. O bar está praticamente vazio, dois estrangeiros conversam em inglês ao pé do balcão. As duas portas de madeira se abrem para a avenida Vidal Ramos. Dali pode-se avistar o Itajaí-Açu, por onde passam os barcos de pesca e os navios que vêm ao porto de Itajaí.

No lado de fora, flores e candelários iluminam as janelas. O casarão foi construído no início do século pela família Aseburg e sediou as celebrações do Uruguai e da Alemanha no Vale do Itajaí. Em 1991 foi tombado pelo Fundação Catarinense de Cultura. Na placa luminosa está escrito "Trud's Bar". É Valtrudes Hansen, uma senhora de 65 anos de idade, quem se apresenta da mesa: "Você tem que me perguntar, só assim dá para lembrar das coisas".

Lembra o que passou por aquele balcão em 32 anos não é tarefa fácil. Esta blumenauense, que em 1962 chegou a Itajaí com o marido e um filho de onze anos, conheceu uma cidade diferente. As ruas não eram calçadas e os trilhos do cam do porto passavam do ponto que ela comprou para montar seu bar.

Naquela época, os compradores de peixe chegavam a madrugada a esperar a chegada dos barcos. Café, sanduíches e um toque eram necessários para aguentar a vigília.

Basta olhar as paredes para saber quem mais agenciava o bar. São 35 bandeiras de países e empresas de

navegação. Ela não lembra qual foi a primeira, mas a coleção autônoma quando os marinheiros olham as paredes: "A nossa não está aqui". Mas uma bandeira ganha espaço, com assinatura e dedicatória da tripulação à Trud e seu bar. Ela conta que os filhos e netos das pessoas que vinham ao bar também são frequentadores. "É muita amizade que fica, principalmente com os gringos". Eles são os marítimos estrangeiros que vão ao bar, na sua maioria alemães, noruegueses e ingleses. Dos seus amigos que vêm do mar, Trud fala orgulhosa. Em 1974 e dois anos mais tarde chamou a polícia, "os esquemas me respeitaram, briga é da porta para fora".

As lembranças que são desoladas ali variam: bandeiras, latitudes de corveia, boias salva-vidas. Estas últimas têm seu lugar de destaque. Uma delas - da Marinha do Guerra Brasileira - foi doada ao Museu do Mar de São Francisco do Sul. Uma bandeira de Portugal é emprestada todos os anos para a Marejada - Festa Portuguesa e do Pescado - que ocorre há oito anos e celebra a colonização e os costumes da região.

Na parte interna do bar existe uma pista de dança. A discoteca reúne 233 títulos, entre os nacionais estão os de Nelson Gonçalves, Eliezer Cardoso, Roberto Carlos e LP's de sambas-enredo, pagodes, músicas sertanejas, gauchadas e seleções rockísticas. Há também Roberto Lind, Tris Lopez, baladas italianas, cantores espanhóis e bandoleros da



Valtrudes tem medo de ficar doente da solidão

Baviera. Com sua acentuação alemã e os cabelos brancos, Trud prefere os ritmos germânicos.

É que o prédio é um patrimônio histórico tombado, basta saber se ela mudaria alguma coisa na possível decoração interna: "tem pensar em tirar nada, o pessoal não ia deixar".

As pessoas de quem fala são os amigos que conquistou nestes anos. Frequentadores desta e de outros tempos poderiam formar uma extensa lista onde, entre desconhecidos e celebridades, figura o nome de Antônio Carlos Konder Reis, O atual governador de Santa Catarina e conhecido ao narrar sua amizade com Trud. Já ao bar na Cidade de solente - estilo suíça - onde encontrava-se com um grupo de amigos no final das tardes para "beber um pouco e conversar bastante". Reforça que sua amizade maior é com Valtrudes e que pouco frequentam o lugar: "É um bar bom, para pessoas adultas". Acrescenta ainda que por estar muito ocupada ultimamente não tem ido ao bar, mas a amizade continua "por telefone".

Alguns deixam de ir, outros começam. Há seis anos a professora Rosita Meyer, 45 anos, realizou um amigo decano. Desde quando era adolescente tinha vontade de ir ao bar, mas "Deus o livre", se a mãe não fosse mais decano, "após

não era lugar para gente doente". Esta "mãe-lua" do bar já é amiga, do tempo em que o filho de marinheiros era maior do que hoje e as prostitutas faziam ponto ali. Rosita aproveitava as épocas de carnaval, "quando as mães não garantem o atendimento", para entrar e ouvir as coisas. O tempo passou, quando foi mais jovem começou a ir lá com um grupo de amigas para jogar cartas e conversar nos finais de tarde, "apoi se aprende de tudo, de tudo a polónia". Hoje convive com filhos, leva o marido e a mãe para lá.

Se depender dos amigos, frequentadores e admiradores, o ideal é que o Trud's Bar funcione para sempre. Mas o terreno onde fica tem um dono. Adacri Coerla quer a prioridade de venda. Valtrudes confessa que já está cansada de trabalhar e presta a fechar um acordo com Adacri. Hoje ela mora nos fundos do bar. Quer dinheiro para comprar uma casa e levar sua vida de aposentada e viúva.

Apesar de estar cansada de trabalhar, Trud sabe a falta que vai fazer o bar e tudo que ele representa em sua vida. As amizades feitas e cultivadas no balcão. Ela quer a transição de uma nova vida, mas sabe que uma boa parte dos amigos não vai acompanhá-la. Há um dado que seu filho relembra quando o modo de ficar doente: Mas doente de quê, Trud? "De solidão".

José Sabatini